

TRAGÉDIA  
NA  
TERREIRA



# TRAGÉDIA NA TERREIRA

A história de Zulmira

Ditado pelo Espírito José Boiadeiro  
Médium Roberto R. Rodrigues

Lilian Campos  
Copyright/2019

1ª edição

Copyright © Lilian Campos. 2019

ISBN: 978-65-900535-3-4

**Autoria**

Lilian Campos

**Capa**

Victor Lima

**Diagramação e Revisão**

Davilan Vilela Borges

C198t

Campos, Lilian

Tragédia na terra: A história de Zulmira /  
Lilian Campos – 1. Ed. – Foz do Iguaçu – PR:  
Edição da autora, 2019.

184 p.: 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-900535-3-4

1. Espiritismo. 2. Mediunidade. I. Título.

CDD: 133.93

CDU: 133.7

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida por quaisquer meios existentes sem autorização por escrito da autora.

## **CARTA AO LEITOR**

Em um cesto de frutas, basta que uma esteja podre para que todas se contaminem e pereçam.

A narrativa desse livro é baseado em uma história verídica, que aconteceu em uma das capitais Brasileiras.

A proposta principal dessa obra é disseminar ensinamentos e conhecimentos para todos que buscam evolução. Para que tal propósito se cumpra, e não interfira na jornada de irmãos encarnados e desencarnados, todos os nomes, datas e locais são fictícios, pois tais informações e detalhes, não interferem na essência do ensinamento.

A história que se desenrola nas próximas páginas, serve como advertência para todos os encarnados que aceitaram a missão de trabalhar como médiuns e fazer a ponte entre o plano físico e extra físico.

Chama-os para a reflexão e conscientização perante a responsabilidade do trabalho mediúnico que sempre deve estar atrelado a caridade e progresso da humanidade.

O drama aqui relatado se repete todos os dias em Terreiras de Umbanda, Quimbanda, Candomblé, Casas Espiritualistas, Centros Espíritas, e todos os lugares que trabalham com mediunidade. Exemplifica as consequências dos descuidos e indisciplina ainda tão corriqueiros nesses ambientes.

Tudo é movimentado pela mente, e uma mente manipuladora tem o poder de arrastar consigo várias pessoas, portanto, basta que uma única alma encarnada se desvie dos propósitos da caridade e se volte para aquisições materiais para que outros se influenciem e se percam nas garras do lucro fácil e ilusório, que nada mais é do que o caminho para queda moral.

Para aqueles que trabalham de acordo com as Leis de Cristo, e reconhecem a responsabilidade da tarefa, pedimos que sejam sensatos e estejam atentos aos espíritos que os cercam, trabalhem com fé e não se deixem levar pelas influências do orgulho, da vaidade, da cobiça e egoísmo, que são as piores ilusões do ego.

Lembrem-se que o bom trabalho exige humildade, disciplina, o caminhar precisa ser em passos retos sobre uma linha tênue, as exigências são muitas, é necessário estudo, conhecimento, esforço, boa vontade e dedicação.

Quando a tarefa parecer penosa, lembrem-se que no final da caminhada serão recebidos e envolvidos pela luz amorosa do Cristo, terão braços abertos e saudosos que aguardam o retorno do filho vitorioso, seus olhos contemplarão irmãos e amigos que estarão prontos para conduzi-los por paisagens e caminhos onde reina a paz.

*José Boiadeiro.*

## SUMÁRIO

CAPÍTULO I – Provas e Expições .....	9
CAPÍTULO II – Ilusões Mediúnicas .....	25
CAPÍTULO III – Estrela da Terreira.....	58
CAPÍTULO IV – O Começo do Fim.....	90
CAPÍTULO V – Madame Zulmira.....	118
CAPÍTULO VI – A Hora da Verdade .....	152



# CAPÍTULO I

## Provas e Expições

No ano de 1975, Zulmira com 10 anos de idade, era a filha mais velha de Vera e Juvenal, entre os cinco irmãos era a que mais se destacava por sua inteligência e atitude, uma menina alta e imponente que desde a mais tenra idade mostrava uma personalidade forte e dominadora, reencarnou em uma família paupérrima, onde o pai, um homem rude e trabalhador encontrava o sustento no árduo ofício de pedreiro, a mãe, mulher pacata e tranquila ajudava no orçamento fazendo consertos de roupas, sempre de bom ânimo, se revezava entre os cuidados da casa, das crianças e a lida na velha máquina de costura.

A casa situada em um bairro pobre misturava-se a uma pequena favela que crescia aos redores, o luxo passava longe da moradia feita de tijolos à vista, piso bruto e sem divisão, a casa parecia-se com um barracão, em um dos cantos cortinas improvisadas cercavam o espaço para o banheiro.

Inúmeras vezes Juvenal se via em apuros, o trabalho era escasso, as obras pagavam pouco, o dinheiro que conseguia mal dava para sustentar as sete bocas que tinha em casa, por mais que trabalhasse de sol a sol muitas vezes a comida e o dinheiro acabavam no meio do mês, nessas ocasiões Vera apelava para a família, vizinhos e até o pároco da igreja que sempre lhes socorriam com um pouco de arroz, feijão e farinha.

Juvenal olhava para sua casa e lamentava, não tinha condições para comprar material de construção e melhorar o ambiente que parecia triste, chegava todos os dias coberto de cimento, pés e mãos endurecidos, o rosto queimado pelo sol mostrava o cansaço de uma penosa vida de trabalho, o corpo dolorido suplicava por um prato de comida, banho e descanso.

Vera reconhecia o esforço do marido, tentava retribuir com uma casa limpa e organizada, filhos asseados e comportados, e uma refeição preparada com esmero. Muitas vezes olhava para o companheiro e se

compadecia, ele não fazia o tipo de marido carinhoso e romântico, em alguns momentos era grosseiro com ela e as crianças, mas sempre foi um homem bom, esforçava-se para dar o melhor para família.

Resignada, Vera mostrava-se sempre amável, carinhosa e pronta para dar uma palavra de conforto para o companheiro e os filhos, era a alma da casa, criada em família católica fazia questão de ensinar para os filhos os mandamentos de Cristo, por vezes conseguia convencer o marido a acompanhá-la nas missas de domingo, raras ocasiões onde toda família se arrumava com a melhor roupa e seguia para ouvir o sermão na paróquia do bairro.

Zulmira ajudava a mãe nos afazeres domésticos, cuidava dos quatro irmãos, e estudava em uma escola no bairro vizinho, todos os dias acordava por volta das seis horas da manhã, ajudava os pequenos nos preparativos para escola, com extremo zelo preparava as lancheiras improvisadas, verificava se os uniforme estavam impecáveis, colocava os pequenos em fila e inspecionava cada uma das crianças:

— Venham aqui, se organizem! Zuleide, Zuleica, Zico, vamos ver se está tudo certo, não podemos nos atrasar!

Colocava os irmãos lado a lado, formando uma escadinha de crianças, olhava as unhas, orelhas, cabelos, tudo para ter certeza de que estavam perfeitos, era extremamente detalhista, quase todos os dias encontrava um desalinho que necessitava ser corrigido, geralmente era Zuleide que trazia alguma sujeirinha no uniforme, e para tal descuido Zulmira sempre tinha uma lição, com a coluna reta, peito estufado, cabeça erguida e semblante austero, a menina repreendia:

— Zuleide sua descuidada! Olhe para isso, veja seu uniforme, está sujo! Não sabe que nossa mãe sofre para lavar a roupa? Venha aqui, vamos limpar isso!

Zuleide, com apenas oito anos via a irmã mais velha como um pequeno sargento, admirava e sonhava ser como Zulmira, sempre que era repreendida acatava as ordens com submissão e alguns choramingos, se Zulmira era um sargento, ela queria ser um bom soldado.

Zulmira, que não gostava dos choramingos dos irmãos se apressava em alertar a pequena:

— Cale-se Zuleide! Engula esse choro agora mesmo! Olha que te dou um cascudo!

Zuleide, sentindo-se ainda mais acuada não conseguia suprir as lágrimas, o que sempre resultava em um leve, mas, doloroso tabefe que Zulmira lhe dava na cabeça:

— Plaft! Tome! Agora tem motivo para chorar! E se não ficar quieta de dou outro!

E assim era quase todos os dias na casa da família, a mãe notava a austeridade da filha mais velha, no entanto, se concentrava na costura, e em Zéca, o filho mais novo com apenas um ano. Muitas vezes Vera se perguntava de onde a filha tirava tantos hábitos diferentes.

O que Vera jamais poderia supor era que na vida anterior Zulmira foi criada entre a alta burguesia, o que se destacava em sua personalidade e atitudes eram reminiscências de outra existência, período em que foi acostumada a ser pajeada e ver todas suas exigências serem atendidas prontamente.

Toda família pertencia a um mesmo grupo de espíritos afins, traziam laços de outra existência, ela, contudo, já havia superado muitos hábitos negativos e agora, na existência atual tinha como missão ajudar no progresso daqueles espíritos que aceitou como marido e filhos. A vida pobre que aceitaram de bom grado ao reencarnar, lhes serviria de lapidação e oportunidade de avanço moral. Entre todos Zulmira era a que tinha mais dificuldade em aceitar a vida humilde e mantinha muitos hábitos da vida anterior.

Na escola a menina era uma aluna exemplar, chegava sempre na hora certa, encaminhava os irmãos para suas salas de aula e seguia para sua turma, mas antes fazia questão de reuni-los e lembrá-los da regra de ouro:

— Escutem bem! Não quero que esqueçam do nosso segredo, ninguém deve saber o que acontece em nossa casa, se alguém perguntar onde moramos jamais digam que é na Vila do Carmo, todo mundo acha que lá é parte da favela do Cachorrão, falem que vivemos nas Lagoas!

Zuleide sempre dava uma risadinha arteira e respondia:

— Sim mana, lá é mais chique!

— Isso mesmo! Ninguém precisa saber que somos pobres, e se perguntarem por que estudamos nessa escola, então digam que gostamos de estar entre os mais necessitados para aprender humildade!

As crianças acatavam a ordem de Zulmira e faziam o possível para esconder a miséria em que viviam, a diretoria e os professores sabiam das dificuldades da família, pois Juvenal suplicou pelas vagas na escola, cansado de procurar uma escola onde todos pudessem estudar juntos, ele se ofereceu para pintar todas as salas de aula e reformar as carteiras, em troca das vagas, dessa maneira garantiu o estudo das crianças.

Os professores sabiam que Zulmira mentia sobre a condição financeira, contudo, fingiam acreditar, pois viam inocência nos atos da menina, mas Rosa, uma das professoras se intrigava com o comportamento da aluna, achava exagerada a demonstração de requintes, uma vez na saída da escola surpreendeu Zulmira pegando o ônibus para um bairro nobre por que precisava despistar os coleguinhas, a menina fazia todo possível para que ninguém soubesse onde morava.

Nos intervalos do recreio Zulmira seguia para a fila da merenda, pegava seu prato e sentava-se em uma das mesas, com movimentos lentos e suaves sacava um pequeno pacote de papel de onde tirava um garfo, uma faca e um pequeno pedaço de pano que servia de guardanapo, olhava para os lados, fitava os coleguinhas com certo desdém, estendia seu guardanapo no colo, pegava os utensílios e começa a comer com o requinte de uma verdadeira dama da sociedade burguesa.

Em certa ocasião, Zuleide, percebendo que a atitude fina e elegante da irmã mais velha impressionava as crianças, resolveu fazer igual, pegou duas colheres de plástico oferecidas pela escola e começou a cortar o macarrão, Zulmira ao notar a tentativa frustrada e vergonhosa da irmã não perdeu tempo em repreendê-la:

— Zuleide! Pare com isso! Não percebe que estão rindo? Está me fazendo passar vergonha!

— Quero comer igual você mana!

— Está bem, está bem, amanhã trarei garfo e faca para você também!

A professora Rosa observava de longe, achava muito estranho o comportamento da menina, já havia comentado em reunião que Zulmira tinha a mania de diminuir os colegas, era arrogante e até faltava com o respeito, apesar do alerta ninguém deu muita importância, afinal, era apenas uma menina de dez anos.

Se aproximava o final do ano letivo, e com isso chegavam as provas finais, como de costume Zulmira tirava as melhores notas, mas isso não era o suficiente, percebendo que Rosa não lhe mostrava simpatia, fazia questão de provocar a professora, no final da aula, ao entregar a última prova do ano, Zulmira não perdeu a oportunidade de provocar:

— Professora, está aqui minha prova. Posso ser sincera? Acho que a senhora deveria se esforçar um pouco mais e fazer provas mais difíceis, essa daqui está longe da minha capacidade!

A professora olhou a menina com espanto, diante de tal comentário mal conseguiu esconder o desgosto em ver tamanha arrogância em uma criança, mantendo a ética profissional explicou:

— Eu sei que você está muito além dos seus coleguinhas, mas precisa entender que eles têm mais dificuldades.

Insatisfeita e ainda mais arrogante Zulmira acrescentou:

— Não seja por isso professora, se a senhora quiser pode fazer uma prova mais difícil para mim!

— Zulmira, bem que eu queria fazer um teste bem difícil para testar sua capacidade, mas não posso fazer uma prova diferente para você, são normas da escola, todos os alunos devem fazer a mesma prova.

— Então está bem professora, fazer o que se nem todos nasceram com a mesma capacidade que tenho.

A professora ficou sem palavras, apenas abaixou a cabeça e continuou seu trabalho.

Encerrado o ano letivo Zulmira era a aluna com as notas mais altas, e fazia questão de mostrar para todos os colegas que era a melhor da escola.

Cinco anos se passaram e Zulmira agora mostrava-se uma bela adolescente, durante o dia ajudava a mãe e a noite ia para o colégio.

Ainda mantinha o mesmo comportamento, dizia para os colegas que o pai era um grande empresário e filantropo, fazia questão que a filha conhecesse todos os viés da sociedade, e por mais inacreditável que parecesse, todos os colegas acreditavam que Zulmira era da alta sociedade e frequentava aquele colégio para praticar a caridade com os mais pobres. Aproveitando os dons de costureira da mãe, andava sempre vestida com as roupas da moda, chantageava, suplicava, brigava e reclamava para convencer Vera a costurar as roupas que ela via nas capas de revista e televisão. Toda essa mentira tinha um custo para Zulmira, pois ela precisava manter um segredo, e dessa maneira não estreitava laços de amizade e nem se envolvia em namoros, fazia o possível para garantir uma distância segura e assim manter sua reputação.

Nessa época a vida da família havia melhorado, o pai conseguiu um emprego com carteira assinada em uma empresa de construção civil. A mãe adquiriu habilidade na confecção de roupas finas, conquistou boa reputação, e clientes de bairros nobres visitavam Vera em busca de belos vestidos que eram confeccionados com zelo, capricho e um preço extremamente acessível.

Zulmira ajudava a receber as clientes, e sempre tentava persuadir a mãe para que cobrasse valores mais altos, seu objetivo era lucrar a qualquer custo, por vezes se desentendia com clientes que buscavam preços baixos. Vera lamentava a ambição exagerada da filha, se preocupava, pois muitas vezes Zulmira demonstrava revolta e fraqueza de caráter.

No período de bonança conseguiram melhorar a casa, Juvenal construiu um banheiro e quartos, e Vera ganhou uma geladeira e um televisor.

E por razões da vida, infelizmente a tranquilidade financeira da família não durou muito.

A favela que rodeava o bairro cresceu rapidamente, os incontáveis casebres construídos sem normas de segurança tornaram-se uma ameaça, e não demorou para que um acidente acontecesse, um incêndio que começou na favela alastrou-se atingindo várias casas da região, inclusive a casa de Zulmira.

No momento do incêndio Vera e as crianças estavam na rua, quando chegaram em casa os vizinhos haviam contido o fogo, não perderam tudo graças a solidariedade dos amigos, mas o estrago foi o suficiente para dificultar ainda mais a vida de todos.

A parte mais afetada foi a cozinha e o quarto de costura, perderam todos os móveis, comida e materiais que Vera usava na confecção, a velha máquina de costura suportou a alta temperatura, mas precisaria de reparos, também se perderam vários vestidos prontos que Vera pretendia vender a pronta entrega.

Mais uma vez a família se viu em apuros, agora sem as costuras de Vera, Juvenal foi obrigado a fazer trabalhos extras nos finais de semana, feriados e até à noite. O salário baixo que mal dava para alimentar a família era dividido com as prestações dos móveis que tiveram que comprar, pois o incêndio acabou com tudo que havia na cozinha.

Sem alimento, sem dinheiro passaram semanas contando com a ajuda dos vizinhos, parentes e da igreja, muitas vezes Vera era obrigada a racionar o alimento, improvisar sopas ralas com as poucas verduras que conseguia no final da feira, e nem todos os dias tinham o pão para o café da manhã. Muitas vezes Juvenal chegava em casa conformado, sabia que teria que dormir com fome, era comum que deixasse sua comida para os filhos.

Os meses se passaram e Vera conseguiu concertar a máquina de costura, retornou ao trabalho e logo a clientela voltou, com muita dificuldade pagaram os móveis e conseguiram vencer mais aquela provação.

No entanto, a miséria sempre rondava a família, raramente conseguiam comprar carne, frutas, ou as guloseimas que as crianças pediam, Vera agradecia a Deus quando tinham ovos ou uma lata de sardinha para dividir entre todos, Juvenal trabalhava arduamente e aos poucos o corpo mostrava o cansaço, Vera olhava para o marido e se compadecia.

As crianças cresciam e pareciam acostumadas a vida de necessidades, nunca reclamavam, mas Zulmira não conseguia esconder a

revolta, muitas vezes interrogava a mãe, queria saber por que tantas pessoas viviam no luxo e eles passavam fome, fazia questionamentos que Vera não sabia responder.

Com quase dezessete anos, Zulmira só falava em enriquecer, emprestava das amigas as revistas de ricos e famosos, e andava pela casa folheando, sonhando e prometendo que um dia teria a vida daquelas pessoas, sempre mostrava um comportamento distinto, fazia questão de se exibir com regras de etiqueta para comer, andar, falar, apreciava coisas caras, sonhava em comer em bons restaurantes, comprar roupas de marca, fazer viagens e se hospedar nos melhores hotéis, queria ter uma vida de luxo.

Vera observava as manias da filha, não entendia onde a menina aprendia tudo aquilo, apelava para os conselhos de humildade, aceitação, mas nada fazia a menina mudar de ideia, e Zulmira sempre tinha bons argumentos e respostas, era tão convincente com as palavras que quase fazia Vera mudar de opinião.

A mãe sabia das mentiras da filha, todos os anos participava das reuniões de pais na escola, e sempre ouvia os mesmos comentários dos professores, Zulmira contava histórias sobre um pai empresário, falava que as roupas feitas por Vera foram compradas no exterior, na saídas das aulas dava voltas e voltas pelo bairro para despistar os colegas, pegava ônibus para os bairros nobres, e quando interrogada sobre o pai, que nunca foi lhe buscar de carro, ela sempre dizia que andar de ônibus era uma demonstração de humildade.

Os professores optavam por não interferir nas encenações da menina, pois as mentiras não causavam problemas para os alunos, contudo, sabiam que Zulmira escondia um grande sofrimento e revolta, sentimentos que mais tarde poderiam levá-la por caminhos difíceis, e nas reuniões sempre alertavam Vera.

Ela voltava para casa, conversava com a filha, falava sobre as vontades de Deus, Zulmira ouvia com respeito, mas parecia não dar muita importância, sempre justificava dizendo que as mentiras não faziam mal a ninguém, e que era apenas uma questão de tempo para se tornarem verdade, pois um dia ela seria rica.

Os anos passavam, as dificuldades, a falta de comida e dinheiro eram constantes, enquanto Juvenal se consumia no trabalho pesado, Vera passava a maior parte do tempo na máquina de costura.

Quando ouvia as reclamações de Zulmira ela escolhia bons conselhos, falava sobre a necessidade de aceitação, mas no fundo do coração carregava uma ponta de tristeza, entendia a revolta da filha, ela também se perguntava por que a vida era tão difícil para eles.

Vera e o marido sempre foram pessoas boas, honestos e trabalhadores, não se entregavam a preguiça e batalhavam há anos, mas sempre que as coisas começavam a melhorar algo inesperado acontecia e tudo que conquistaram parecia escoar pelas mãos.

Às vezes Vera se perguntava por que tantas famílias prosperavam, enquanto eles passavam a maior parte dos meses economizando para ter o arroz e feijão no prato, desejava ter uma vida onde não faltasse o alimento para os filhos, que o marido pudesse ter um trabalho mais leve, e dar para Zulmira uma casa longe da favela.

O bairro que antigamente era pacato e tranquilo foi cercado pela favela do Cachorrão e passou a ser o lugar mais perigoso e mal visto da cidade, até o terreno que compraram com tanto sacrifício se desvalorizou, o maior investimento que fizeram na vida foi aquele pedaço de terra, e até nisso tiveram prejuízos.

Nada naquela vida explicava os motivos de tanta miséria.

Na metade da década de oitenta, Zulmira completava vinte anos, depois que terminou o colegial se dedicou a ajudar Vera em tempo integral, cansada de ficar em casa, e sempre cercada por dificuldade, ela estava com a ideia fixa de conseguir um meio de conquistar sua independência financeira.

Enquanto ajudava Vera nas costuras sonhava com um futuro longe da pobreza da favela, percebendo o rosto cansado da mãe perguntou carinhosamente:

— Mãe, não quer descansar um pouco?

— Não posso minha filha, preciso terminar esse vestido hoje, a mulher vem pegar amanhã cedinho.

— Mãe, estava aqui pensando, depois que terminei os estudos passo muito tempo trancada em casa, quero arrumar um jeito de ganhar dinheiro!

Vera soltou a costura, olhou desconfiada e perguntou:

— Zulmira, no que você está pensando? Pelo amor de Deus minha filha, veja bem o que vai fazer, se eu te pegar aprontando para ganhar dinheiro eu perco a paciência e te pego!

— Credo mãe! Não vou fazer nada de errado!

Vera temia que Zulmira se perdesse na vida, lembrava os alertas dos professores, sabia que a filha era ambiciosa e não aceitava a condição que viviam, seu maior receio era que a menina se entregasse a prostituição ou se envolvesse com os delinquentes da favela. Olhando para os olhos da filha ela quase implorou:

— Filha, eu e seu pai nos matamos de trabalhar para que vocês pudessem estudar, nunca te pedi para trabalhar antes de terminar os estudos, se quer procurar um emprego fico feliz, isso vai ajudar, mas não me envergonhe! Seja uma mulher honesta e ganhe sua vida com um trabalho digno!

— Nossa! Até parece que vou sair roubando ou vendendo meu corpo! Cansei desse assunto! Posso ir à casa da Clarisse?

— Pode, mas não volte tarde, daqui a pouco seu pai chega e não gosta de saber que está na rua!

Zulmira nunca fez amizade com os colegas de escola, mas desde menina brincava com Clarisse e Elizete, as meninas eram do bairro e conheciam a verdadeira Zulmira, quase todas as tardes se encontravam para falar dos meninos, cantores, atores e sonhar com o futuro.

Enquanto Clarisse e Zulmira conversavam, Elizete chegou toda empolgada, mal entrou no quarto, fechou a porta e começou a narração:

— Vocês não vão acreditar onde eu fui ontem à noite!

Curiosas, Zulmira e Clarisse olharam para menina que mostrava um sorriso misterioso, percebendo o interesse das amigas continuou:

— Fui em uma casa de macumba!

As meninas arregalaram os olhos e deram um passo para traz, mostrando indignação Clarisse exclamou:

— Você está louca Elizete? Quer se perder na vida? Nesses lugares eles chamam o capeta! Sua mãe sabe que você foi nesse lugar?

Elizete deu uma gargalhada e respondeu:

— Pois eu não vi capeta nenhum, até que achei muito divertido. A mãe sabe, fui com minha prima.

Zulmira que era curiosa e não via o mesmo perigo que Clarisse, interrogou Elizete:

— Como é o lugar? Conte, me fale como foi, o que você viu? Tem fantasmas lá?

— Se está tão curiosa por que não vai conhecer? Me disseram que tem trabalhos nas terças, quartas e sábados, começa sempre as dezoito horas, mas pra falar com os mortos é só sábado. Se quiser ir eu vou com você! Vamos?

Zulmira sem pensar duas vezes respondeu:

— Eu vou! Quero ver se é como falam! Mas ninguém lá de casa pode ficar sabendo, minha mãe não vai deixar eu ir! Ela vai falar que isso é coisa do capeta!

Clarisse que carregava inúmeras crenças negativas sobre terreiras de Umbanda foi a que mais resistiu à ideia, mas no final acabou se deixando levar pela empolgação das amigas, animadas combinaram a mesma mentira e combinaram todos os detalhes.

Durante a semana só falavam sobre a macumba.

No sábado, por volta das dezesseis horas Zulmira começou a se arrumar. Vera percebendo que a filha se preparava para sair, perguntou:

— Você vai sair minha filha?

— Sim mamãe, vou na festa de aniversário de uma amiga.

— Que amiga é essa?

— É uma amiga do colegial.

— E qual é o nome dessa amiga? Você nunca teve amigas no colégio!

Irritada com as perguntas, Zulmira respondeu com impaciência:

— Quanta pergunta! É a Débora! Ela faz aniversário hoje e me convidou, vou levar Elizete e Clarisse comigo! Será que a senhora pode me dar o dinheiro da passagem?

— Tudo bem minha filha, mas por favor não volte tarde, depois seu pai fica preocupado e não dorme, esteja em casa no máximo até as vinte e duas horas, entendeu?

— Sim mamãe!

Vera deu o dinheiro da passagem e Zulmira não perdeu mais tempo, apressou-se em ir ao encontro das amigas.

Um pouco antes das dezoito horas as três meninas desciam do ônibus, caminharam algumas quadras e logo chegaram a uma residência, ao lado do portão principal uma pequena placa com o nome, Templo de Umbanda Pai Augusto de Oxóssi, ao lado uma seta apontava para um corredor estreito que levava aos fundos da casa, Zulmira e Clarisse se olharam desconfiadas, enquanto isso Elisete entrou empolgada e confiante, percebendo o receio das amigas deu uma risada e perguntou:

— Vão ficar aí fora? Venham suas medrosas!

As meninas se encorajaram e seguiram Elisete, descendo o pequeno lance de escadas se depararam com uma humilde construção de tijolos a vista, do lado de fora uma fila com várias pessoas.

Elisete pediu que as amigas aguardassem, bateu na porta e logo foi atendida por um dos trabalhadores da casa, esse lhe entregou três fichas e pediu que todos aguardassem, a entrada seria liberada às 18 horas em ponto.

Elisete voltou para junto das amigas e mostrou as fichas:

— Eu peguei uma ficha para cada uma, o rapaz falou que hoje poderemos falar com os Pretos Velhos, Baianos ou Caboclos. Vai Zulmira, pegue uma ficha!

— E com quem eu vou falar?

— Isso a gente só sabe na hora, quando o guia termina de atender eles chamam o próximo.

— Então não posso escolher com quem conversar?

— Não Zulmira! Não pode! Vão chamar teu número e você se senta na frente de quem estiver disponível! Vamos esperar pra ver!

Às 18 horas em ponto foi liberada a entrada das pessoas que aguardavam, as meninas entraram e se acomodaram em um dos bancos.

Zulmira olhava para tudo com curiosidade, enquanto Clarisse se assustava até com a própria sombra.

Pouco tempo depois Pai Augusto entrou no congá <sup>1</sup>, iniciou o Pai Nosso, em seguida a oração de São Francisco de Assis e abriu os trabalhos.

Zulmira não aguentava a curiosidade, aproximando-se de Elisete, sussurrou no ouvido da amiga:

— E desde quando se reza Pai Nosso nesses lugares? Eles têm até imagens de Jesus e Nossa Senhora!

— Zulmira, aqui é uma casa religiosa, esperava o quê? Imagens de capeta?

— E pra que tanto médium? Deve ter mais de trinta!

— Minha prima disse que tem quarenta! Não sei por que tem tanto! Agora fique quieta e vamos assistir!

Começaram os toques do atabaque, naquele momento Zulmira sentiu um arrepio lhe percorrer a coluna, o coração até bateu mais forte. Depois de defumar a casa e a assistência, Pai Augusto pediu que tocassem para os Caboclos, e os médiuns logo começaram a incorporar suas entidades. Zulmira nem piscava, sentiu o corpo estremecer quando os Caboclos se aproximaram para aplicar os passes. Enquanto os médiuns incorporados andavam entre a assistência aplicando passes, Zulmira parecia hipnotizada.

Finalizados os passes, alguns dos médiuns continuaram

---

<sup>1</sup> *Congá*: A palavra do idioma Banto. Na Umbanda o Congá é considerado o Ponto com maior concentração de energia, que dá sustentação a casa e aos trabalhos. É onde localiza-se o altar sagrado composto pelas imagens de Oxalá, Orixás, Santos e Entidades. Espaço onde se realiza os trabalhos.

incorporados com seus Caboclos, enquanto outros aguardavam o momento correto para dar passagem a outras entidades. Pai Augusto fez um sinal para que iniciassem os toques para Preto Velho.

Os atabaques soaram e mais uma vez Zulmira sentiu um arrepio percorrer a coluna.

Pouco tempo depois tocaram para os Baianos e logo todos os médiuns estavam incorporados e sentados em seus bancos.

Um dos trabalhadores da casa começou a chamar os primeiros consulentes, e Zulmira mal conseguia conter a ansiedade.

Quando foi chamada pelo número da ficha, se apressou e foi as pressas, o trabalhador apontou a entidade que estava livre.

Zulmira era completamente incrédula, tinha praticamente certeza de que tudo não passava de uma farsa. Mas querendo matar a curiosidade, entrou com passos firmes, coluna reta, peito estufado e cabeça erguida, sentou-se na frente do médium que estava incorporado com Pai Jacó de Aruanda. Assim que se acomodou, carinhosamente a entidade perguntou:

— O que a fía precisa?

Zulmira olhou com certo deboche, bateu no braço do médium e falou:

— Fala verdade moço, não tem espírito nenhum aí dentro!

Pai Jacó pegou seu cachimbo, com toda calma e paciência ajeitou o fumo, acendeu e deu uma longa pitada, em seguida lançou a fumaça sobre Zulmira, abençoou a menina com uma oração e falou:

— Fía, eu sou o Pai Jacó, esse menino que ocê tá olhando é meu médium, tá se doando como um aparelho de trabaio, ele não tá aqui agora, ocê tá é falando com iêu!

Zulmira mal conseguia conter a risada, no entanto, sentiu que fumaça do cachimbo lhe causava algum tipo leveza. Ainda duvidando perguntou:

— Então o senhor tá morto?

— Não fía, na verdade to é mais vivo que ocê!

Pai Jacó sorria, podia ver que Zulmira não tinha instrução e não acreditava que estava falando com uma entidade. Com carinho segurou a mão da menina e falou:

— Fía, não é por acaso que ocê chegou até aqui, ocê tem mediunidade, precisa trabaiaá isso, seus guias estão esperando.

— Eu nem sei como é essa tal de mediunidade!

— Mediunidade é um presente que Deus dá pros filhos avançarem na caminhada, com isso podem trabaiaá, se ajuda e ajudar outros irmãos!

— E o que ganho com isso?

— Ahaaa fía, ganha muita coisa boa! Vai pôde fazê caridade e ganhá luz, evolução! Mas antes a fía precisa fazer algumas mudanças.

— Que mudanças?

— A fía tem que olhá pra dentro e repará nas coisas feias que faz! Precisa vencê o orgulho e arrogância, precisa se equilibrá. A fía tem que pensá bem nas coisa que faz, trabaiaá com mediunidade é coisa muito séria! Mas nós ajuda a vencê todas essas coisas ruins!

— E como faço pra ganhar esse tal equilíbrio?

— A fía vai falá com o pai da casa, ele vai dizê tudo que a fía precisa fazê, mas não adianta querê ter pressa, tem que ter paciência e antes de tudo reconhecer essa arrogância que a fía carrega! Humildade é muito importante, petulância não faz bom médium!

Pai Jacó tentava mostrar o quanto era importante ela se conscientizar dos aspectos negativos que carregava, enquanto isso, Zulmira com o rosto apoiado nas mãos, mal conseguia disfarçar o tédio que a conversa lhe causava. Depois de alguns minutos e preciosos conselhos, Pai Jacó dispensou Zulmira, mas antes fez questão de lembrá-la:

— Fía, não deixe de falá com o pai da casa, e não esqueça dos conselho desse véio!

Em pouco tempo Zulmira esqueceu de quase todas as palavras do Preto Velho, no entanto, a palavra prosperidade não lhe saia da mente. Imatura e cheia de ambições ela não conseguia compreender a

diferença entre prosperar materialmente e espiritualmente, e começou a ver na mediunidade um meio de ganhar a vida.

Naquela noite Zulmira mal conseguiu dormir, a cabeça não parava de pensar na oportunidade para mudar de vida.

Os dias se passaram e no sábado seguinte, mais uma vez Zulmira se preparava para ir à terreira, intrigada Vera perguntou:

— Você vai sair de novo? Onde vai hoje?

— Vou para casa de Débora.

— Mas de novo?

— Sim mamãe! E qual é o problema! Ela é minha amiga! A senhora pode me dar o dinheiro da passagem?

— Minha filha, mal temos para o pão!

— Por favor, mamãe!

— Está bem, pegue esse dinheiro, mas não gaste o troco, precisamos para comprar o pão e leite da semana!

Poucas horas depois, Zulmira, Elizete e Clarisse estavam sentadas na terreira de Pai Augusto.

Naquela noite Zulmira foi encaminhada para conversar com um Caboclo, a entidade repetiu os conselhos de Pai Jacó, e ainda foi mais direto ao explicar que, antes de reencarnar ela havia assumido um compromisso de trabalhar com a mediunidade e que estava na hora de assumir a responsabilidade com consciência.

E novamente Zulmira voltou para casa crente de que tinha um dom, e esse poderia lhe abrir várias portas. A menina era uma sonhadora, carregava um bom coração, mas a vida de miséria fez com que se entregasse a ambição desmedida, todas suas intenções eram contrárias ao verdadeiro e digno trabalho mediúnico.

Completamente envolvida por ideias confusas, nunca concluiu que seus caminhos foram guiados para que ela chegasse até aquela terreira, pois chegava o momento de aceitar um compromisso assumido antes de reencarnar, naquela casa humilde, amparada pela espiritualidade ela cumpriria sua missão.

## CAPÍTULO II

### Ilusões Mediúnicas

Na terça-feira Zulmira inventou uma mentira para Vera e foi até a terreira, queria conversar com Pai Augusto e saber quando poderia começar os trabalhos.

Chegando no lugar o Babalorixá estava conversando com algumas pessoas que foram buscar ajuda, e depois de alguns minutos atendeu Zulmira:

— O que você deseja minha filha?

— Pai Jacó falou para eu conversar com o senhor, ele disse que tenho mediunidade.

— Se Pai Jacó falou então está falado, mas antes vamos jogar os búzios, venha comigo.

Augusto era um homem calmo, com apenas quarenta anos mostrava um semblante tranquilo e muita maturidade. Dedicava sua vida a terreira e ganhava seu sustento trabalhando em uma loja de ferramentas. Começou a trabalhar com a espiritualidade aos vinte anos, pouco tempo depois a mãe lhe concedeu a parte dos fundos do terreno onde ele montou a terreira. Foram anos de economia, esforço e dedicação até conseguir concluir a pequena e humilde casa de caridade. Era homem honesto que fazia o possível para elucidar os médiuns, atendia com carinho todos que necessitavam de amparo, e sentia-se feliz ao contar que nunca precisou cobrar um centavo para manter a terreira. Augusto vivia modestamente, mas em paz.

Guiando Zulmira até uma pequena sala, Augusto apontou uma cadeira e pediu que a menina se sentasse, percebendo que Zulmira era muito jovem, ele perguntou:

— Minha filha, quantos anos você tem?

— Dezoito, logo completo dezenove.

— É muito jovem, mas já pode começar seu desenvolvimento, se Pai Jacó falou que tem mediunidade e precisa trabalhar, então acredite,

ele sabe muito bem o que fala, é um ser de muita sabedoria! Vamos jogar os búzios para saber quem são seus pais de cabeça.

— Fazer o quê? Eu já sei quem são meus pais, eles moram comigo!

— Não minha filha, você não entendeu, seus pais de cabeça são os Orixás que comandam seu Ori, e os búzios vão mostrar quem são.

— Comandam o quê? Ori? Mas o que é isso?

— Orixás são vibrações, com o tempo e estudo compreenderá o que são. E ori é seu chacra coronário, basicamente isso, não posso te explicar tudo agora.

Percebendo que Zulmira não entendia nada do que ele falava, Augusto apenas completou:

— Logo entenderá!

Augusto jogou os búzios e afirmou:

— Minha filha, você é filha Ogum e Iansã. Ouça, seus guias estão ao meu lado, posso ouvi-los, eles estão me dizendo que você precisa criar juízo, que mediunidade está a serviço da caridade e não é ferramenta para aquisição de lucros fáceis!

— Isso eu já entendi! Não precisa repetir, o Preto Velho e o Caboclo já me falaram! Quando é que posso começar?

Augusto se assustou com a impetuosidade da menina, mantendo a calma, e ainda sentado pediu:

— Quero que preste atenção. Essa casa só trabalha para caridade, aqui não cobramos nada, aceitamos o que as pessoas trazem como doação. Os médiuns ajudam mensalmente com um valor simbólico que é para comprar velas e pagar a conta de luz, essa é a única transação financeira que acontece aqui! Mediunidade não é para ficar rico, é um compromisso com a caridade ao próximo! Um bom médium precisa estudar, adquirir conhecimento, ter disciplina, paciência e amor no coração!

— Entendi isso também, e quando é que posso começar?

— Menina, parece que você não está me entendendo! Você não pode começar agora, precisará passar pelo desenvolvimento, e só Deus é quem sabe quando estará pronta para trabalhar!

— Está bem, e quando começo esse tal desenvolvimento?

Augusto percebeu que a tarefa seria mais difícil do que ele imaginava, Zulmira parecia não dar a mínima importância aos seus conselhos e alertas. Por um breve momento sentiu vontade de dispensar a menina, receando cometer uma injustiça, se esforçou para manter a calma.

— Pode vir toda quarta-feira às dezoito horas, consiga saia e camiseta ou camisa branca.

— Está bem, voltarei na quarta!

Pai Augusto a acompanhou até o portão e olhou a menina partir, algo em seu coração pressentia que teria problemas com Zulmira, apesar de ser um bom médium, nem sempre conseguia captar aquilo que seus guias falavam, não pressentiu que ao seu lado um dos seus guias alertava para que tivesse cautela e vigilância redobrada com a menina.

Chegando em casa Zulmira foi direto para a cama. Vera estava a cada dia mais intrigada com os sumiços da menina, dessa vez não se conteve, foi até o quarto e interrogou com energia:

— Zulmira, o que é que você anda aprontando? Esses seus sumiços andam me preocupando!

— Não estou fazendo nada de errado! A senhora não larga do meu pé!

— Sou sua mãe e tenho o direito de saber o que você faz e por onde anda!

— Fui visitar a Débora!

— Mas de novo na casa dessa menina? O que é que vocês fazem tanto? Me dê o telefone dessa sua amiga, quero ligar e falar com a mãe dela!

— Não fazemos nada de mais, conversamos e só isso! Ela não tem telefone!

— Zulmira, se eu pegar você aprontando, vendendo seu corpo em troca de dinheiro, eu pego aquela vassoura e quebro em suas costas!

— Que é isso mamãe! Eu jamais trocaria meu corpo por dinheiro, sou uma menina de família, de respeito! Somos pessoas humildes, mas honestas, nasci assim e vou morrer assim!

Vera deu o assunto por encerrado, mas não se convenceu com as explicações da filha, daquele dia em diante ficou ainda mais atenta e começou a planejar um meio de descobrir o que a menina estava fazendo.

Zulmira, que mal conseguia conter a ansiedade, precisava dividir aquele segredo com alguém, e no dia seguinte contou para Elizete e Clarisse os últimos acontecimentos.

Confiando na discrição e lealdade das amigas pediu ajuda para conseguir as roupas brancas que usaria no desenvolvimento, e não demorou para que conseguissem o que Zulmira precisava.

Zuleide, que sempre idolatrou a irmã mais velha, andava desconfiada dos segredos entre as meninas, perguntou, investigou, seguiu, até descobrir que as três estavam frequentando um centro de macumba. Curiosa, não aguentou manter a discrição e decidiu perguntar:

— Mana, é verdade que você está indo em uma casa de macumba e está falando com os mortos?

— Quem é que te contou isso menina?

— Foi Ritinha, ela me disse que toda semana você, Elizete e Clarisse vão para macumba!

— Eu bem que avisei a Clarisse para não deixar a Ritinha desconfiar, irmã mais nova sempre arruma problema!

— Eu não vou contar pra ninguém! Se mamãe souber vai ficar doida! Você vê gente morta mesmo?

— Vejo sim! Sinto cada coisa que você nem imagina. Acabei de descobrir que tenho um dom especial, sou médium!

— Nossa! Você é médium! Mas o que um médium faz?

— Médium é uma pessoa muito, muito especial que os espíritos escolhem para entrar no corpo!

— Nossa mana! Me deixa eu ir com você?

— Deixo, mas não podemos contar nada para mamãe, ou ela mata nós duas!

— Não vou contar! Prometo!

Na quarta-feira, por volta das dezesseis horas, as meninas começaram a se arrumar, Vera ao perceber a movimentação logo interrogou as filhas:

— Onde é que as meninas pensam que vão?

Zulmira apressou-se em responder:

— Vamos na casa da Débora, hoje faremos uma reunião de meninas!

— Zulmira, você só pode estar brincando comigo, antes era todo sábado, agora é quase todos os dias! E hoje Zuleide vai também?

Zulmira, que conhecia o coração doce e compassivo da mãe se aproximou de mansinho, a abraçou carinhosamente e pediu:

— Por favor mamãe, só queremos nos divertir e conversar, prometo para senhora que antes das vinte e duas horas estaremos em casa, por favor!

Vera, que não conseguia negar aos apelos dos filhos, olhou carinhosamente para filha e concordou:

— Está bem, mas quero conhecer essa sua amiga! Peguem o dinheiro do ônibus, e voltem até as vinte e duas horas.

Zulmira e Zuleide mais que depressa pegaram suas coisas e seguiram para casa de Elisete, pegaram a roupa que Zulmira usaria no desenvolvimento e foram para o ponto de ônibus.

Por volta das 18 horas as meninas aguardavam o início do desenvolvimento, enquanto isso Zulmira contava para a irmã como era a vida de médium:

— Ser médium não é para qualquer um, precisa ser uma pessoa especial para isso!

Zuleide ouvia admirada:

— Nossa mana, é verdade?

— Sim, o Preto Velho me falou que tenho uma missão muito importante!

— Que missão?

— Trabalhar com meus guias! Eles vão entrar em meu corpo e ajudar as pessoas!

— Eles vão entrar no seu corpo? E você não tem medo?

— Não! Eu nasci preparada para isso!

— Mana, será que eu também sou médium? Posso perguntar pro Pai Augusto?

— Claro que não! Na nossa família já tem eu com mediunidade! Você entre e fique quietinha assistindo!

Zulmira não tinha a menor ideia do que falava, acreditava plenamente que era uma pessoa dotada de poderes especiais, na verdade sentia satisfação em se ser vista e admirada como alguém diferente e melhor que os outros.

Quando estavam todos acomodados em seus lugares, e Pai Augusto iniciou uma breve palestra:

— Como todos aqui já sabem, hoje é dia de desenvolvimento, vamos tocar os atabaques para os Orixás e aos poucos vocês vão sentir as vibrações e se familiarizar com as entidades que se apresentarem para os trabalhos.

Todos ouviam Augusto com atenção, com exceção de Zulmira que apoiava a mão na cabeça segurando-se para não dormir.

Olhando para menina Augusto continuou:

— Hoje temos uma nova irmã que vai iniciar o desenvolvimento.

Apontou para Zulmira e essa prontamente se ajeitou na cadeira e sorriu para os futuros irmãos de corrente.

Augusto falava para todos, mas daquele momento em diante passou a olhar para Zulmira com mais intensidade, fazia o possível para deixar claro a seriedade do trabalho:

— Vocês estão vendo aqueles livros sobre a mesa? São os livros básicos, precisam ler e conhecer muito bem! Médium sem estudo é ferramenta enferrujada!

Um menino ainda muito jovem que acabava de começar o desenvolvimento replicou:

— Os livros de Allan Kardec? Mas eles são livros espíritas e estão ultrapassados!

— Os livros de Kardec trazem os ensinamentos de Cristo por meio dos espíritos, e ensinam como a espiritualidade desenvolve seu

trabalho com os encarnados, portanto, é de suma importância que conheçam essas obras! São obras antigas, mas, não ultrapassadas, trazem ensinamentos que até hoje não conseguimos praticar! Como médiuns vocês precisam entender como acontece o trabalho com a espiritualidade!

Mais uma vez o menino questionou:

— Mas existem livros de Umbanda!

— Os livros de Umbanda, ainda trazem muitas controversas, se não souberem o que ler ficarão mais confusos, nossa religião ainda é muito mal interpretada, algumas obras de Umbanda causam até medo! Trazem ensinamento completamente contrários ao amor de Cristo! Estudem o que é mais seguro, comecem pelo básico e necessário! Além dos livros de Kardec temos as obras de Chico Xavier, essas também falam sobre o mínimo que qualquer médium precisa saber!

Augusto olhou fixamente para Zulmira e continuou:

— Vocês não podem entrar aqui, incorporar e nem sequer saber como o processo acontece! Precisam entender o que acontece, quem incorporam, quem está ao lado, na frente ou atrás, quem está ajudando e trabalhando! Se não souberem isso vão dar passagem para qualquer um! Meus filhos, vou dar um exemplo, se nessa casa temos cem guias trabalhando, do lado de fora existe um número dez vezes maior de espíritos inferiores prontos para prejudicar! Nosso trabalho interfere em suas intenções malignas, não podemos dar passagem para esses espíritos, precisamos ter conhecimento, entendimento, sabedoria para não sermos enganados! Se não tiverem entendimento e conhecimento, poderão dar passagem para um espírito zombeteiro e acreditar que estão com um guia de luz!

Zulmira mal conseguia esconder o tédio, mentalmente se perguntava quando é que aquele falatório acabaria. Ainda com a cabeça apoiada na mão, começou a bocejar e fechar os olhos.

Augusto, notando o desdém, disfarçadamente aproximou-se de Zulmira e bateu com vigor as palmas das mãos.

Zulmira deu um salto na cadeira:

— Que susto!

— Zulmira, você pode me dizer o que falei nos últimos cinco minutos?

— Eu não sei, não vim aqui para ouvir sermões!

— Minha filha! Precisa prestar atenção! Você nunca frequentou nenhuma casa espírita e nem estudou, não sabe nada! Desse jeito que tipo de médium você será? Está pensando que o trabalho é só incorporar? Precisa agradecer a Deus por ter chegado até aqui, sabe-se lá o que seria de você se encontrasse uma casa onde os trabalhos são corrompidos! Você me entendeu?

Zulmira virou os olhos e respondeu com impaciência:

— Tá! Tá! Eu entendi!

Pai Augusto continuou:

— Zulmira, a primeira coisa que precisa aprender é ser mais humilde e menos arrogante! Que isso sirva para todos, mediunidade não é moeda de troca! O trabalho exige disciplina, esforço, dedicação e principalmente, o desejo sincero de se melhorar e ajudar o próximo! Outra coisa que quero deixar bem claro! Espírito nenhum entra dentro do corpo do médium, o que fazem é se conectar em seus corpos sutis por meio dos pontos energéticos, para entender isso com mais clareza precisam estudar! Todos entenderam? E você Zulmira, se eu te pegar cochilando mais uma vez, prometo que o susto será maior!

Zulmira que já não aguentava mais o repertório, começou a xingar mentalmente, olhava para Augusto pensando nos piores palavrões.

Os pensamentos fixados em Augusto, carregados por força e energia negativa fizeram com que o pai de santo sentisse um mal-estar e captasse as palavras de baixo calão. Impressionado com a sensação ele olhou o fundo dos olhos de Zulmira e percebeu o profundo desprezo. Temeroso ele voltou o olhar para as imagens do altar e pensou:

— Meu Pai Oxalá! Se é isso que essa menina está pensando, tenha misericórdia! E se eu estiver enganado me perdoe!

Augusto tinha uma mediunidade bem desenvolvida e sensibilidade aguçada, muitas vezes captava pensamentos carregados de energias. Quando estava em um estado de serenidade e tranquilidade

conseguia ver os guias trabalhando com seus médiuns, mas nem sempre essa percepção era contínua, pois assim como qualquer encarnado seu padrão vibratório oscilava, e nessas ocasiões não conseguia perceber o que se passava do outro lado. Essa instabilidade deixava Augusto confuso, inseguro, e lhe causava conflitos.

Zulmira continuava a olhar para Augusto com expressão de desprezo, as impressões que recebia da menina começaram a lhe causar penoso desconforto, sentia-se perturbado. Enredado pelas energias negativas que a menina lhe enviava ele entrou em um tipo de confusão mental, parou no meio do congá, estático olhava para o horizonte enquanto balbuciava algumas palavras que ninguém conseguia entender. Uma das médiuns preocupada perguntou:

— Pai Augusto, o senhor está bem?

Ele acenou positivamente com a cabeça, enquanto isso, mentalmente pedia:

— Pai Xangô, Pai Xangô, se estou julgando essa menina, por favor me ajude, eu não quero ser injusto! Se ela está aqui é porque a providência divina determinou, se perturbações rondam essa casa, então que eu possa suportá-las como provas! Me traga sua proteção meu Pai Ogum! Seu amor Pai Oxalá! Que eu tenha força para encaminhar essa menina!

Voltou a olhar para Zulmira, sentiu medo, um peso nas costas, pressentia que algo grave poderia acontecer, temia uma desgraça em sua terreira. Percebendo que os médiuns olhavam estranhamente ele se esforçou para repelir a impressão negativa e se libertar da agrégora mental que captou da menina. Concentrando-se retomou os ensinamentos:

— Está tudo bem, vamos continuar! Antes de encerrar tenho um conselho para vocês. Nunca esqueçam que essa é uma casa de Umbanda, e não um comércio, nós seguimos os ensinamentos passados por Pai Zélio, e vamos continuar assim! Nosso primeiro mandamento é a caridade! Trabalhamos sem pensar em lucros ou ganhos materiais! Tudo que recebemos de graça será dado de graça! Quando tiverem dúvidas perguntem aos guias, eles são os mais capacitados para responder! Não

começam a perguntar para amigos, colegas e pessoas que não tem instrução e conhecimento! Peço que nosso Pai Oxalá, que Deus ilumine a mente de todos, que não esqueçam a importância de estudar, e entender o que acontece com vocês!

Encerrada as explicações Pai Augusto pediu que os médiuns dessem as mãos e formassem uma corrente, fez uma oração sincera, e quando todos estavam concentrados fez sinal para que iniciassem os toques.

Zuleide, assistia com empolgação, não tirava os olhos da irmã, mal conseguia esperar o momento de ver Zulmira com um espírito dentro do corpo.

Passados alguns minutos os médiuns sentiram as primeiras impressões, alguns incorporaram, outros sentiam a presença de seus guias que estavam limpando, equilibrando e acionando seus pontos de energia.

Zulmira olhava com atenção para cada um dos médiuns, de repente sentiu algo diferente, um calor na nuca, um frio que lhe percorria a coluna, parecia que alguém lhe cutucava suavemente. Olhou para o lado e não viu nada. Ela não conseguia perceber com os olhos de carne, mas, parado ao seu lado estava um Caboclo Pena Vermelha que se apresentava para trabalhar. Com extremo cuidado ele preparava Zulmira para a tarefa, alinhava, limpava e equilibrava seus pontos energéticos, como um maestro ele coordenava a energia que percorria a coluna de cima, abaixo. Sua intenção era iniciar a preparação, ainda não era momento de incorporar.

Enquanto o Caboclo concentra-se na tarefa, algo inesperado aconteceu.

Para o espanto e surpresa de todos, Zulmira deu um berro, se agachou abruptamente e bradou no meio do congá. Levantando a cabeça para o alto, o rosto mostrava uma carranca sisuda, os braços se movimentavam com energia e rapidez, parecia que atirava flechas para todos os lados.

Os guias que trabalhavam com seus médiuns se olharam intrigados, um deles perguntou para Pena Vermelha:

— Mas o que foi que aconteceu?

O Caboclo de Zulmira parecia incrédulo, com expressão interrogativa olhou para os companheiros de trabalho, em seguida para as próprias mãos, e respondeu:

— Eu não sei o que aconteceu! Acho que existem somente duas respostas! Ou minha força é maior do que pensei, ou essa minha menina está é muito desequilibrada!

Os guias se entreolharam e riram em tom de solidariedade.

E Zulmira caminhava de um lado para o outro, batia com força no peito estufado, bradava e atirava flechas.

Pensando em como ajudar a médium, Pena Vermelha assistia a cena e refletia:

— Vou dar um tempo, pode ser que ela se acalme e perceba que criou mentalmente um Caboclo, isso é normal, às vezes acontece com médiuns iniciantes, ela está recebendo as primeiras impressões.

Entregue as reflexões, foi surpreendido pelo mentor de Zulmira que se aproximou comentando:

— Conheço essa menina a várias existências! A tarefa não vai ser fácil!

Respeitando a sabedoria do mentor, com humildade o Caboclo perguntou:

— E o que o amigo me sugere?

— Que tente mais uma vez, faça pelo bem da espiritualidade e avanço da humanidade!

— Vou tentar novamente no próximo desenvolvimento.

— Tente, mas se deseja que ela se torne uma boa trabalhadora, esteja preparado para muito esforço, paciência e dedicação, e as chances são pequenas, ela se entregou a pensamentos distorcidos e desequilibrados, pensa que a mediunidade pode ser uma maneira de ganhar a vida e sair da pobreza!

O Caboclo olhou entristecido, enquanto isso os outros guias admiravam-se com a cena nunca vista naquela terreira.

De repente Zulmira atirou-se no chão, abriu os olhos e respirava acelerada e profundamente.

Pai Augusto correu até Zulmira, aplicou passe, levantou a menina, deu-lhe água e perguntou:

— Você está bem minha filha?

— Estou bem, foi o meu Caboclo, é uma energia muito forte! Ele é muito forte!

— Calma minha filha, está tudo bem, é só o impacto que foi muito grande! Seus guias devem ter muita luz!

O comentário foi como lançar mel para as abelhas, Zulmira sentiu-se ainda mais importante, afinal, guias de tanta luz só poderiam trabalhar com uma pessoa extremamente especial. Com os olhos brilhando de satisfação ela comentou:

— É verdade, meus guias têm muita luz!

— Agora volte para corrente minha filha, vamos continuar os trabalhos.

Zulmira levantou-se e voltou para corrente com o peito estufado, o nariz empinado, mostrando ares de importância, mal conseguia segurar o próprio orgulho.

Augusto retomou o trabalho com os outros médiuns, e pouco tempo depois a iniciação com os Caboclos se encerrava.

Pena Vermelha olhou para menina, deu um leve sorriso tentando disfarçar a frustração. Dois de seus colegas de trabalho se aproximaram, e um deles comentou:

— Isso é lamentável, mostra até onde o ser humano é capaz de chegar para conseguir atenção! Meu amigo, não se frustre, deixe-a com seus problemas pessoais, hoje não poderá fazer mais nada, sabemos que tentará ajudá-la, mas é possível que use de todos os recursos e não consiga!

Pena Vermelha concordou, naquele dia não poderia fazer mais nada. Se juntou aos outros guias, de mãos dadas, em concentração e pensamentos elevados formaram uma corrente de energia que girava em torno do grupo, laços de luz se espalhavam em todas as direções, unidos em pensamentos todos olhavam para um mesmo ponto no céu, em poucos segundos formou-se em torno do grupo um feixe de luz brilhante que subiu rapidamente misturando-se ao universo infinito.

Pai Augusto olhou para os médiuns e perguntou:

— Todos estão bem?

Zulmira, se abanando comentou:

— Meus guias são muito fortes! É muita luz! Muita Luz!

Um dos irmãos de corrente, surpreso com a reação de Zulmira, comentou:

— Nossa! Devem ser espíritos muito elevados! Olha como ela ficou!

Zulmira, ouvindo a declaração sentiu o ego inflar tanto que quase flutuou. E para completar falou:

— Vocês não podem imaginar o que eu senti quando ele entrou dentro de mim!

Pai Augusto olhou contrariado, e para evitar mais confusão e burburinho interrompeu o alvoroço:

— Mas pelo amor de Deus! Zulmira, realmente você não ouviu nada que falei na palestra! Eu expliquei que espírito não entra dentro do corpo do médium! Ele apenas encosta, se aproxima e se conecta em seus pontos de energia.

— Pode até ser, mas a sensação que eu tive foi outra, parecia que estava dentro!

— Está bem, está bem, vamos continuar o trabalho, quem sabe assim aprendam um pouco mais! Vamos chamar os Pretos Velhos! Adorei as Almas! Salve os Pretos Velhos! Salve Pai Joaquim! Salve Pai José! Salve Pai Jacó! Salve o Povo de Aruanda!

Iniciaram-se os toques para os Pretos Velhos, e mais uma vez os médiuns se concentraram, entraram em oração e esforçavam-se para sintonizar seus guias. Aos poucos os Pretos Velhos se aproximavam de seus aparelhos, devagarinho e com calma se conectavam em seus médiuns.

Zulmira observava tudo com extrema atenção, viu que alguns dos irmãos de corrente começaram se curvar, e incorporar as entidades, até aquele momento ela não sentia nada.

Ao seu lado havia uma senhora magrinha, de baixa estatura, com os cabelos presos, olhos cheios de amor e ternura. Com carinho passou a

mão nas costas de Zulmira, nesse momento a menina sentiu a presença da entidade, e mais uma vez, para surpresa de todos, Zulmira deu um solavanco seguido de um balucio característico dos Pretos Velhos.

Uma das irmãs da corrente olhou assustada e perguntou:

— Você está bem? Precisa de ajuda?

— Não encoste em mim! É minha Preta Velha que está entrando! É Maria da Conga! Eu já sei, ela me disse! Estou me concentrando!

A médium se afastou, e Zulmira entortou a boca, começou a se curvar, tremia com os braços e mãos apoiados nos joelhos, quando estava com a cabeça quase no chão olhou para a colega e disse:

— Tá vendo só! Te disse que era a Preta Velha! Agora fique quieta que preciso de silêncio e concentração!

A Preta Velha de Zulmira era uma trabalhadora da falange de Vovó Catarina. Acompanhando o espetáculo, olhava entristecida. Ouvindo os comentários da menina, a boa velhinha se aproximou e suplicou:

— Não faça isso minha filha, eu não estou ligada a você! Não sou uma Preta Velha Maria da Conga, sou Vovó Catarina!

Sentindo-se impotente assistia Zulmira quase se arrastando pelo congá, enquanto isso os outros Pretos Velhos observavam a cena e consolavam a companheira.

Um dos médiuns, incorporado com um Preto Velho, parou em frente de Zulmira e falou:

— Saravá minha filha!

A menina, respondeu asperamente:

— Não sou sua filha! Sou Vovó Maria da Conga!

— É mesmo? Deus tá vendo! Meu médium aqui tá com iêu, e ocê tá com o quê?

E para piorar ainda mais a situação Zulmira respondeu:

— Deus está no meio de nós! Sabe de uma coisa? Ocê tá me incomodando! Eu tô indo embora, vou voltar pra Aruanda!

Em seguida começou a tremer e falar alto para que todos pudessem ouvir:

— Tô indo embora, já marquei minha presença, fiquem na paz de nosso senhô Jejus Cristo!

Antes de encerrar a encenação, levou os dedos até o chão e rabisçou alguns riscos, sequer sabia o que está fazendo, mas simulou um ponto riscado.

Quando terminou de fazer o ponto riscado, Zulmira estremeceu, e caiu no chão, os irmãos de corrente que não estavam incorporados correram para ajudar, ofegante, zonha e cansada ela resmungou:

— Que energia poderosa! Que forte! Que energia pesada tem a Preta Velha!

Uma das irmãs de corrente estranhou, todos sabiam que entidades de luz sempre deixavam uma sensação de leveza e tranquilidade. Intrigada perguntou:

— Energia pesada? Como assim?

— Parece que estou levando um peso nas costas!

— Venha, se levante, deve ser a primeira impressão, com o tempo vai perceber que eles só deixam leveza!

Vovó Catarina, vendo Zulmira completamente entregue aos devaneios, se aproximou da menina e novamente tentou lhe intuir:

— Minha filha, você não estava incorporada! Se liberte desses pensamentos, eles estão errados!

Um dos Pretos Velhos se aproximou, com solidariedade falou:

— Essa menina ainda tem que aprender muito, se não seguir em passos retos no caminho da luz ela vai se perder! Eu estava presente quando o Caboclo dela tentou trabalhar, percebi que ele se sentiu fracassado, pois não teve êxito. Vamos pedir a Deus que tenha juízo!

A Preta Velha apenas balançou a cabeça lamentando a situação.

Na corrente os médiuns se mostravam impressionados com a aguçada mediunidade que se expressava tão intensamente já no primeiro dia de iniciação. Alguns começaram a acreditar que Zulmira era uma médium especial.

Pai Augusto também se admirou, no entanto, ainda cauteloso e desconfiado se manteve atento a Zulmira. Não queria que os médiuns se impressionassem e comesçassem a ver Zulmira como um ídolo.

Encerrado os trabalhos com os Pretos Velhos, novamente pediu aos médiuns que se organizassem, pois agora chamariam os Orixás.

Todos se colocaram em concentração, os atabaques emitiram as primeiras vibrações e logo começaram os toques para Iansã. A vibração que movimentava uma energia potente fez-se sentir em todos os cantos da casa, até mesmo Zuleide e os outros expectadores que estavam na assistência sentiram a energia.

Dessa vez a primeira e incorporar a vibração do Orixá foi Zulmira, assim que sentiu a primeira impressão deu um grito majestoso, levantou o braço direito e saiu a rodopiar pelo congá. Completamente envolvida pela própria criação mental, dessa vez nenhum guia havia se aproximado, o que ela sentiu foi apenas a vibração, mas quem podia duvidar? Zulmira parecia completamente entregue a Iansã.

Pai Augusto olhava admirado, em todos os anos de trabalho na terreira jamais havia presenciado tamanha demonstração de vigor e potência mediúnica. Zulmira rodopiava como um pião, tanto girou que caiu estatelada no chão. Augusto correu em seu auxílio, completamente zozza Zulmira ofegava, abanava-se, tentando se sentar olhou para Pai Augusto e falou com voz estremecida:

— É uma energia muito forte, Iansã corre em minhas veias! Ela me dominou completamente, é minha mãe! Êparrei Iansã! Êparrei minha mãe!

— Calma filha, respire devagar, você está cansada! É muita energia!

E quanto mais atenção Zulmira recebia, mais sentia seu ego alimentado, era uma satisfação sem igual, sentia-se a melhor entre todos.

Pai Augusto olhou para os outros médiuns e percebeu que já no primeiro dia Zulmira conquistou a admiração de todos. Preocupado com os burburinhos que não paravam, decidiu fazer a oração de agradecimento e dar a iniciação por encerrada.

Antes de dispensar os médiuns chamou Zulmira em particular, com carinho e paciência explicou:

— Zulmira, você ainda tem muito que aprender, precisa ter mais equilíbrio!

— É verdade Pai, tem toda razão, eu caí!

— Minha filha, não estou falando desse tipo de equilíbrio! Precisa de equilíbrio mediúnico!

— Pai! O senhor sabe que não era eu! Iansã me pegou muito forte! O senhor tem razão, sem equilíbrio vou ficar caindo, e serei chamada de desequilibrada!

— Está certa minha filha, pense como quiser, vá para sua casa descansar! Te vejo na próxima quarta.

Augusto dispensou a menina, ele sabia que verdade Zulmira mal sabia o que era um Orixá, e quem era Iansã. Olhando para o singelo altar suplicou:

— Pai Oxalá! Ilumine a mente dessa criatura!

Zulcide, completamente admirada, agora comparava Zulmira a um Deus. Acreditando que a irmã era a pessoa mais especial que ela viu na vida, não parava de fazer perguntas. As meninas voltaram para casa e foram direto para cama, fizeram o possível para não despertar a desconfiança de Vera.

Deitada na cama Zulmira lembrava da iniciação, nem lhe passava pela cabeça que estava se enganando.

Ela estava crente de que seus guias lhe falavam, não tinha a menor dúvida de que estava incorporada. Envolvida pelo magnetismo dos guias que trabalhavam na casa, pelas vibrações dos toques e do ambiente, ela entrava em um estado de alteração psíquica, se mediunizava e acreditava que as sensações eram da incorporação, com isso a mente criava inúmeras cenas e sugestões que a menina percebia como verdade. Unindo as sensações, sentimentos, emoções, pensamentos e lembranças das cenas que viu em outras giras, ela criou em torno de si uma agrégora onde passou a vivenciar as incorporações que nunca aconteceram. Tudo que falava e fazia vinha dela, pois não havia um guia controlando o aparelho.

Zulmira caía no equívoco comum aos médiuns inexperientes, criava a sua volta aquilo que muitos chamam de cascão.

Os dias se passaram, percebendo que Vera estava a cada dia mais desconfiada, Zulmira não foi para gira de sábado, para evitar os interrogatórios da mãe decidiu ir apenas na iniciação.

No entanto, Vera estava decidida, na próxima saída das meninas ela iria atrás, precisava saber o que as filhas estavam aprontando.

Na quarta-feira as meninas começaram a se arrumar e Vera fingiu não notar nada, logo Zulmira se aproximou:

— Mamãe, eu e Zuleide vamos até a casa da Débora, a senhora pode dar o dinheiro da passagem?

— Mas é claro minha filha! Tome, pegue esse dinheirinho que guardei, tem até um pouco a mais que é para tomarem um sorvete! Vou aproveitar que hoje estou disposta e vou adiantar algumas encomendas, e não voltem tarde!

Zulmira que se achava tão esperta nem desconfiou das verdadeiras intenções da mãe.

Assim que colocaram os pés para fora de casa, Vera pegou a bolsa, um antigo xale e saiu no encalço das filhas, viu quando as meninas pararam no ponto de ônibus e manteve-se distante para não ser vista. Logo o transporte chegou, Vera sabia que o ônibus daria uma volta por dentro do bairro e sairia em uma rua que ficava a aproximadamente quinhentos metros de distância, para pegar o mesmo ônibus precisaria ser muito rápida, e sem pensar precipitou-se em uma corrida, quase sem fôlego conseguiu chegar a tempo.

O ônibus parou e ela entrou pela porta dos fundos, viu que as meninas estavam sentadas nos primeiros bancos da frente.

Vera pagou a passagem e aproximou-se o máximo possível, sem ser notada ouvia a conversa das filhas, Zuleide mal conseguia esconder a empolgação, falava ansiosa:

— Mana, hoje vai ser Ogum né?

— É hoje vou receber meu pai Ogum!

Quando Vera ouviu o nome Ogum sentiu um arrepio, aquele nome era coisa de macumbeiro, ainda mais intrigada tentou se aproximar um pouco mais, queria ter certeza de que estava ouvindo bem:

— Mana, como é sentir a Preta Velha dentro do teu corpo?

— Não adianta te explicar menina, é uma coisa que só quem é médium pode saber!

Naquele momento Vera estremeceu, precisou se segurar para conter a raiva. As meninas foram o caminho todo falando sobre a iniciação e a mãe parada ao lado, sem ser vista estava quase espumando de raiva.

Quarenta minutos depois as duas desceram do ônibus. Vera correu até o motorista e perguntou:

— Moço, tem alguma casa religiosa por aqui?

— Olha, minha senhora, não sei se isso é religião, mas sei que aqui perto tem uma terreira de Umbanda. Às vezes esse ônibus fica lotado de pessoas vestindo roupa branca, com aqueles colares coloridos no pescoço, tudo macumbeiro! A senhora precisa ver para acreditar, o lugar deve ficar cheio!

— O senhor pode parar no próximo ponto, por favor?

Vera desceu do ônibus e voltou até o ponto onde as filhas haviam descido, sem saber direito qual direção seguir, pediu informação para uma senhora que estava na janela de casa. A mulher indicou o caminho e poucos minutos depois Vera chegou à terreira.

Receosa, mas decidida a salvar as filhas, Vera entrou no pequeno corredor, deu alguns passos e bateu palmas, logo uma mulher apareceu:

— Boa tarde, hoje não temos atendimento, é dia de iniciação, se a senhora quiser pode voltar amanhã.

— Estou procurando minhas filhas.

— Como elas se chamam?

— Zulmira e Zuleide, elas estão aqui?

— Não lembro desses nomes, mas se a senhora quiser pode me acompanhar que te levo até a terreira, quem sabe suas filhas sejam novas na iniciação, sempre chegam novos médiuns.

Zulmira estava dentro da casa, já havia trocado de roupa e se posicionava no congá, Zuleide teve a impressão de ouvir a voz da mãe, foi até a porta e viu que Vera conversava com a mulher. A menina empalideceu, fez sinal para Zulmira, que foi até a irmã mais nova e sussurrou:

— Menina, isso aqui não é lugar de conversa, tenho um trabalho sério para fazer! Deixa de ser chata! Vá, vá, sente e fique quietinha!

— Mana, a mãe está lá fora!

— Você está doida menina? A mãe está em casa!

Mal terminou de falar e viu que Vera entrava na terreira, sem perder tempo ela agarrou na mão de Zuleide e saíram correndo para a cozinha, mas já era tarde, Vera viu as meninas.

Pai Augusto foi surpreendido com Vera entrando às pressas na cozinha e partindo direto para cima de Zulmira, segurando a menina pelos cabelos dava-lhe tapas aonde conseguia alcançar. O Babalorixá e outros médiuns seguraram a mulher, aturdido Pai Augusto suplicou:

— Por favor, esse é um espaço sagrado, não é lugar para violência! A senhora não pode entrar aqui para bater em minhas filhas!

— Suas filhas? Essas meninas são minhas filhas! Por acaso algum dia me deitei com o senhor?

Olhando enraivecida para Zulmira, interrogou:

— E o que você está fazendo aqui? Desde quando vem nesse lugar? Não acredito nisso! Você veio parar em um centro de macumba? Eu sei que a situação em casa está ruim, mas você veio pedir o que? Dinheiro para o capeta? Eu te mato quando chegar em casa! Prometo que te mato! Vou te esfolar todinha!

Pai Augusto intercedeu:

— Minha senhora se acalme! Já lhe disse que esse é um espaço sagrado!

— Espaço sagrado? Desde quando lugar de macumba é sagrado?

Zulmira e Zuleide tremiam acuadas no canto, não se atreviam a dar uma palavra, apenas olhavam Pai Augusto e Vera.

Enquanto isso o dirigente da apelou mais uma vez:

— Minha senhora, isso é puro preconceito das pessoas, aqui não invocamos o capeta não sacrificamos animais, não praticamos mal, fazemos a caridade! Olhe a sua volta, está vendo imagens de demônios? O que temos são imagens de Jesus Cristo, São Jorge, Santa Bárbara, os

mesmos santos que existe na igreja católica! As pessoas falam macumba e sequer conhecem o termo, pensam que é coisa diabo!

— O que sei é que minhas filhas estão mentindo para poderem vir em sua casa de caridade!

— Eu não sabia que elas estavam mentindo, se soubesse teria aconselhado que contassem a verdade! Zulmira é médium, precisa desenvolver sua mediunidade e trabalhar com os irmãos da luz! Por que a senhora não se senta e assiste os trabalhos de desenvolvimento?

— Olha, não conheço o senhor, minha religião é católica, não sou macumbeira e minhas filhas não vão ser!

Zulmira saiu do canto e implorou:

— Mamãe, por favor! Assista os trabalhos! Hoje vou receber Ogum!

— Ogum? Ogum? O que você vai receber é uma surra quando chegar em casa!

Dessa vez Zuleide também apelou:

— Mãezinha, nós estamos aqui procurando ajuda, a situação em casa está feia, Pai Jacó disse para Zulmira que as coisas vão melhorar!

— Pai Jacó, pai José, não me interessa! Vocês vão para casa agora ou vou arrastar vocês pelo cabelo!

Pai Augusto mais uma vez tentou ajudar:

— Minha filha, quando você chegou aqui alguém te tratou mal? Você viu alguma coisa que possa provar que fazemos o mal?

— Basta ser macumbeiro que já é mal!

— Não é assim! Ninguém te tratou mal, sua menina só quer trabalhar, ela tem um presente de Deus para ajudar o próximo. A senhora já ouviu falar de Chico Xavier?

— Sim, Chico era um anjo! Uma criatura maravilhosa que ajudou muitas pessoas, mas vocês não são como ele!

— Nós fazemos o mesmo trabalho que Chico, mas de uma forma diferente! Centro de Umbanda não é macumba! Pelo amor de Deus! Vou pedir mais uma vez! Sente-se e assista os trabalhos, depois de sua opinião! Antes de tantos julgamentos e palavras pesadas pelo menos dê uma chance!

— Está bem, vou ficar. O senhor está certo, estou sendo grosseira, me desculpe! Mas chegando em casa vou cuidar das minhas filhas! Elas são minhas filhas e não do senhor!

— Como quiser, a senhora vai ver que suas meninas estão bem encaminhadas, aqui só fazemos o bem, não pedimos dinheiro!

Vera sentou-se de braços cruzados e aquietou-se.

Pai Augusto entrou no congá, pediu que os médiuns se organizassem, olhou para Zulmira e viu que a menina dava leves batidas na cabeça, intrigado, perguntou:

— Minha filha, o que você está fazendo?

— Estou benzendo minha cabeça, minha mãe deve ter jogado macumba e energias pesadas em mim!

— Pelo amor de Deus Zulmira, se aquiete, você nem sabe o que está fazendo!

— Tô tirando o mau olhado!

— Minha filha, não comece a mania de repetir o que seus irmãos de corrente fazem! Se não sabe o que está fazendo então vá estudar para entender!

— Eu não tenho dinheiro pra comprar os livros!

— Não seja por isso!

Pai Augusto saiu e logo voltou com uma pequena pilha de livros.

— Leve esses livros, são de Kardec e Chico. Agora não tem desculpas, pode estudar a vontade!

— Mas o que é isso? É muita coisa, é mais que uma Bíblia!

— Ainda bem que você me lembrou!

Pai Augusto saiu novamente e retornou com uma Bíblia nas mãos:

— Pegue, e leia a Bíblia também! Agora guarde seus livros e vamos começar!

Zulmira guardou os livros e os trabalhos começaram com os toques para os baianos.

Os médiuns se concentravam e aos poucos começaram a receber as entidades. Zulmira olhava atentamente, até que se lembrou de um documentário que assistiu há vários anos, falavam sobre Candomblé,

recordou de uma médium incorporada com uma baiana, e isso foi o suficiente, Zulmira começou a entortar a cabeça, balançar o corpo de um lado para o outro, para frente e para trás, de repente saiu pelo congá dançando, fazendo uma imitação das baianas do pelourinho.

Pai Augusto olhou pensativo:

— Acho que ela está incorporada mesmo! Antes estava até duvidando, mas não é possível uma imitação tão perfeita! Essa deve ser uma baiana das arretadas! Pobre da menina, querendo trabalhar e eu aqui julgando!

Zulmira incorporada com uma baiana que não existia desfilava pelo congá, beijava e abraçava todos os irmãos de corrente.

No lado extra físico, mais uma vez a mesma cena se repetia, atrás de Zulmira uma senhora, trabalhadora da linha das baianas olhava sem entender, nem tinha encostado em Zulmira. Enquanto observava incrédula, o Caboclo de Augusto se aproximou, colocou a mão em seu ombro e comentou:

— Não se culpe, muitas vezes não conseguimos ajudar!

Ela respondeu entristecida:

— Eu nem tive tempo de me aproximar!

— Entendo seus sentimentos. Acabei de intuir Augusto, alertei para que tenha cuidado com os devaneios dessa menina, mas ele não conseguiu perceber meu aviso! Vamos orar para que percebam o que está acontecendo aqui!

— Vou embora, não tenho mais o que fazer aqui! Ela já recebeu uma baiana que nem existe. Olhe para o estado dessa menina! Ofegante, exagerada, falando que sentiu um peso nas costas! Até parece que incorporou um obsessor! Agradeço a acolhida, mas nessas condições não pretendo trabalhar com ela! Se ela adquirir consciência volto para o trabalho, antes disso não!

A baiana se afastou, era mais uma entidade que se recusava a trabalhar com Zulmira. O Caboclo de Augusto continuou presente auxiliando nos trabalhos da casa e a todo momento se aproximava do babalorixá tentando intuí-lo para que percebesse a mistificação da moça.

Encerrados os trabalhos com os baianos, Pai Augusto pediu que tocassem para Ogum, e nos primeiros toques Zulmira colocou as mãos na cabeça, começou a respirar fundo e falar:

— Ogum tá me pegando! Ele tá fazendo minha cabeça! Minha cabeça está pegando fogo e está descendo para todo meu corpo! O que está acontecendo? É muito forte!

Os trabalhadores do plano astral olhavam e acreditavam que Zulmira era maluca, e os médiuns da corrente pensavam que a menina era um tipo de super médium.

Não demorou e Zulmira saiu girando pelo congá, os braços se movimentavam com vigor, era como se estivesse segurando alguma arma com a qual desferia golpes, por vezes parecia uma espada, em outras uma machada, e até simulava o lançamento de lanças. Zulmira era um misto de Ogum e Xangô, ninguém conseguia entender qual vibração ela estava recebendo.

O babalorixá começou a duvidar novamente, olhando com mais atenção notou alguns equívocos. Zulmira girava com as mãos fechadas e antebraços cruzados batendo contra o peito, uma característica típica da manifestação de Xangô, o estranho era que a menina não parava de gritar: Ogunhê! Ogunhê!

Em quase vinte anos de trabalho ele nunca viu um médium falar enquanto recebia a vibração de um Orixá, tudo parecia confuso e exagerado, e novamente Augusto foi tomado por dúvidas e conflitos.

O Caboclo de Augusto reuniu vários trabalhadores e juntos cercaram Zulmira, tentaram inspirar consciência, serenidade, mas a agrégora que a menina criou parecia impenetrável, todas as sugestões eram repelidas.

Zulmira deu um verdadeiro show, e mais uma vez deixou todos impressionados.

Pai Augusto encerrou os trabalhos, dispensou os filhos e foi conversar com a mãe das meninas.

Vera olhava tudo de olhos estalados, as mãos na boca mostravam a estupefação da mulher. Augusto se aproximou e perguntou:

— O que a senhora achou dos nossos trabalhos?

— Preciso me desculpar! Confesso que até me emocionei!

— É minha senhora, a energia de um centro de Umbanda é muito forte!

— Eu estava esperando o momento em que matariam uma galinha ou um bode ali no meio, mas foi completamente diferente do que imaginei. Me desculpe! É que minha menina mentiu, isso me enfureceu!

— Não se preocupe, as pessoas têm esse preconceito contra nossa religião, é uma pena que não busquem conhecimento antes de falar tantas coisas erradas! É por causa desses boatos que muitos escondem que são da Umbanda!

Vera agradeceu e se despediu de Augusto. No caminho para casa repreendeu as filhas, fez Zulmira jurar que nunca mais mentiria, e no final deu permissão para que frequentassem a terreira.

À noite quando Juvenal estava deitado e quase dormindo, Vera chamou Zulmira:

— Filha, por enquanto é melhor que seu pai não saiba, deixe que eu conto para ele.

— Com o tempo ele vai aceitar! Mãe, nossa vida vai mudar, a senhora pode ter certeza! Vou ficar rica! Muito rica!

Vera segurou os ombros da filha, com seriedade olhou no fundo de seus olhos e perguntou:

— Rica? Mas o trabalho não é para caridade? Augusto disse que não se cobra! Ele mentiu?

— Ele falou a verdade! Na terreira ele não cobra um centavo! Mas às vezes os guias permitem que seja cobrado, quando estamos passando fome é permitido! Confie em mim! Sei o que estou fazendo!

— Está bem filha, mas tenha juízo! Agora vamos dormir!

Zulmira, mesmo sem saber o que falava tinha uma parcela de razão. Existem casos em que a espiritualidade permite que o médium use parte do que recebe com os trabalhos mediúnicos para o seu próprio sustento. Esses são casos muito bem estudados pela espiritualidade superior, que faz exceções quando o médium, por algum motivo não pode trabalhar para ter sua própria remuneração ou dedica toda sua vida,

em tempo integral para o trabalho com a espiritualidade. Essas exceções, em hipótese nenhuma visam o enriquecimento do médium, são para que o trabalhador possa viver com dignidade e o mínimo de conforto e assim sinta-se feliz, em paz, tranquilo, e faça um bom trabalho.

Vera começou a acompanhar as filhas nos trabalhos de desenvolvimento, com o tempo conheceu a religião e aprendeu a admirar o trabalho realizado na casa.

Quando completou um mês na casa de Pai Augusto, Zulmira se considerava formada em magia, dizia-se pronta e queria começar os trabalhos nas giras de sábado. Augusto, receoso e desconfiado negou, foi incisivo ao afirmar que ela ainda precisava de pelo menos mais um mês no desenvolvimento.

Zulmira, sentindo-se contrariada e ansiosa para começar o trabalho, não se deu por vencida, arditamente fingiu acatar a ordem do Babalorixá, mas se planejou para estar presente na próxima gira.

No sábado Zulmira apareceu para o trabalho na gira. Augusto ao ver a menina pronta e vestida para os trabalhos a chamou em um cantinho e discretamente perguntou:

— Zulmira, o que está fazendo aqui hoje?

— Pai Augusto, já estou pronta! Recebo todos os Orixás, os guias! Quero começar o trabalho!

— Recebendo todos os orixás? Mas como? Você pode receber a vibração de seus pais de cabeça, pode sentir a vibração de seu pais ancestrais, mas todos os Orixás não! Tem alguma coisa errada, você não acha? Zulmira, você está estudando os livros que te emprestei?

Zulmira franziu a testa, torceu o nariz, e respondeu com descaso:

— Estive olhando algumas páginas!

— Mas leu tudo? Leu a Bíblia?

— É muita coisa! A Bíblia tem milhões de páginas! São muitos livros!

— Zulmira, você precisa estudar! Por mais que seja difícil tem que se esforçar, esses estudos vão iluminar sua mente! Me conte uma parábola!

— Parábola? O que é isso?

Pai Augusto coçou a testa, respirou fundo buscando paciência e continuou:

— Minha filha, parábolas são os contos de Jesus Cristo, ensinamentos da Bíblia que ele explicou como historinhas para que as pessoas conseguissem entender!

Zulmira olhou para baixo buscando alguma resposta:

— Ah sim! Isso são as parabólicas!

— São parábolas! Não tente me enganar, sei que você não estudou!

— Eu já recebo minhas entidades! Sinto na alma! Preciso trabalhar Pai!

— Está certo, se quer ficar, então fique! Mas por enquanto vai apenas cambonar!

— O quê? Vou ser babá de guia?

— Minha filha do céu! Babá não! O trabalho do combono é tão importante quanto do médium de incorporação! Nada vai impedir que sinta a vibração de um orixá ou a presença de seus guias, mas no início a função é cambonar! Estarei de olho na senhorita!

— Tá, tá, se é assim que tem que ser então fico cambonando! O senhor acha que estou mentindo, que nem estou incorporando ninguém!

— Não acho que está mentindo minha filha, mas pode ser que esteja apenas sentindo a vibração de seus guias e isso às vezes engana nossa mente! Você pode estar pensando que está incorporada, mas não está!

— Eu não crio não! Sinto até na alma! Meus pés até tremem! Olhe meus braços, só de falar até me arrepio toda! Tudo bem, o senhor é o pai da terreira então é quem manda, eu que sou a filha tenho que obedecer!

— Vá, vá minha filha, tome posição na corrente e vamos trabalhar.

Zulmira se posicionou entre seus irmãos, a cara feia mostrava a contrariedade. Pai Augusto deu início a oração de abertura, pediu que iniciassem os toques para defumação e prosseguiu com os trabalhos,

seguia o mesmo protocolo ensinado por Zélio de Moraes, e que muitas terreiras seguem até os dias de hoje.

Quando iniciaram os toques chamando os Pretos Velhos, Zulmira sentiu a vibração.

Nesse momento sua Preta Velha se aproximou, passou a mão nas costas de Zulmira e falou carinhosamente:

— Pobre da minha filha! Como quero trabalhar com você! Mas desse jeito não posso!

Zulmira não conseguiu captar a mensagem da Preta Velha. A presença e carinho da vovozinha foi suficiente para que a menina achasse que estava incorporando. Começou a fechar as mãos, revirar os olhos, estremecer, parecia lutar para segurar uma força descomunal.

O Babalorixá, percebendo que Zulmira dava os primeiros sinais de incorporação, não perdeu tempo, correu até a menina e a levou para o pequeno altar:

— Zulmira, bata a cabeça!

— Ela está me empurrando! Quem entrar em mim!

— Bata a cabeça agora!

Augusto quase empurrou a cabeça de Zulmira, finalmente ela cedeu e bateu a cabeça, mostrando-se sem fôlego e estremecendo falou:

— Nossa! Foi por pouco! Minha Preta Velha já estava quase entrando!

— Pelo amor de Deus! Volte para seu lugar! Vá ajudar a atender as entidades!

Zulmira foi até um canto do congá, puxou um banquinho de madeira e se sentou, olhava para os médiuns incorporados e sentia-se impaciente, com a cabeça apoiada na mão e batendo as pontas dos pés aceleradamente, mostrava tédio e irritação.

Augusto chamou Clemente, o pai pequeno da casa e falou:

— Clemente, preciso dar passagem para minhas entidades, fique de olho na Zulmira, ela nem deveria estar aqui hoje!

— E por que ela veio?

— Porque é teimosa! Clemente, estou muito confuso com essa menina, se ela mostrar qualquer sinal de incorporação faça ela bater a cabeça e não a deixe atender ninguém!

Zulmira olhava os cambonos atender e continuava sentada, até que viu pai Jacó fazer um sinal para que fosse até ele.

— Venha aqui filha!

Zulmira agachou-se em frente ao médium incorporado e perguntou:

— O que é que o senhor quer?

— Quero falá que tô feliz que a fía entrô na corrente! Fía, escuta os conselhô desse pai véio, as coisa começam devagar mesmo, te que tê paciência!

Zulmira sentiu no coração o amor irradiado por Pai Jacó, o coração se comoveu, beijando a mão da entidade respondeu com carinho:

— Sim senhor Pai Jacó, o senhor que falar mais alguma coisa pra mim?

— Sim fía, quero! Antes que comece os atendimento vamô conversar um tiquinho? Vai ser bom pro seu coração e pra mente.

Zulmira sentou-se diante da entidade e ele começou:

— Minha fía, é o seguinte, te digo com toda humildade, não adianta saí dando pinotes nos trabaio espirituais! Em uma terreira, em quarqué trabaio com a mediunidade tudo se começa aos pouquinhos, devagarinho, como os Pretos Velhos! Fía, a verdadeira sabedoria ela não tem pressa, ela é calmaria, o homem sábio pra conseguí ser sábio sabe que precisa caminhá devagar e por muitos anos, quanto mais tentá caminhá rápido, mais se atrapaia e perde tempo, a caminhada se torna mais demorada! Então vâmo devagar? Assim suncê vai longe! Seu povo qué muito trabaiaá com suncê, inclusive sua Preta Velha!

Zulmira arregalou os olhos e com voz entusiasmada disse:

— É mesmo? O senhor estava com minha vovó?

— Sim minha fía, ieu táva com sua vovó!

— Bem que eu senti que ela estava aqui, estava me incorporando!

— Não minha fía! Ela não te incorporô! Ela somente táva limpando suncê!

Pai Jacó sabia que não adiantava falar de chacras, pontos de energia, pois Zulmira, sem o mínimo de estudo não conseguiria entender, tentando buscar formas mais simples, explicou:

— Ela táva limpando seus corpos espirituais!

— Então é por isso que ela estava me dando uns cutucões e eu fui ficando torta!

— Não minha fía, isso é suncê que quis ficá tórta! Tem que equilibrar essa mente e unir ao coração! Equilíbrio é tudo! Precisa unir os dois, ter fé, desligar-se de tudo que tá fora e entrá pra dentro de suncê! Equilíbrio é o mais importante para se trabalhar dentro de uma casa, sem isso suncê num consegue trabaia com seus guias, eles vão se aproximá mas não vão incorporá! Médiun desequilibrado não faz bom trabaio, não consegue sustentá o amigo espiritual que usa o corpo como um aparelho!

— Tô entendendo o senhor! Prefiro escutar isso de um espírito do que de um pai de santo chato!

— Fía, Pai Augusto sabe muito bem o que fala, tá há muitos anos trabaiano aqui, acompanhamô esse homí há muitos anos! Faça o que ele te pede! Por que dar mais valor as minhá palavra e menos ao seu pai de santo que ta na terra e pode ta todo tempo com suncê? Se ele te orienta é porque foi orientado antes pelos guias! Então fía, respeite seu pai de santo, seja boa! Se ele te fala pra camboná então suncê vai, mas não com essa cara feia que eu ví suncê fazendo ali no canto!

Zulmira olhou para baixo, fixou a vela que queimava e disse:

— Verdade Pai Jacó, tenho muito que aprender ainda né?

— Muito é poco! Mas preste atenção em minhas palavra, devagarinho chegamos lá, sente-se comigo sempre que pudé, vo te ajudá. Abra seus olhos, e olhe bem pro que faiz!

Ela sentiu-se comovida com as palavras, olhou para Pai Jacó e perguntou:

— Paizinho, tem mais alguma coisa que o senhor quer que eu traga? Tô vendo que o senhor já tem sua vela, seu copo de água, quer mais alguma coisa de mim?

— Tem uma coisa que quero, que suncê coloque minhas palavra dentro do teu coração e faça isso valê a pena, se não fizé isso seu guias não vão trabaíá com suncê! Aos pouco vão tudo se afastá!

Ela levantou-se, fez um gesto agradecendo, e antes que saísse Pai Jacó pediu:

— Minha fía, suncê poderia trazê um galhinho de arruda pra iêu?

— Sim, eu vou pegar! Já trago pro senhor!

Zulmira entrou na cozinha onde se preparam as oferendas para as entidades, e perguntou para Elenice:

— Onde é que tem arruda?

— Zu, olha atrás daqueles patuás que Pai Augusto preparou, ali tem arruda seca, pergunta pra entidade se pode ser essa.

— Essas folhas velhas? Como vou dar pra entidade folhas velhas? Você ta louca?

— São ervas secas! Não estão velhas! Ele vai utilizar as energias da plantinha menina! Vai lá perguntar pra ele!

Zulmira olhou para as folhas secas com desdém e disse:

— De onde já se viu dar isso pra ele! Vou lá fora procurar, não é possível que não encontre arruda, toda casa de macumba tem arruda!

Zulmira saiu procurando por todo lugar, foi nos fundos da casa, percorreu todo espaço apalpando cada pé de planta que via, foi até a beirada da rua procurando rente ao meio fio, quando estava quase desistindo viu uma pequena moita mirrada, se aproximou e concluiu:

— Está aqui! Achei você! Essa aqui deve ser a arruda!

Colheu o pequeno galho e voltou para o congá.

— Papai Jacó! Trouxe sua arruda fresquinha!

— Obrigado minha fía, pode colocá aqui nesse copo.

Pai Jacó olhou a planta coletada por Zulmira e falou:

— Minha fía, isso aqui não é arruda não! É erva daninha, nem parece com arruda! Fía, suncê sabe o que é arruda?

— Sei sim! É uma planta que se usa pra colocar atrás das orelhas né!

— Tá bem fía, essa também vem da natureza, o que importa é abençoá meus filhos! Pode ir embora fía.

Zulmira saudou a entidade e voltou para seu canto, pouco tempo depois uma Preta Velha lhe chamou:

— Fía, ocê pode me trazê um pouquinho de vinho? E também uma folhinha que vou te pedir.

Antes que a entidade terminasse de explicar o que precisava, Zulmira se precipitou:

— Já sei! Pode deixar que sei que folhinha a senhora quer! Não precisa dizer, eu sou médium e sei! Logo trago!

Zulmira saiu correndo até a moita da falsa arruda, colheu mais um galho, pegou o vinho e levou para entidade. A Preta Velha agradeceu, olhou a planta e comentou:

— Minha fía, o que eu ia pedir pra ocê era um galinho de arruda!

— Pois é! Mas Pai Jacó falou que é da natureza e isso serve! Então pegue!

A Preta Velha olhou admirada, percebendo que Zulmira não enxergava a própria ignorância, apenas agradeceu:

— Está certo fía, ele tem razão! Muito agradecida viu!

A Preta Velha de Zulmira que acompanhava os trabalhos assistiu a cena com tristeza, olhou e disse:

— Meu Deus, minha filha não sabe nem o que é uma arruda! E para piorar é petulante!

Enquanto isso a Preta Velha que recebeu o galho de erva daninha conversava mentalmente com sua médium:

— Na verdade essa erva aqui serve como um purgante, então melhor deixar de lado, não posso abençoá os fios com purgante, depois vão ter dor de barriga.

Zulmira continuou seu trabalho, todo sábado comparecia e insistia para começar o atendimento, e Augusto, receoso e inseguro continuou negando. Inteligente e esperta, em pouco tempo Zulmira aprendeu o palavreado e trejeitos de todas as entidades, sabia quais ervas

indicavam, os pontos riscados, palavras e comportamento dos Pretos Velhos, Baianos, Caboclos, Exu e Bombo-Gira. A única coisa que Zulmira nunca percebeu, é que cada entidade traz características particulares, nem todas falam da mesma maneira, usam as mesmas palavras, cada uma tem uma essência única.

O estágio como cambono proporcionou a Zulmira vários aprendizados que ela absorveu e fixou na mente, outros ficaram armazenados no subconsciente, e com o tempo todas essas informações se juntaram a agrégora que ela havia formado, criando ainda mais enganos.

No nível consciente Zulmira acreditava que todas suas ações vinham dos guias, não tinha a intenção de enganar ou prejudicar, mas sem estudo, conhecimento, entendimento e humildade para aprender, não compreendia que tudo era uma manifestação do seu próprio psiquismo.

A intenção de obter lucros com a mediunidade, as ideias de enriquecimento e a ansiedade para mudar de vida agravavam ainda mais a situação e Zulmira se entregava a caminhos tortuosos e as ilusões mediúnicas.

## CAPÍTULO III

### Estrela da terreira

Passaram-se seis meses, os trabalhos na terreira seguiam em harmonia e equilíbrio, mas Zulmira a cada nova semana dava mais trabalho.

Clemente e Pai Augusto quase não conseguiam conter a menina que em todas as giras estremecia, revirava os olhos, ficava sem ar e reclamava que seus guias estavam insistindo para entrar em seu corpo, Augusto sentia-se encurralado, por vezes pensava em dispensar a menina, mas logo era tomado pelo medo de cometer uma injustiça. E todos os sábados a mesma cena se repetia, durante a gira Zulmira dava o seu show e no final do trabalho Augusto explicava que guias não entram no corpo a força, que o estudo é importante para formar um médium capacitado, que o equilíbrio e disciplina devem fazer parte dos trabalhos...

Seguindo o conselho de Pai Jacó, Zulmira ouvia as palavras de Augusto, tentava prestar atenção, mas os pensamentos se precipitavam na ideia de mudar de vida e tirar a família da miséria em que viviam.

Durante os meses de desenvolvimento Zulmira foi acompanhada de perto por seus guias e mentor que avaliavam sua honestidade, disciplina, comprometimento com o trabalho e estudo, comportamento em casa, com a família, amigos e irmãos de corrente, e tudo indicava que Zulmira não estava preparada e se distanciava cada vez mais dos propósitos que envolvem o trabalho mediúnico. Todos tentaram intuir Zulmira, mas nenhum obteve sucesso, a menina não conseguia ouvi-los, a mente vivia presa nos meios de lucrar alguma coisa.

Aos poucos alguns guias se afastaram, pois recusavam-se a participar das encenações, diante da gravidade do problema, mentores e guardiões se reuniram, avaliaram toda situação, e decidiram que naquele momento ninguém trabalharia com Zulmira, os guias que quisessem poderiam acompanhá-la e tentar ajudá-la, mas só poderiam trabalhar se

ela mudasse os pensamentos e olhasse com mais nobreza e consciência para o trabalho mediúnico.

E Zulmira, que se recusava a estudar, nunca compreendeu os deveres que permeiam a vida de um bom médium, não sabia que guias de luz se afastam quando se deparam com a desonestidade, desequilíbrio, indisciplina e arrogância do trabalhador encarnado. Cega diante dos fatos que lhe rodeavam, iniciou os trabalhos na casa de Pai Augusto, sem nunca ter se ligado a um guia.

Na casa de Zulmira, mais uma vez a situação financeira se apresentava insustentável, a construtora que Juvenal trabalhava enfrentava dificuldades e passou a atrasar o salário dos funcionários, com isso a comida começou a faltar. Mais uma vez Vera se viu obrigada a pedir ajuda dos vizinhos, fiado nas vendas do bairro, e costurar por valores ainda mais baixos, tudo para atrair clientes e serviço. Zulmira já não suportava a situação, muitas vezes iam dormir com fome e acordavam sabendo que nem o pão teriam para o café da manhã.

Juvenal, cansado da vida dura e da falta de sorte da família, começou a assistir programas evangélicos que todas as noites eram transmitidos na televisão, impressionado com os casos de cura, mudança e prosperidade que o pastor mostrava, decidiu que mudaria de religião, e todos os domingos acordava cedo, pegava os meninos, e ia para o culto. Sempre confiante e crente de que Deus lhe daria uma condição melhor.

Vera acompanhava as meninas na terreira, e aos poucos a família se dividiu, de um lado era Juvenal defendendo o pastor e criticando ferozmente toda e qualquer religião que falasse em espíritos, do outro lado era Zulmira que agredia verbalmente o pai, o pastor e os dízimos mensais que Juvenal passou a dar para igreja.

Inconformada e revoltada, Zulmira cansou de esperar a permissão de Pai Augusto, estava decidida, no próximo sábado começaria os trabalhos na terreira. E no dia da gira a menina chegou e foi direto até Augusto, assim que viu o Babalorixá, apelou:

— Pai Augusto, hoje vou trabalhar!

— Zulmira, minha filha, você...

— Não quero mais saber de desculpas! Eu estou pronta sim! Não aguento mais meus guias me empurrando, me cutucando e tentando entrar no meu corpo!

— Filha, quando é que você vai parar de dizer que guia entra no corpo?

— Isso não importa! Eu sinto assim e pronto! Posso começar?

Augusto estremeceu, não queria liberar Zulmira para o atendimento, mas a casa estava cheia, naquele sábado era gira de esquerda e os consulentes lotavam a terreira, uma médium a mais poderia ajudar muito, receoso ele consentiu:

— Está bem Zulmira, mas mantenha o equilíbrio e disciplina!

— Obrigada paizinho! Obrigada! Não se preocupe, vou fazer tudo certinho, meus guias vão me ajudar!

— Agora vá para seu lugar, vou abrir os trabalhos!

Zulmira correu para sua posição, Augusto iniciou a oração de abertura e os trabalhos seguiram como de costume, os primeiros a serem chamados foram os Caboclos.

Mal começaram os toques para os Caboclos e Zulmira estremeceu, lançando-se de joelhos no chão bateu com a palma da mão no peito e deu um brado que podia ser ouvido do outro lado da rua. Levantou-se e caminhando em passos largos desfilava de um lado para o outro do congá, às vezes se arqueava para frente, com o rosto carrancudo olhava para consulência e atirava as supostas flechas de energia sobre o povo que olhava impressionado.

Augusto estava incorporado com seu Caboclo, e Clemente vigiava cada ação de Zulmira, mas nada condenava as atitudes da médium, os movimentos exagerados não eram suficientes para condenar.

No momento de aplicar os passes Zulmira era a médium que mais chamava a atenção, os movimentos vigorosos, os brados e resmungos, rezas e palavras indecifráveis demonstravam um poder impressionante.

Encerrado os trabalhos com os Caboclos, começaram os toques para Exu e Bombo-Gira.

Vera, sentada na consulência observava os médiuns com suas capas pretas e vermelhas, algumas das médiuns usando vestidos da mesma cor, costurados com rendas e babados, a maioria com os cabelos enfeitados, rosto maquiado, e tudo aquilo sempre lhe parecia estranho, olhava para Zulmira que estava em um canto se concentrando para receber seu Exu e se perguntava se realmente fez a escolha certa.

Enquanto isso Zulmira ouvia os toques e olhava para os irmãos de corrente, por um momento lembrou-se dos conselhos de Pai Jacó, então decidiu fazer o máximo para se concentrar, fechou os olhos e mentalizou um homem negro, alto, forte, vestido com peles, o que ela lembrava era de uma imagem que viu em uma loja de artigos religiosos.

Concentrada na imagem, Zulmira não sentiu quando seu Exu, um Capa Preta se aproximou. Sabendo das excentricidades da menina, ele decidiu se afastar um pouco e manter uma certa distância, parado a alguns metros o guardião olhava e analisava cada gesto de Zulmira. Percebendo que ela se esforçava, decidiu se aproximar um pouco e tocar em seu ombro. Quando levantou a mão e aproximou de Zulmira, ela estremeceu e começou a se contorcer de um lado para o outro.

Assustado o Exu deu um passo para trás e falou:

— Mas o que é isso! O que aconteceu com essa menina? Minha Nossa Senhora! Ela está achando que estou me ligando a ela! Mas nem a força eu vou incorporar nessa maluca!

Ele se afastou e ficou observando a menina. E para seu espanto, Zulmira começou a estremecer cada vez mais, as mãos enrijecidas e tortas se pareciam com garras, respirava fundo e bufava, e para piorar, ela começou a rezar:

— Minha virgem santíssima! Faz meu Exu entrar dentro de mim! Faz ele entrar e possuir meu corpo! Me ajuda minha Santinha, me ajuda!

Quando ouviu a oração, o Exu ficou boquiaberto, entredentes ele resmungou:

— Como pode uma oração dessas? Parece que vou praticar um ato sexual, um estupro! Meu Deus, me dê a paciência que não conquistei na outra vida! Me ajude ou eu mato essa minha filha!

Quanto mais ele olhava, mais se indignava. Inconformado ele balançava a cabeça, passava a mão na barba, respirava fundo, às vezes fechava os olhos para não ver, andava de um lado para o outro, não queria acreditar no que assistia, sentia-se impotente, os olhos mostravam um misto de piedade e tristeza. Enquanto pensava em como ajudar a menina, novamente foi surpreendido, Zulmira levantou as duas mãos para o alto, inclinou o corpo para trás e deu uma estrondosa gargalhada. Incrédulo ele concluiu:

— Meu Deus! Ela incorporou! Mas incorporou o quê?

O guardião, que não aguentava ver a cena, colocou a mão na frente dos olhos e começou a repetir:

— Não estou vendo isso! Não estou vendo isso! Não estou vendo issooooo! Meu Deus do céu eu não quero ver isso! Pela santa misericórdia divina! Meu Senhor, tenha misericórdia desse espírito! Não tenho nem coragem de olhar! O que ela está fazendo? Era melhor que nem tivesse pisado em uma terra, pelo menos não se endividaria mais ainda!

Enquanto Capa Preta rezava, Zulmira cruzava as mãos para trás, andava de um lado para o outro e dava gargalhadas.

Nesse momento a Preta Velha de Zulmira se aproximou do guardião, percebendo que o homem estava indignado, tentou acalmá-lo:

— Filho, fique calmo, tenha força porque daqui a pouco começam os toques para as moças, tenho certeza que ela vai correr e trocar de roupa e depois vai incorporar uma Bombo-Gira que não existe!

— Eu não sei o que fazer! Prometi protegê-la e ajudar, mas te digo, essa é última vez que deço aqui para trabalhar com Zulmira! Não quero me comprometer com essa encenação!

— Eu entendo filho, ainda vou tentar ajudar, quem sabe ela escute meus conselhos! Mas se ela continuar insistindo nas ideias que cultivava ninguém conseguirá ajudar.

— A senhora sabe que não posso tomar parte de um teatro desses! Isso é muito triste para mim, não posso aceitar! Infelizmente ela terá que se resolver com seus problemas, não vou mais interferir! Vovó,

deixe ela girar, que faça o que quiser, pelo menos aqui dentro ela está protegida daquele bando de espíritos desordeiros que estão lá fora.

A Preta Velha abaixou a cabeça evitando olhar para Zulmira, e com tristeza respondeu:

— É meu filho, mas é vergonhoso!

— Sim vozinha, é vergonhoso! O pior de tudo, é que cedo ou tarde ela vai atrair companhias que vão alimentar essas ideias, quando isso acontecer ela estará perdida!

— Você viu o que aconteceu já na primeira vez com o Caboclo?

— Sim vozinha, eu estava na porteira, mas assisti a tudo! O Caboclo nem acreditou, até achou que tivessem jogado algum feitiço nela! Ele é um dos guias que não se apresentam mais para o trabalho! O amigo tentou várias vezes, mas acabou desistindo.

— Deixe meu filho, com essa conduta ela vai cair e sofrer muito nessa vida, é escolha dela, com o sofrimento vai aprender!

— Sabe vovó, meu coração se entristece, nós sabemos bem o que acontece com médiuns que escolhem esses caminhos!

— Sim, eu sei meu filho, ela vai acabar com uma propaganda estampada em um poste! Será mais um daqueles médiuns que se corrompem e oferecem qualquer trabalho em troca de dinheiro.

— É muito triste! Pois deixe ela, enquanto não olhar para dentro e perceber o que está fazendo eu não quero saber! Quando ela cair e o coração apertar de tristeza talvez ela se lembre de mim e me chame, nesse momento se tiver tomado consciência eu corro para ajudar! Olhe, olhe, veja vovó, ela está conversando com a amiga de corrente, vou ver o que está falando!

O Exú se aproximou de Zulmira e ouviu a conversa, com uma voz grave ela falava:

— Hoje só vim para me apresentar! Sou Marabô! Exú Marabô há, há, há, há!

Capa Preta voltou para perto da Preta Velha, com a cabeça baixa e entristecido falou:

— Ela disse que está com o Marabô! Meu Deus do céu! Marabô! Pode isso?

### Capítulo III – Estrela da terra

A vozozinha segurou a mão do guardião e tentou acalmá-lo. Os dois se calaram e permaneceram olhando a tudo, pareciam desolados.

Logo Zulmira deu uma estremecida espantosa, um salto para trás, e seu suporte Exu Marabô foi embora.

Admirada com a incorporação, Elenice se aproximou, levou Zulmira para fora da terra e contou a novidade:

— Zu! Você nem acredita quem foi que desceu aqui hoje!

— Quem?

— Menina, você recebeu um Exu Marabô! Dizem que ele é mais poderoso e sabe tudo sobre a vida das pessoas! Com ele não tem meias palavras, fala tudo na cara!

Os olhos de Zulmira brilharam, ela quase flutuava com aquele tipo de comentário. Levantando o nariz, e estufando o peito respondeu:

— Eu sei, meu Exu é assim mesmo, fala na cara, quem gostou muito bom, quem não gostou que se dane! Ele sabe tudo!

— Zulmira, agora vamos entrar e ajudar as outras entidades!

— Eu não! Pra mim o tempo de cambono acabou, isso é trabalho para quem não incorpora! Elenice, tem alguma coisa para comer? Estou com fome! Sabe o que eu queria? Um sanduíche bem grande e de preferência com dois hambúrgueres!

— Amiga, você sabe que não devemos comer carne no dia de trabalho!

— Posso sim! Se preto Velho come feijoada durante o trabalho, por que não posso comer carne?

— Zulmira! Eles só comem feijoada nas festas de Preto Velho! Pai Augusto já explicou! Agora vamos entrar!

— Vou trocar de roupa e voltar pro congá, minha pomba-gira deve estar esperando!

A conversa entre Elenice e Zulmira mostrava a falta de conhecimento e consciência, os comentários se baseavam em boatos infundados que se espalham como ervas daninhas.

Zulmira trocou de roupa, arrumou o cabelo, fez uma maquiagem, e em poucos minutos estava novamente no congá. Alguns

médiuns continuavam incorporados com seus Exus, e os atabaques entoavam os toques para Bombo-Gira.

Parado em um canto, Capa Preta observava, dessa vez acompanhado por uma trabalhadora da falange de Maria Mulambo, era Bombo-Gira de Zulmira. O casal, que em outra vida foram pais de Zulmira, tentavam encontrar uma maneira de ajudar, quando viram a menina entrar, Capa Preta falou:

— Nem chegue perto dela! Fique longe! Ou ela vai começar outro show!

— Mas homem! É nossa filha! Tenho saudade, vou me aproximar apenas para transmitir boas energias!

— Estou te avisando! Não vá!

Ele mal terminou de falar e a Bombo-Gira foi em direção de Zulmira, aproximou-se, olhou com extremo carinho, e acariciando os cabelos da menina falou:

— Minha menina! Estamos com você!

As poucas palavras foram o suficiente para Zulmira fechar os olhos e oscilar bruscamente de um lado para outro, no mesmo momento se iniciou o toque de Maria Padilha, justamente o que a menina mais gostava, e com força e energia de um furacão ela saiu rodopiando pelo congá.

Maria Mulambo ficou parada com os olhos estalados, levantou a mão em direção a Zulmira, e em tom suplicante pediu:

— Filha! Filha venha aqui! Não sou a Maria Padilha! Estou aqui!

Capa Preta se aproximou, abaixou o braço da mulher e falou:

— Eu te avisei! Mulher teimosas! Continua a mesma teimosas que era quando estava encarnada! Agora veja! Olhe o que aconteceu!

— Jesus, Maria e José! Mas eu só acariciei os cabelos dela! Parece um pião rodando! Mas que tristeza! É como se eu tivesse parido uma filha que não soube educar! O que vamos fazer?

— Já te falei mulher! Deixe-a! Vamos ficar até o final da gira e acompanhá-la na volta para casa, pelo menos daremos proteção! O lado de fora da casa está lotado de quiumbas, estão vendo essa vergonha e se

divertindo, mal conseguem esperar para se juntarem a palhaçada de Zulmira!

A Bombo-gira abraçou o marido, apoiou a cabeça em seu ombro e lamentou:

— Não sei se suporto assistir isso! Ela pensa que sou uma Padilha! Meu Deus! O que vamos fazer?

— Se acalme! Seja forte! Não sofra pelas escolhas dela!

Depois de dar várias voltas rodopiando pelo congá, Zulmira parou, com a cabeça levantada expressava uma austeridade que beirava a arrogância, fez um sinal para Elenice e foi atendida prontamente:

— Boa noite, deseja alguma coisa? É um grande prazer falar com a senhora!

— Por favor, me traz um champanhe, um morango e também um cigarro! Mas veja bem o que vai me trazer! Quero um daqueles cigarros fininhos que as madames fumam!

— Para a senhora trago o que quiser!

Zulmira levantou o rosto com ainda mais altivez e respondeu:

— Vamos, vamos, vamos, ande menina! Não podemos ficar muito tempo, ainda estou me acostumando com o aparelho! Essa coisa aqui é complicada de mexer!

Elenice saiu correndo, revirou tudo até encontrar um maço e cigarros que pareciam ser dos caros, procurou os morangos, mas esses estavam em falta, serviu uma taça com champanhe e voltou para o congá:

— Dama, está aqui seu cigarro, o champanhe, morango não temos, mas prometo que conseguirei para próxima gira!

Zulmira pegou o cigarro, a taça de champanhe, olhou com desprezo, e respondeu:

— Eu sei que não tem morangos, sabemos de tudo! Da próxima vez me traga uma taça vermelha, a cor do amor!

A Bombo-Gira da Zulmira ao ouvir o comentário colocou as mãos no rosto, parecia tentar se esconder da vergonha, entristecida falou:

— Deus do céu! Minha filha, vermelho não é a cor do amor! É a cor da nossa vibração! Meu Deus do céu! Deus do céu!

Capa Preta sorriu:

— É melhor rir! Se não rir dessa situação vamos começar a chorar! Você quis abraçar! Te disse para nem chegar perto! Agora aguenta!

Enquanto isso Zulmira continuava com Elenice. Desde o primeiro dia de Zulmira na casa, Elenice se encantou com as demonstrações da irmã de corrente, ingênua deixou-se enganar e passou a idolatrar Zulmira e suas entidades, feliz em atender a Maria Padilha, fazia o possível para agradar:

— A senhora quer que eu traga mais alguma coisa?

— Menina! Quero uma coisa. De hoje em diante você vai servir apenas as entidades da minha filha! Em casas bem organizadas cada médium tem seu cambono, aqui as coisas são uma bagunça, mas minha menina merece uma cooperadora leal, e você será essa fiel escudeira!

— Será um prazer! Mas e se as outras entidades me chamarem?

— Não sei! Dê seu jeito! Finja que não vê! Quero exclusividade! Agora pegue essa taça e pode ir!

Zulmira voltou a rodopiar demonstrando uma Bombo-Gira completamente oposta a aquela que lhe acompanhava, os movimentos espalhafatosos e exagerados, gargalhadas estridentes, encenações que beiravam a vulgaridade.

Por volta das 03 horas da manhã os trabalhos foram encerrados, naquela noite Zulmira não atendeu nenhum consulente, mas conseguiu mostrar a todos seu Exú Marabô e sua Maria Padilha. Vera e Zuleide acreditavam em tudo que Zulmira falava, a menina era convincente e não deixava margens para dúvidas.

Naquele sábado Zulmira voltou para casa satisfeita, sabia que o momento de mudar de vida estava perto, trabalhando com suas entidades ganharia experiência e poderia atender fora da terreira.

No dia seguinte Juvenal acordou cedo, pegou os filhos e foi para o culto, quando retornou por volta do meio dia, Vera e as meninas continuavam na cama. Irritado e indignado começou a reclamar em voz alta:

— Bando de macumbeiras! Desde quando casa de respeito fica fazendo baderna até 3 ou 4 horas da manhã! E eu achando que ia encontrar o almoço preparado! Deus há de providenciar a queda desses demônios que cercam vocês! O sangue de Jesus tem poder!

Zulmira acordou com a gritaria do pai, sentindo-se ultrajada levantou e começou a discussão:

— O que o senhor está falando! Olhe para essa sua igreja que pede dinheiro todo mês! Mal temos o que comer e o senhor dá o pouco que temos para aquele pastor safado!

— O pastor disse que receberemos várias vezes mais aquilo que damos! Espere e vai ver! Deus proverá! Tenho fé que ele vai nos abençoar! Vou ser rico e nossa vida vai melhorar! E não vai ser em uma casa de macumba que encontraremos nosso paraíso!

Vera interrompeu a discussão, as brigas se tornavam cada vez mais constantes. Brigavam defendendo uma religião, no entanto, não sabiam praticar e sentir fé, tanto Juvenal quanto Zulmira buscavam a mesma coisa, o enriquecimento fácil, cada um barganhava da sua maneira, um dava dízzimos, a outra acreditava que servindo de aparelho poderia ganhar dinheiro. Completamente ignorantes não percebiam o quanto se distanciavam da espiritualidade e devoção verdadeira quando nutriam pensamentos completamente contrários.

Na semana seguinte Zulmira começou o atendimento na casa de Pai Augusto, e como atraímos aquilo que acreditamos e desejamos, a menina logo conseguiu a primeira oportunidade de lucrar com sua mediunidade.

Quando chegou à terreira e se preparava para entrar, ouviu uma consulente pedindo informações, a mulher queria saber se na casa faziam jogos de cartas. Zulmira disfarçou e parou próximo para ouvir a conversa. O trabalhador da casa explicou que Pai Augusto jogava búzios apenas para os filhos da corrente, que não jogavam cartas, mas ela poderia encontrar boas palavras conversando com as entidades, e que não precisaria pagar para ter uma consulta.

Zulmira andava disfarçadamente de um lado para o outro, quando o rapaz se afastou, ela rapidamente chamou a mulher:

— Ei, ei! Dona! Venha aqui! Ouvi a senhora falar que queria ver as cartas!

— Sim, mas o rapaz me explicou que os guias podem me ajudar!

— Se a senhora quiser posso jogar as cartas!

— Você pode? Que maravilha! Ai, menina do céu, nem te conto! Minha vida está uma tristeza, faz meses que sofro por causa de um homem, quero saber se tenho futuro ao lado dele!

— Olha dona, as cartas mostram tudo! Sempre digo que não falham! Se quiser vou até sua casa!

— Jura! Você faria isso por mim?

— Mas é claro! O que não fazemos para ajudar o próximo? Mas... Infelizmente preciso cobrar um valor pelo meu trabalho! Sou uma pessoa que gosta muito de praticar a caridade, todo dinheiro que recebo com as cartas eu uso para comprar comida e distribuir na favela do cachorrão, a senhora conhece?

— Sim, conheço! Nossa menina! Você é corajosa! Aquela favela é um perigo! Mas quanto você cobra?

— Posso te fazer um bom preço, 12 mil cruzeiros.

— Nossa! Mas tudo isso?

— Moça, essas coisas dão muito trabalho, não é fácil! Preciso limpar o ambiente, me concentrar, perco muita energia! E ainda tem a comodidade de eu ir até sua casa.

A mulher abaixou a cabeça, pensou, pensou, estava desesperada para saber seu futuro amoroso, depois de vacilar por alguns instantes, decidiu:

— Está bem, eu pago. Você pode ir na segunda-feira?

— Me passe seu endereço e na segunda estarei em sua casa, chegarei por volta das 13 horas! A senhora não vai se arrepender! O resultado é certo! Não esqueça que sou médium, nós sabemos muito!

A mulher sacou um cartão e entregou a Zulmira, quando a menina pegou o cartão e viu que sua primeira cliente era uma advogada, os olhos quase saltaram. Entusiasmada deu um abraço na mulher e concluiu:

— Está combinado! Até segunda! Agora vou entrar, está na hora de trabalhar!

Ao lado de Zulmira estava sua Preta Velha e Capa Preta, os dois se entreolharam com profunda tristeza, a vovozinha comentou:

— Vamos falar com Pai Jacó, quem sabe ele consiga conversar com ela e fazê-la desistir dessa ideia!

— Vamos tentar, mas digo uma coisa para senhora, se ela continuar com essa ideia, eu lavo minhas mãos, ela vai caminhar com as companhias que atrair!

Os guias de Zulmira apelaram para Pai Jacó que prometeu fazer o máximo para ajudar, pois a situação da menina poderia se tornar um problema para casa.

Iniciados os trabalhos logo as entidades começaram a se acoplar em seus médiuns, e pouco tempo depois muitos estavam sentados com seus Pretos Velhos.

Zulmira, completamente envolvida pela alegria de conseguir uma cliente advogada, nem sequer se lembrou de incorporar. Parada em um canto pensava em como conseguir um baralho até segunda.

Seu Caboclo, atendendo ao chamado de Capa Preta desceu na terreira, tentaria fazer uma limpeza no corpo astral da menina para ajudá-la a absorver os conselhos de Pai Jacó e as intuições dos seus guias.

Ele se aproximou, olhou para a menina e refletiu:

— Minha filha, você não está em condições de trabalhar, mas pelo menos me deixe te limpar, é o que posso fazer para ajudar! Se você achar que está incorporando não poderei fazer nada, mas pelo menos você sairá daqui sem essas coisas na sua aura, sua vibração está baixa, vamos ver se consigo te ajudar com isso!

O Caboclo aguçou a visão e percebeu várias larvas astrais que sugavam a energia de Zulmira, manchas negras se espalhavam pelo corpo sutil. Entristecido ele começou a limpeza, quando fez um movimento enérgico de cima para baixo, tentando remover toda energia densa, Zulmira desceu até o chão, puxou uma flecha e jogou no ar, bateu com força no peito e bradou como um guerreiro que vai para batalha em prol dos necessitados.

O Caboclo olhou para Capa Preta e balançou a cabeça negativamente, por mais que tentasse, não deu tempo de concluir a limpeza.

Pena Branca, o Caboclo de Pai Augusto, que trabalhava conectado no babalorixá, se aproximou de Zulmira e falou:

— Fía, se concentre! Pense em seus guias!

Zulmira franziu a testa, mostrando-se como um guerreiro bravo e destemido falou:

— Mim flecha afiada! Mim guerreiro forte e valente!

— O quê? Mim? Flecha afiada? Ôxê! Parece um índio norte americano! Ocê veio de onde?

— Mim índio! Mim guerreiro!

— Fía, suncê num tá com guia não!

Zulmira deu as costas, foi até o congá, levantou o braço para o alto e apontou o dedo para a imagem de Cristo e falou:

— Mim tá aqui pra salva suncê!

Mal terminou de pronunciar as palavras e caiu esparramada no chão.

Pena Branca ficou olhando sem entender por que uma pessoa faria toda aquela encenação. Impossibilitado de agir naquele momento, se concentrou e retomou o trabalho. Mais tarde se empenhou em intuir Augusto para que ele enxergasse o que estava acontecendo com a médium.

Zulmira voltou para a corrente, e em poucos segundos de concentração começou a estremecer e se curvar, era sua Preta Velha imaginária que estava chegando.

Para os trabalhadores do astral a cena era bizarra, todos lamentavam o acontecimento, a cena indecorosa da médium se arrastando pelo congá como se estivesse incorporada com uma Preta Velha causava desconforto.

Os médiuns da corrente recebiam as bênçãos de Zulmira crentes de que era uma vovó Conga que espalhava luz por toda a casa. Ela deu uma volta pelo congá, beijou a mão de todos, e depois estremeceu mais uma vez, deu um solavanco para trás e caiu com os braços abertos.

Elenice correu para auxiliar, levantou a cabeça de Zulmira, colocou água na boca da menina, e percebeu que ela revirava os olhos, estava emocionada e não parava de falar:

— Ela tem muita luz! Não aguento, é forte demais para mim! É uma energia pesada demais!

— Calma, Zu, calma! Deve ser um espírito muito elevado, com o tempo você se acostuma! A energia deles é leve! Não é pesada! Deve ser porque você ainda não se acostumou!

Zulmira bebeu alguns goles de água e depois voltou para o seu canto, não demorou e notou que um Baiano a chamava, ela correu para atendê-lo:

— Pois não seu Baiano!

— Filha ocê pode acender esse toco pra mim?

— Sim paizinho!

— Muito agradecido! Força e proteção pra ocê! Fique mais um pôco, quero prosear com ocê! Fía, tudo que nós fala é pro bem de ocês! Tenha cuidado com os caminhos que escolhe, a vida tem muitos buracos para tropeçar, olhe bem para não cair! Tome cuidado, isso é um aviso!

Zulmira agradeceu e saiu, voltou saltitante para o trabalho, naquela noite a alegria era tanta que ela nem se incomodou com as tarefas da casa.

Poucos minutos depois Pai Jacó chamou a menina:

— Sua benção Pai Jacó! Precisa de alguma coisa?

— Sim fía, preciso reforçar o que meu irmão Baiano te falô! Tome cuidado com as coisa que suncê faz na vida! Cuidado com suas escolha! O que se recebe de graça não se cobra! Se recebeu de graça então devolva de graça! Entendeu minha fía?

— É verdade, mediunidade não pode ser cobrada né! Todo mundo fala isso!

— Tome cuidado fía! Tome cuidado!

— Pai Jacó, não posso cobrar nem um pouquinho?

— Quando se trata da sobrevivência pode cobrá um tiquinho, mas é pra comê e tê um lugar pra deitá e dormí, nada de riqueza! Fía, mediunidade não é pra enriquecê não! Não é pra empobrecê e nem pra

enriquecê, tem que ser usada com sabedoria e inteligência, isso não é brinquedo! Fíia, Deus não deu mediunidade pros médiuns saírem cobrando por aí!

— Deus me livre cobrar alguma coisa de alguém!

— Tá bõ fíia, agora já tá avisada! Vá na paz de Oxalá!

Zulmira não conseguiu entender o recado das entidades, em sua cabeça eles alertavam sobre cobranças durante a incorporação. Nem passou pela cabeça da menina que eles estavam falando sobre o jogo de cartas que ela estava prestes a cobrar.

Mal terminou de falar com Pai Jacó e correu em busca de Elenice:

— Amiga, preciso da sua ajuda!

— O que foi menina?

— Consegui uma entrevista de emprego e preciso comprar um sapato novo! Você me empresta? Te devolvo sem falta no próximo sábado!

— Aiiii, desculpe amiga, mas não posso, no próximo sábado é festa de Erê, o único dinheiro que tenho guardado é para fazer um bolo pras crianças, é uma promessa que fiz!

— Te devolvo antes da festa! Por favor! Preciso muito!

— Tá bem! Tá bem! Mas preciso que me devolva até quarta!

Elenice foi até a bolsa, pegou o dinheiro e deu para Zulmira, acreditando que a amiga compraria um sapato para entrevista de emprego.

Na segunda-feira, por volta das 10 horas da manhã Zulmira se arrumou e foi para o centro da cidade, passou em uma loja de artigos exotéricos e comprou um baralho, escolheu com cautela um que viesse com instruções e que não custasse mais do que o dinheiro emprestado por Elenice. Em seguida achou uma lanchonete onde pudesse se sentar com calma, fazer um lanche e estudar até dar o horário de ir à casa da cliente. Zulmira rapidamente entendeu como se fazia o jogo de cartas, cheia de segurança, e certa de que seus guias a ajudariam, seguiu para a casa da mulher.

Por volta das 13 horas ela chegava a uma bela casa em um dos bairros nobres da cidade, tocou a campainha e logo a empregada vestida com um uniforme impecável abriu a porta:

— Você é a cartomante?

— Sim, sou a Taróloga!

— Entre, a doutora Eleonora está no escritório atendendo uma ligação, logo falará com você!

A empregada conduziu Zulmira, assim que entrou na casa, a menina percebeu o requinte, a grande sala com dois ambientes, decorada com belos tapetes e cortinas vermelhas, uma grande mesa de madeira rústica cercada por cadeiras forradas por um belo veludo, vasos, estátuas e quadros decoravam todo o espaço, e pequenos cãezinhos peludos e branquíssimos corriam pela casa.

A empregada que também queria ver as cartas, encheu Zulmira de cuidados:

— Sente-se, a patroa logo vem. A senhora quer um suco?

— Senhorita, por favor, não sou casada ainda. Se for suco de laranja eu quero sim!

— É pra já!

A empregada correu e preparou o suco, em poucos minutos oferecia para Zulmira:

— Sabe, eu também queria ver uma coisa nas cartas, será que não tem como dar uma olhadinha pra mim? Eu estou noiva, quero saber se vai dar tudo certo!

Zulmira olhou a empregada de cima a baixo, e respondeu:

— Posso ver sim! Se tiver 12 mil cruzeiros podemos ver ainda hoje!

A empregada quase se engasgou de susto, gaguejando perguntou:

— Mas é tudo isso que a patroa vai pagar? É quase o valor do meu salário!

— Meus trabalhos não são baratos não! Mas falo na cara, doa a quem doer! Comigo é passado, presente e futuro!

— Você estudou para fazer isso?

— Não, uma grande médium me ensinou! Tive uma excelente mestral!

— Parabéns viu moça! Tenha muita sorte! Agora me dê licença, tenho que terminar meu trabalho.

A empregada que achou o preço abusivo, se afastou e não quis mais saber do assunto.

Pouco tempo depois Eleonora chamou Zulmira

— Como vai Zulmira! Acredito que meu escritório seja o melhor lugar da casa!

Zulmira olhou ao redor, avaliou tudo como se fosse uma médium experiente e comentou:

— Sinto uma energia estranha! Coisas esquisitas! Entra e sai muita gente dessa casa?

— Sim, atendo meus clientes em casa!

— A senhora pense e reflita comigo! Todos esses móveis, essa sala chique, isso atrai muita inveja! É claro que nós médiuns não temos inveja, já nos libertamos desses defeitos, mas as pessoas normais têm!

Zulmira fechava os olhos, se concentrava, estremecia, parecia que estava vendo tudo que se passava na casa:

— Hummm, vejo que muitos espíritos perdidos passam por aqui! Por acaso a senhora não vive discutindo com seu marido?

— Marido? Mas não sou casada! Sou viúva!

Zulmira havia se esquecido que a mulher estava apaixonada, e rapidamente concertou:

— Me desculpe, sem as cartas abertas na mesa não consigo ver tudo!

— Me acompanhe Zulmira, venha! Estou ansiosa!

Entrando no escritório Zulmira notou que o ambiente trazia o mesmo requinte da sala. E Eleonora, perguntou:

— Podemos começar?

Zulmira pegou a bolsa, tirou um pano branco, desenrolou as cartas, fechou os olhos e pediu:

— Diga seu nome completo!

Capítulo III – Estrela da terreira

Eleonora respirou fundo, fechou os olhos, e como se estivesse falando para espíritos presentes no ambiente disse em alto e bom som:

— Eleonora Camargo Dos Santos!

Zulmira embaralhou as cartas, colocou o monte na mesa e pediu:

— Agora corte em três montes!

Eleonora seguiu as instruções, Zulmira juntou todas as cartas com extrema concentração e disse:

— Muito bem, primeiro seu passado! Vejo que um grande amor passou em sua vida! É um senhor de idade, mas me parece que foi embora!

Eleonora surpreendida colocou a mão no peito e respondeu:

— É meu pai! Ele morreu!

Zulmira virou outra carta, e nessa saiu a figura de um caixão:

— Eu sei, estou vendo aqui! A carta do caixão fala que ele morreu!

Virou mais uma carta e dessa vez apareceu uma lua, Zulmira então concluiu:

— Vejo a noite!

— Sim, papai morreu a noite!

Virou as próximas cartas, e saiu a figura de uma mulher e de uma criança, e rapidamente Zulmira falou:

— Essa mulher é sua mãe, e essa menininha é você! Ela não me parece muito feliz!

— Sim, sim! Minha mãe era uma mulher nervosa, me batia quando eu era criança!

— Sim, estou vendo que você apanhava! Você sofria muito!

— Ai Jesus Cristo! É verdade!

Eleonora nem desconfiava que Zulmira seguia o método dedutivo, até aquele momento a única coisa que havia acertado era o estado vibracional da casa que realmente era passagem de vários espíritos perdidos que acompanhavam os clientes da mulher.

E assim foi seguindo o trabalho, Zulmira tirava as cartas e respondia o que sua imaginação dizia, em certo momento Eleonora perguntou:

— Você está vendo alguma coisa sobre o Pedro?

— Pedro, hummm, Pedro, deixe-me ver! Sim, sim! Vejo o Pedro, parece que ele te abandonou?

— Ele é meu padrasto.

— Sim, vejo que seu padrasto te abandonou!

— Na verdade ele bate em minha mãe! Queria saber se fala alguma coisa sobre eles.

— Violência é um tipo de abandono né! Não vejo nada sobre eles, tem coisas que não podemos falar! É proibido sabe!

E rapidamente, antes que Eleonora continuasse com as perguntas Zulmira embaralhou as cartas e disse:

— Agora vamos deixar o passado de lado! Corte as cartas e vamos para o presente!

Zulmira reiniciou e lembrou que a mulher sofria por amor, já na primeira carta enfatizou:

— Vejo que está sofrendo muito por um amor!

— Sim, é Rodrigo, estou apaixonada por esse homem!

— As cartas estão meio confusas! Está vendo essa carta aqui em cima na ponta? É você! E ele está representado por essa carta com um homem, mas... Ao lado dele tem a carta com uma mulher vestida de noiva! Está vendo isso? Olhe a distância entre as cartas! Isso simboliza a distância entre vocês! E ainda tem uma mulher ao lado dele!

Eleonora fez o possível para segurar o choro, com voz baixa perguntou:

— Ele está me traindo?

— Esqueça tudo que está vendo! Se concentre apenas nas cartas que representam vocês dois e veja a distância que os separa!

— Mas ele tem outra?

Zulmira com olhar triste, mostrando solidariedade falou:

— Como fico triste quando tiro essas cartas! Meu deus do céu! Me dá uma tristeza que corta o coração! Acho que você deveria partir para outra, deixar esse homem de lado!

Em seguida apontou uma carta que tinha o símbolo de um sapo, mostrando espanto falou:

— Essa carta não é boa! Sapo é coisa ruim! Quando sai sapo a coisa não presta! O sapo tá longe, mas não interessa, apareceu sapo não é bom! Dona Eleonora, a senhora está derramando lágrimas pela pessoa errada! Fique calma, vou tirar mais uma carta para confirmar.

Zulmira embaralhou e tirou mais algumas cartas, dessa vez veio a figura de um caixão, a conclusão foi decisiva:

— Está vendo! É um caixão! Sapo e caixão não prestam!

Virou mais uma carta com a figura de um advogado, mostrando concentração, respirou fundo e perguntou:

— Estou vendo aqui nessa carta que esse homem é da justiça!

— Sim, ele também é advogado!

— Para a senhora ver! As cartas não mentem!

Zulmira se enchia de orgulho, pois tudo estava dando muito certo, enquanto isso Eleonora crente de que estava diante de uma das melhores cartomantes que já havia encontrado.

Antes de encerrar o jogo do presente ainda apontou mais algumas cartas:

— A senhora está vendo, essa carta da mulher, da criança, do homem de barba e do cachimbo? Representa sua mãe, você, e seu padrasto que fica fumando e não está nem aí pra vocês!

Eleonora ficava espantada.

Zulmira embaralhou mais uma vez e disse:

— Agora vamos para o futuro!

— Por favor, jogue, quero ver se terei sorte no futuro! Para mim o Rodrigo morreu!

Mostrando exímia destreza Zulmira espalhou as cartas sobre a mesa e falou:

— Tire três cartas!

Eleonora atendeu e tirou as cartas.

Apareceu o símbolo de uma ave, de uma mulher e um homem, e Zulmira não demorou a deduzir:

— Está confirmado dona Eleonora! Veja aqui, ele vai ficar com ela!

Outras cartas foram abertas, e novamente saiu a figura de uma criança, seguida pela carta de uma casa, e Zulmira explicou:

— Te digo que eles vão se casar e ter filhos!

Mais uma carta e a figura de três ovos, e Zulmira afirmou:

— Ovos! É a carta da fertilidade! Vão ter mais que um filho, serão muitos!

Eleonora que assistia espantada já não tinha a menor esperança de futuro com Rodrigo, acreditava em tudo que Zulmira falava, estava conformada que em breve o homem se casaria, e teria vários filhos.

Percebendo que a cliente mostrava abatimento e tristeza, Zulmira mostrou solidariedade:

— Calma dona Eleonora, agora essas cartas vão falar sobre a senhora! Vamos ver sua sorte!

Virou as cartas e saiu a figura de uma mulher, e de um caixão, Eleonora levou as mãos ao peito espantada:

— Meu Deus! Vou morrer?

— Vai Dona Eleonora, mas é de tristeza se não esquecer esse homem! Vejo muita vida pela frente! O caixão está alertando a necessidade de mudança! O passado deve morrer!

Virou mais uma carta e dessa vez saiu uma vassoura, e rapidamente Zulmira afirmou:

— Vassoura é muito bom! Significa caminhos abertos!

Tirou a carta de um médico e concluiu:

— A senhora vai fazer cirurgia em breve!

— Mas não estou doente!

— Ahaa sim! É uma cirurgia plástica! Vida nova dona Eleonora, vida nova!

Mais uma carta e dessa vez aparece a imagem de um homem jovem em um cavalo branco, e sem pensar duas vezes Zulmira inteirou:

— Ele está aqui!

— Ele quem?

— Olhe, está vendo esse homem no cavalo branco? É o homem da sua vida! Um belo e jovem rapaz!

Eleonora abriu um grande sorriso, os olhos entristecidos deram lugar ao brilho da esperança.

A próxima carta mostrou o símbolo do mar, Zulmira bateu o dedo sobre a carta, sorriu e disse:

— Está vendo? Isso simboliza a sorte! Água, mar é igual fartura!

Mais uma carta e dessa vez o símbolo de um chifre com moedas e dinheiro:

— Humm, muito bom! A senhora vai ficar rica!

Eleonora começou a se animar, de acordo com Zulmira, em breve encontraria um homem jovem, que seria o amor de sua vida, teria os caminhos abertos para sorte, beleza e muito dinheiro. Percebendo que Zulmira se preparava para encerrar os trabalhos, perguntou:

— Posso fazer mais uma pergunta? Eu soltei um homem da prisão, quero saber se ele vai me pagar pelo trabalho.

— Vamos ver isso agora mesmo! Tire mais três cartas!

A mulher tirou as cartas e dessa vez saiu a carta de um homem, uma mulher e a última a ser virada foi a de um cachorro, Zulmira olhou assustada e confirmou:

— Olha, a senhora está vendo isso? Essas cartas são muito claras! Mostram a senhora, esse homem e um cachorro! Sinto em dizer, mas ele é um cachorro e não vai te pagar!

Eleonora estava de boca aberta com tantas revelações, levantou-se ainda entorpecida pelas emoções, foi até uma gaveta de onde retirou um pequeno maço de notas:

— Zulmira, está aqui seu pagamento. Estou eternamente grata por sua ajuda, obrigada por me abrir os olhos! Agora posso encerrar esse romance com Rodrigo e aguardar meu verdadeiro amor! Como posso fazer para te chamar outras vezes?

— A senhora sabe onde me encontrar, eu estou sempre na terreira.

Zulmira despediu-se de Eleonora, e saiu da casa saltitante, foi direto para uma loja de artigos religiosos, com um bom dinheiro nas mãos, escolheu o melhor vestido, comprou as guias de todos os Orixás, de todas as entidades, guias de todas as cores e tipos, a maioria ela nem sabia para que serviam.

Saindo da loja Zulmira parou na calçada e pensou:

— Pois agora vou ao mercado, vou comprar comida pra encher a barriga de todo mundo naquela casa!

Pouco tempo depois ela andava pelo mercado com um carrinho cheio, comprou carne, arroz, feijão, verduras, produtos para a mãe fazer uma feijoada, algumas guloseimas para os irmãos, passou no caixa, pagou pelas compras e seguiu toda feliz para o ponto de táxi em frente ao mercado, levantou a mão e fez sinal, o motorista logo se apressou:

— Boa tarde! Para onde vamos?

— O senhor me ajude a colocar essas compra no carro, por favor! Depois dou o endereço.

— Claro madame!

O motorista viu que Zulmira estava muito bem vestida, com várias sacolas de compras, supôs que deveria ser alguma das madames do bairro, e Zulmira, experta como era, primeiro entrou no carro, para depois falar para onde ir. Quando os dois estavam acomodados o motorista perguntou:

— Para onde vamos madame?

— Para o Morro do Cachorrão.

— Desculpe, não entendi, pode repetir, por favor?

Zulmira respondeu com irritação:

— Pro Morro do Cachorrão!

— A senhora está brincando moça? Quer ir para favela do Cachorrão? Quer que eu suba lá!

— Não se preocupe, nós moramos na parte nobre! É logo no começo do morro!

— Parte nobre no Morro do Cachorrão? E tem isso?

— Sim, é onde tem casas construídas! A parte de cima que é favela!

— Está bem moça! Vou te levar, mas vai ficar caro e vou cobrar um extra!

— Tá moço! Eu pago! Agora vamos!

Alguns minutos passaram e o motorista parou na entrada do morro:

— Moça, vou te deixar aqui, você sabe que esse lugar tem dono e não posso entrar!

— Moço, o senhor siga, por favor! Se alguém parar pode deixar comigo! Aqui todos me conhecem e sabem que não sou de brincadeira! Agora vá, ande, ande!

O motorista subiu o morro, tomado pelo medo começou a suar frio, seguiu por algumas vielas e logo Zulmira pediu:

— Pode parar na frente daquela casinha com portão de ferro!

O motorista parou, os olhos amedrontados, olhava para todos os lados, a vontade era de sair correndo. Virou e falou para Zulmira:

— Moça, o valor é esse que está no taxímetro, mas te avisei que teria um extra, pode colocar mais dez por cento em cima!

— O quê? O senhor está querendo me roubar? Vou te pagar o que está no taxímetro e nada mais! E antes de reclamar, fique sabendo que sou macumbeira e filha de Iansã! Quando ela baixa e entra no meu corpo não tem quem me segure!

O motorista assustou-se ainda mais, pegou o dinheiro, ajudou Zulmira a tirar as compras do carro e desceu em disparada.

Ao entrar em casa Vera se assustou:

— Filha do céu! Onde você ficou a tarde toda? E que sacolas são essas?

— Não te disse que ia dar um jeito de conseguir dinheiro? Joguei as cartas para uma madame e ela ficou muito satisfeita, esse foi meu pagamento!

Vera ficou deslumbrada ao ver tantas sacolas com alimentos, abraçou a filha e se apressou em guardar tudo. Enquanto guardava as comprar lembrou de uma vez que conversou com um Preto Velho na terreira, a entidade alertou para que ela ficasse atenta com os caminhos

que Zulmira escolheria. Preocupada com a lembrança, ela interrogou a filha:

— Zulmira, é certo jogar cartas e cobrar?

— Não tem problema não! É pra comprar comida!

— Sim, mas o que você cobrou foi bastante, olhe o tanto de coisas que comprou! Eu pensava que era permitido cobrar um valor baixo!

— Não se preocupe mamãe, a mulher é advogada, tem condição de pagar bem!

— Filha, escute o que vou te falar! Eu sei que nossa vida é dura, mas cuidado para não se atirar por caminhos do mal só porque quer mudar de vida! Pai Augusto falou várias vezes que mediunidade não se cobra!

— Mas eu não estou cobrando a mediunidade! Estou cobrando o jogo de cartas, isso não tem nada a ver com mediunidade! E todo sábado estou lá na terreira trabalhando de graça!

— Não sei Zulmira, não sei! Acho melhor conversar com Pai Augusto ou com um Preto Velho antes de continuar com isso!

— Está bem, no próximo sábado eu converso! Prometo! Agora vamos preparar uma comida bem gostosa!

Vera ficou confusa, não sabia se era certo ou errado, mas confiou na palavra de Zulmira. Para evitar ainda mais brigas com o marido, inventou uma história, disse que a filha conseguiu um emprego onde trabalhava por comissão, e já no primeiro dia conseguiu fazer boas vendas. Juvenal ficou desconfiado, mas fingiu acreditar.

No dia seguinte Zulmira foi até o trabalho de Elenice, devolveu o empréstimo e aproveitou para gastar o restante do dinheiro.

No sábado seguinte a terreira de Pai Augusto estava lotada, todos queriam participar da festa de Erê.

Zulmira entrou no congá com o pescoço cheio de guias, o peso era tanto que andava arqueada.

Augusto olhou para o exagero e preferiu não comentar, estava se acostumando com as excentricidades da menina. Logo que entrou no

congá abriu os trabalhos, poucos minutos depois os médiuns recebiam suas entidades infantis.

Os médiuns incorporados brincavam pelo chão, enquanto isso Zulmira se revirava em um canto do congá, não demorou muito para que se atirasse no chão dando cambalhotas, rindo e falando como uma criancinha.

Pai Augusto, que continuava desconfiado de Zulmira, decidiu que naquela noite ficaria de olho, algo na menina lhe deixava inquieto. Todas as giras ele incorporava, não conseguia cuidar de tudo que acontecia durante os trabalhos. Clemente sempre lhe passava as informações, mas não sabia dizer se Zulmira estava mistificada.

Enquanto atendiam os médiuns incorporados com seus Erês, Pai Augusto foi até Zulmira, agachou-se diante da menina perguntou:

— Quem é você?

— Sou Mariazinha!

— É, tem muitas Mariazinhas aqui não é mesmo? Você quer que eu te traga guaraná?

— Sim! Sim! Quero que o tio traga fanta!

— Fanta? Você quer fanta?

— Sim! fanta!

Pai Augusto se levantou, quase não conseguiu esconder o espanto, foi até a cozinha e discretamente chamou Clemente:

— Clemente, venha aqui! Você não vai acreditar, o Erê de Zulmira acabou de me pedir fanta!

Clemente arregalou os olhos, e perguntou:

— Fanta? Mas como assim fanta? Tem certeza?

— Sim, tenho certeza! Estou desconfiado que essa menina está trabalhando mistificada! Clemente, no próximo sábado teremos trabalho com Preto Velho, peça para ela fazer o ponto riscado!

— Vou pedir! Espere um pouco, vou buscar a fanta que ela pediu e vou levar!

Clemente saiu, foi até um pequeno armazém próximo à terreira e comprou um pacote de suco de laranja. Voltou às pressas e preparou a

bebida, fez questão de acrescentar muito açúcar deixando o suco quase intragável. Foi até Zulmira e ofereceu a bebida:

— Tome Mariazinha, sua fanta!

— Obá! Obá! Fanta!

Zulmira bebeu o suco, franziu a testa, fez uma cara feia e reclamou:

— Éca! Tá ruim! Não quero isso!

Pai Augusto que observava de longe teve mais uma prova de que Zulmira não estava trabalhando com um guia, mas algo no babalorixá fazia com que fosse complacente. A demonstração que deveria ser o suficiente, não conseguiu fazer o Pai de Santo tomar uma atitude.

Naquela noite Zulmira deu várias demonstrações de mistificação, alguns irmãos de corrente, começaram a desconfiar da menina, temendo julgamentos precipitados, a maioria preferiu se calar, inclusive Augusto.

Na próxima gira, lá estava Zulmira, pronta para o trabalho. Pai Augusto incorporado com seu Caboclo, e Clemente de olho em todos os movimentos da menina.

Mal começaram os toques para Preto Velho e Zulmira incorporou a Vovó Conga imaginária, Clemente mais que depressa acomodou Zulmira em um banco e perguntou:

— Vovó, quer que eu traga alguma coisa?

— Que nosso senhor jêsus cristo te abençoe fio! Quero um galhinho de arruda pra benzê os fios e minha cachimba!

— Vou trazer a arruda, e a cachimba e uma pemba pra senhora!

— Pemba? Não pedí pemba não!

— Hoje a senhora vai começar a atender o povo, precisamos fazer o ponto riscado!

Antes que Zulmira respondesse, Clemente correu para cozinha, pegou a arruda, a cachimba e a pemba:

— Está tudo aqui vovó, a senhora já pode fazer seu ponto!

Zulmira pegou a pemba, olhou para o chão, e ficou pensativa, não sabia o que fazer, percebendo que Clemente aguardava, ela fez um círculo, desenhou um coração, uma folha, e mais alguns rabiscos

indecifráveis. Clemente olhou sem entender, mas como não lembrava do ponto riscado da entidade, deu-se por convencido. Agradeceu e deu permissão para que Zulmira comesse o atendimento.

Pouco tempo depois o Caboclo de Pai Augusto foi embora, e o babalorixá, saindo do transe mediúnico viu Zulmira incorporada, sem perder tempo foi atrás de Clemente e perguntou:

— Clemente, você pediu para preta Velha da Zulmira fazer o ponto riscado?

— Pedi sim, mas... Ela fez uns riscos estranhos, vá até lá e olhe!

Augusto se aproximou de Zulmira, olhou o ponto riscado e não entendeu nada, voltou para perto de Clemente e falou:

— Aquele não é o ponto da vovó Conga! Ai meu Deus do céu!

— Augusto, calma! Vou ser sincero, eu não lembro o ponto da Vovó Conga, acho que está parecido!

— Sim, parecido está, mas não é garantido!

— Pode ser que a entidade tenha seu próprio ponto! A casa está lotada de consulentes, precisamos de mais médiuns! Deixe-a atender! Vamos ficar de olho!

Augusto deu-se por vencido, e pouco tempo depois Zulmira atendia sua primeira consulente.

Uma senhora sentou-se em frente da menina, que pegou um galho de arruda e abençoou:

— Que jejuis abençoe suncê minha fía! Como é que essa preta véia aqui pode ajudá a fía?

A mulher, acreditando que estava falando com uma vovozinha, pediu:

— Minha netinha está muito doente, trouxe aqui uma foto dela, tem como a senhora abençoar minha menina?

Zulmira abençoou a foto, fez uma reza, defumou a mulher e garantiu:

— Pode vortá pra casa fía, em sete dias tua menina vai tá curada!

A mulher saiu contente, crente que em sete dias sua netinha estaria curada.

A espiritualidade que trabalhava na casa, sabendo dos acontecimentos, deu o amparo que a mulher e a criança necessitavam e mereciam, no entanto, os méritos ficaram para Preta Velha de Zulmira, uma entidade que nem existia.

Zulmira, algumas vezes dava bons conselhos, fazia belas orações, no entanto, misticada não conseguia trabalhar com a mesma eficiência que um guia. Na maioria das vezes os trabalhadores do plano espiritual precisavam amparar o consulente para que esse não voltasse para casa sem o auxílio que foi buscar.

Depois daquele dia Zulmira passou a atender todos os sábados, seus maiores equívocos aconteciam nas giras de esquerda. Sempre passava dos limites quando incorporava seu Exú Marabô e sua Maria Padilha.

Em um dos trabalhos de esquerda Zulmira cometeu um grave erro. Uma mulher de aproximadamente quarenta anos se sentou na frente da menina, aflita saudou:

— Boa noite seu Exu Marabô!

Zulmira soltou uma gargalhada, deu uma baforada de fumaça, tomou um gole de cachaça e ofereceu para mulher, com um sorriso irônico e debochado falou:

— Diga! O que você precisa?

— Sabe o que é, meu marido não me procura mais, parece que não tem mais interesse por mim!

— Há, há, há, há não é para menos minha senhora! Por acaso já se olhou no espelho? É um bucho! Aposto que quando era mais jovem se cuidava para seu marido!

A mulher empalideceu, e antes que pudesse responder Zulmira disparou:

— Olhe para a senhora! Uma mulher acabada, com essas pernas finas, barriga caída! No lugar do seu marido eu não teria o menor interesse!

A mulher abaixou a cabeça, sentia-se envergonhada, fazia um grande esforço para segurar as lágrimas que insistiam cair, e Zulmira continuou:

— O que a senhora quer que eu faça?

— Quero saber se ainda tem jeito, se ele tem outra mulher!

— Se tem jeito não sei! Mas que ele tem outra mulher isso é certo! Homem nenhum aguentaria isso! Mais alguma pergunta?

— Não, muito obrigada seu Marabô!

A mulher mal conseguiu andar, as pernas tremiam, saiu da terreira transtornada.

Quando chegou em casa foi para o quarto, olhou para o marido dormindo e sentiu uma imensa tristeza, lembrando das palavras do Exú, foi dominada pela revolta, tirou a sandália e começou a bater no homem. Ele acordou assustado, e sem entender o que estava acontecendo. Defendendo-se como podia perguntou:

— Gisele! O que aconteceu? Você está louca?

— Seu desgraçado! Eu já sei de tudo! Você está me traindo!

— Está louca! Quem te falou isso!

— Seu Marabô me contou! Não adianta tentar esconder!

O casal passou a noite brigando, o marido se defendia e jurava que nunca havia traído, mas a esposa não acreditava, estava convencida e cega com as palavras do Exú. Passaram-se algumas semanas e os dois decidiram se separar. Até o último segundo o marido jurou que era inocente, no entanto, nada podia falar ou fazer para derrubar a palavra de uma entidade.

Gisele começou a se cuidar, fez dieta, emagreceu, mudou o figurino, e pouco tempo depois encontrou um novo namorado. Feliz e confiante de que havia feito a escolha certa, voltou a terreira para agradecer ao Exú Marabô. Levou um charuto importado, uma garrafa de marafo, entregou para o Marabô de Zulmira e fez os mais exaltados elogios e agradecimentos. O que a mulher nem suspeitava era que o marido falava a verdade, nunca traiu, e o novo namorado chegou em sua vida por conta da mudança que ela mesma promoveu.

E Zulmira vivia como se fosse uma médium exemplar, trabalhava na terreira, conseguiu novas clientes, todas ansiosas para ver o futuro nas cartas. Eleonora fez propaganda para várias amigas, todas

mulheres com ótimas condições financeiras e Zulmira não tinha vergonha de cobrar valores exorbitantes.

A maior parte do valor recebido ela guardava, um pouco dava para mãe, e o restante gastava com charutos, taças e roupas para a Bombo-Gira, cigarros, guias e bebidas caras para suas entidades, quando entrava no congá era a médium mais enfeitada.

Os burburinhos entre consulentes e clientes se espalhavam, todos se admiravam com o desempenho daquela médium que se destacava entre todos, e logo Zulmira ficou famosa, todas as semanas alguém insistia para conversar com suas entidades, o que ninguém imaginava era que as entidades da menina estavam afastadas há muito tempo.

Sabendo que sua reputação de médium excepcional se espalhava, ela caprichava ainda mais, comprava mais guias e mais roupas, tudo para manter a posição de estrela da terreira.

## CAPÍTULO IV

### O começo do fim

Mais de três anos se passaram, em casa Vera se preocupava com o dinheiro que a menina conseguia, Juvenal e os meninos continuavam indo nos cultos, o pai desconfiava do trabalho de Zulmira, mas preferia não argumentar, o importante era que tinham alimento na mesa. Zuleide seguia Zulmira em todas as giras, e Zuleica, a menina mais nova, era a única que não queria saber de religião.

Na terreira Zulmira continuava com sua mistificação, em pouco tempo se tornou a estrela da casa, incorporava Preta Velha, Baiana, Caboclo, Boiadeiro, Zé Pilintra, Marabô, Maria Padilha, e recebia a vibração de todos os Orixás, e cada uma das incorporações era digna de um verdadeiro show. Durante todos os anos de trabalho, Zulmira nunca incorporou, seus guias tentaram de todas as maneiras vencer a agrégora formada pela menina, mas nunca conseguiram. E assim Zulmira prosseguia enganando a si mesma, nunca parou para pensar e concluir que estava completamente equivocada.

Pai Augusto continuava empurrando a situação, sempre com seus conflitos interiores, às vezes desconfiava que Zulmira estava enganando a todos, depois tinha certeza de que a menina era uma médium excepcional, muitas vezes quis dispensar Zulmira, mas nunca conseguiu tomar uma atitude enérgica, temia fazer julgamentos errados, não queria ser injusto e magoar a menina, e sempre que pressionava Zulmira ela conseguia convencê-lo de que tudo estava certo. Extremamente convincente, ardilosa e inteligente, Zulmira sabia como persuadir o babalorixá, que sempre se dava por vencido.

E como uma doença, aos poucos os achaques de Zulmira começaram a se alastrar entre alguns médiuns, muitos olhavam para a menina com a mais alta admiração, enquanto outros revoltavam-se com a visível mistificação, espalhava-se o boato de que a menina dava consultas em domicílio cobrando altos valores. E sem que Augusto percebesse, sua terreira começou a apresentar desequilíbrio entre os

médiuns, alguns já haviam abandonado o trabalho e procuravam outra casa para trabalhar, e outros se preparavam para fazer o mesmo.

Geraldo, um dos médiuns mais antigos da casa, percebendo que Pai Augusto mostrava resistência quando o assunto era Zulmira, decidiu conversar com Clemente. Esperou o final da gira e chamou o pai pequeno:

— Clemente, irmão, preciso conversar com você! Em particular!

— Sim, venha meu amigo, vamos nos sentar na consulência, todos já foram embora. Augusto também já foi para casa. Venha Geraldo, você parece aflito!

— Clemente, não quero fazer intrigas e nem julgamentos contra meus irmãos de corrente, o que venho falar é em nome de outros médiuns, os mais antigos na terreira.

— Geraldo, fale homem! O que aconteceu?

— Muitos dos médiuns antigos estão procurando outras casas para trabalhar, alguns já foram embora, eles não acreditam mais na firmeza da terreira! Clemente, eu sou um dos poucos que ainda pretende ficar!

— Mas como assim? Não estou entendendo!

— Clemente, você nunca desconfiou de Zulmira? É visível que essa menina não tem guias trabalhando com ela! Alguns dos médiuns já tentaram falar com Pai Augusto, mas ele se esquivava do assunto, defende Zulmira, acho estranho, pois ele não mostra confiança nessa menina, mas continua em cima do muro!

— Geraldo, eu também acho estranho, mas se Pai Augusto confia, então eu também confio!

— É aí que está o problema! Pelo que percebo, nem Pai Augusto confia muito nela! O problema meu amigo, é que essa menina está passando dos limites, de uns tempos pra cá deu para incorporar e ajudar os médiuns iniciantes na incorporação! Ela se acerca dos novatos, faz rezas, estala os dedos, todos os tipos de rituais estranhos até que eles incorporam, isso é preocupante, pois podem estar criando um “cascão”!

— Você acha que é tão grave assim?

— Pense Clemente! Médiuns iniciantes ainda estão aprendendo a sentir seus guias, são vulneráveis! Eles veem Zulmira como uma super médium, se ela se aproxima e começa a puxar os guias deles, é muito provável que se precipitem em uma incorporação que não aconteceu! Vão começar a trabalhar envolvidos por uma agrégora, estarão mistificados! O trabalho de puxar os guias deveria ser do babalorixá, e apenas dele ou de médiuns autorizados por ele!

— Vou tentar conversar com Pai Augusto, esperem passar a festa de Preto Velho que é daqui duas semanas. Pai Augusto está preocupado, pois não sabe se terá condição financeira para fazer a festa. Fale com os outros médiuns, peça para terem só mais um pouco de paciência.

— Vou falar com eles, mas temos mais um problema!

— Outro?

— Zulmira! Existem boatos de que ela está jogando cartas e cobrando altos valores. Clemente, os médiuns têm medo, acreditam que Zulmira está mistificada e rodeada de quiumbas que ajudam ela nos jogos! Amigo, você me conhece, já tenho quase 60 anos, e faz mais de 30 que trabalho em terreiras, eu já vi muita coisa, mas nada parecido com Zulmira, uma médium que incorpora todos os Orixás! Não entendo como Pai Augusto não enxerga o que está na cara dele! Em pouco tempo a situação vai ficar insustentável! Vai sobrar apenas médiuns mistificados!

— Está bem Geraldo, fique tranquilo, vamos resolver isso! Agora me dê um abraço e vamos descansar!

Os dois se despediram e voltaram para as suas casas, Clemente pretendia falar com Pai Augusto depois da festa de Preto Velho, mas sentiu-se inquieto, a conversa não lhe saía da cabeça, intuído pelos trabalhadores espirituais, decidiu que no dia seguinte ligaria para Augusto e falaria sobre a conversa que teve com Geraldo.

No plano espiritual muitos guias se viam obrigados a assistir seus médiuns seguirem os mesmos passos de Zulmira, quando se aproximavam para iniciar a incorporação, a menina, incorporada com o Caboclo imaginário interferia, acontecia justamente o que Geraldo falou,

os iniciantes se deixavam envolver pelos rituais de Zulmira, ficavam ansiosos e se precipitavam em uma incorporação que não havia acontecido, criavam em torno de si um “cascão”.

No dia seguinte, logo cedo Clemente ligou para Augusto, em uma longa conversa contou tudo que Geraldo havia falado. A inquietação de Augusto se tornou angustiante, ele andava de um lado para o outro, se afligia, rezava pedindo orientação de seus guias, mas envolvido em uma nuvem de tormentos não conseguia captar o que seus companheiros espirituais passavam.

Depois de horas de preocupação ele decidiu, na próxima gira não daria passagem para seus guias, passaria a noite observando os médiuns.

Para Augusto a semana pareceu interminável, e quando finalmente chegou o sábado, ele estava preparado para colocar um ponto final no problema.

Iniciou os trabalhos, e como sempre, Zulmira foi a primeira a incorporar o Caboclo, depois de bradar, atirar flechas para todos os lados, foi até os médiuns iniciantes e começou a envolvê-los em seus rituais e logo eles também incorporaram, e Pai Augusto atento a cada movimento da menina.

Mais tarde chamaram Preto Velho, Baiano, Boiadeiro e os trabalhos seguiam como de costume.

Encerradas as consultas, Pai Augusto pediu que tocassem para Ogum, e quando soou o primeiro toque do atabaque Zulmira saiu girando e gritando:

— Ogunhê! Ogunhê meu pai Ogum!

Enquanto Zulmira rodopiava gritando, alguns médiuns recebiam a vibração de Oxum, outros de Xangô, Iansã e até Iemanjá. Olhando para a cena o babalorixá teve certeza de que algo muito estranho estava acontecendo.

Encerrado os toques para Ogum, Pai Augusto pediu que tocassem para Iansã, e novamente Zulmira foi o destaque, enquanto os atabaques soavam as batidas rápidas de Iansã, Zulmira contornava o congá com as mãos estendidas e em prantos convulsivos, estava

recebendo a vibração de Oxum. Era uma verdadeira confusão, não havia mais ordem e disciplina na corrente.

Finalizados os trabalhos daquela noite, Augusto mal conseguiu dormir, rolava de um lado para o outro na cama quando lembrou de Norberto, um amigo da juventude, os dois iniciaram juntos na Umbanda, mais tarde cada um abriu sua terreira, mas os laços de amizade continuaram fortes. Norberto tinha clarividência, conseguia ver a espiritualidade, a aura dos encarnados, certamente Norberto poderia ajudá-lo.

No dia seguinte Augusto acordou cedo e ligou para Norberto. Pouco tempo depois o amigo chegou em sua casa.

Augusto recebeu o amigo com alívio e alegria, deu um abraço e convidou para entrar. Norberto, percebendo a aflição do amigo foi direto ao assunto:

— Augusto, o que está acontecendo de tão grave? Porque está tão ansioso!

— Norberto, tem alguma coisa errada na terreira! Alguns médiuns antigos já abandonaram a casa, ontem decidi passar a noite observando os trabalhos, não conseguia acreditar! Nunca em minha vida eu assisti tantas “macaquices”!

— Que tipo de “macaquices”? Me explique melhor, não estou entendendo!

— Tem médium que está incorporando antes mesmo de iniciarem os toques, outros recebem a vibração de Oxum, Xangô, Iansã durante os toques de Ogum! Recebem Xangô durante os toques de Oxum, uma verdadeira confusão! Você tem clarividência, quem sabe possa me ajudar!

— Augusto, nem sempre consigo ver, isso é muito relativo, está muito atrelado ao meu estado emocional, para ver a espiritualidade preciso estar bem equilibrado, com uma vibração elevada! Mas posso tentar, o que você quer que eu faça?

— Que participe de algumas giras, ninguém te conhece, entre e fique na assistência e observe os médiuns. Te peço! Por favor! Pelo menos em uma gira de direita e uma de esquerda!

— Veja bem Augusto, não posso ser radical em meus julgamentos, poderei te falar apenas aquilo que minha terceira visão captar! Se eu não conseguir ver o guia, pode ser que consiga ver uma silhueta, um flash, quem sabe isso ajude!

— Qualquer ajuda é bem-vinda!

— Calma, homem, isso vai se resolver! Quantos médiuns você tem na casa?

— Estava com trinta médiuns, agora restam apenas quinze! Só essa semana cinco me avisaram que não vêm mais! Metade foi embora! Estou começando a pensar em fechar a terreira! Perdi as rédeas e agora os cavalos estão soltos!

— Augusto, se as coisas chegaram a esse ponto é sinal que foram longe demais! Você tem certeza que a casa está bem protegida? Como é que você está de Exú?

— Não tenho certeza, acho que nem tem Exú! Estou confuso! Deixe-me pensar um pouco... Tem o meu Exú que é um Sete Encruzilhadas, tem uma médium que trabalha com o Marabô, outro com um Tatá Caveira, uma menina com seu Tranca Ruas!

— Só isso? Você tem só quatro Exús trabalhando na casa?

— Os médiuns que tinham Exú Capa Preta, Exú Veludo, Morcego, e Exú Caveira foram embora! Por isso estou nesse desespero! Estou com o grupo muito reduzido!

— E os outros médiuns da casa, trabalham com quais Exú?

— Os outros eu não sei!

— Mas como não sabe homem? Você não pediu para fazerem o ponto riscado?

— Sim, todos riscaram! Vi os pontos, eram estranhos, não consegui ter certeza, mas também não posso acusar e dizer que não estão com Exú!

— Augusto, Augusto! Se teve dúvida quando fizeram o ponto riscado deveria ter mandado esses médiuns voltar para o desenvolvimento! Mas tenha calma, nem tudo está perdido! Tem médiuns antigos que vão embora porque se incomodam com a chegada

de médiuns novos! Sempre existem os vaidosos e invejosos que se aborrecem com o desempenho do irmão de corrente.

— Sim, tenho uma médium que é especial, essa causa inveja, admiração e incomoda muita gente!

— Especial? Nunca vi médium especial!

— Essa é, ou é especial ou louca! Ela recebe os sete Orixás!

Quando ouviu o comentário, Norberto não conseguiu esconder o espanto:

— Como é que é? O que você disse? Eu ouvi certo? Você tem uma médium que recebe os sete Orixás?

— Pois é meu amigo, ela recebe a vibração dos sete Orixás!

— Eu não acredito nisso! Augusto, você está brincando com minha cara? Me chamou aqui para fazer brincadeiras?

— É verdade! Não estou brincando! A coisa está feia! Assista a gira que você vai ver! A próxima é festa de Preto Velho, em seguida, esquerda, se você puder venha nas duas, depois não te peço mais nada!

— Vou comparecer! Quero ver isso de perto, nunca vi um médium que recebe os sete Orixás!

— Então posso contar com sua ajuda? Está marcado para próxima gira?

— Marcado, fique calmo meu amigo!

Norberto levantou-se, deu um abraço no amigo e concluiu:

— Muito axé um seu coração, tenha força! Que essa muralha de Exu nunca caia e continue a proteger sua casa!

Augusto acompanhou o amigo até o portão e ficou olhando enquanto o carro partia. Norberto era um senhor com pouco mais de sessenta anos, muito estudado e experiente nos trabalhos de terreira, para Augusto ele era como um mestre e irmão. Um pouco mais tranquilo com a ajuda de Norberto, ele tentou descansar, mas os problemas e Zulmira não lhe saíam da cabeça.

Durante a semana Augusto mal conseguiu se concentrar no trabalho, as preocupações e o desânimo tomavam conta de todos seus pensamentos, os dias se tornavam penosos.

No sábado Augusto se esforçou para elevar os pensamentos, era festa de Preto Velho, um dia especial que sempre lhe trazia satisfação. Naquele ano a festa seria humilde, o babalorixá, sem a ajuda dos médiuns antigos não conseguiu levantar verba para comprar tudo que precisava para a festa, no entanto, decidiu que fariam a comemoração com o pouco que tinham.

Quando entrou no congá, olhou para consulência e viu Norberto sentado na última fileira, o amigo sorriu, acenou, e continuou sentado, os olhos atentos observavam tudo.

Iniciaram-se os trabalhos, pouco depois os toques para Caboclo. Norberto decidiu se aproximar da corrente, levantou e se sentou na primeira fila, discretamente olhou para porta e se concentrou, queria ver se a casa estava guardada por Exús, mas não conseguiu perceber nada, fechou os olhos e tentou novamente, e, não viu nenhum guardião em torno da casa ou na porta. Norberto se preocupou, uma terreira sem proteção de Exús está fadada ao fracasso e invasão de espíritos trevosos.

Quando voltou a olhar para o congá viu que Augusto estava incorporado, atrás do babalorixá um homem alto de pele morena, a cabeça adornada com penas, era o Pena Branca que trabalhava com Augusto. Ao lado mais três médiuns estavam com seus guias, os outros continuavam em concentração.

De repente uma das médiuns deu um brado tão alto que fez Norberto dar um leve salto, ele olhou e viu Zulmira, a menina andava de um lado para outro pisando forte, o rosto carrancudo, de punhos fechados batia no peito, deu uma volta rápida pelo congá e começou a atirar flechas para o alto, nos médiuns da corrente, nos consulentes, e até no babalorixá.

Norberto arregalou os olhos, nunca tinha visto uma incorporação como aquela, olhou com concentração para Zulmira, tentou ver se a menina estava com guias, e para seu espanto, o que conseguiu ver foi uma nuvem acinzentada em torno da médium.

Espantado com a visão, ele começou a se perguntar:

— Meu Deus, será que estou ficando maluco? Essa menina não está com guia! E que aura escura é essa em volta dela? Vou me concentrar mais, quem sabe esteja enganado!

Norberto se concentrou ainda mais, fixou o olhar em Zulmira e nos outros médiuns, conseguiu ver nitidamente que os médiuns incorporados estavam envolvidos por um campo de energia reluzente, com cores vivas e variadas, atrás os guias trabalhavam conectados aos chacras, o que fazia o campo de energia se expandir, era uma visão linda e encantadora.

E Zulmira andava de um lado para o outro, completamente sozinha, a única coisa que ele conseguia ver na menina era um campo de luz acinzentado.

Os Caboclos começaram os passes e Zulmira estalava os dedos, repetia palavras confusas, fazia sinais incompreensíveis, Norberto percebeu que ela não sabia o que estava fazendo.

Quando ela se aproximou para lhe aplicar o passe, Norberto olhou com atenção e notou que a menina estava em transe mediúnico, ao lado direito do corpo uma luz suave se deslocava, aquilo provava que ela estava insuflada. Ele olhou para Zulmira com piedade, era evidente que a menina estava em transe mediúnico, os corpos sutis expandidos lhe davam a sensação de insuflamento, e ela acreditava que isso era uma incorporação, tudo não passava de um grande equívoco por parte de Zulmira.

Encerrado os passes, os atabaques entoaram os toques para Ogum, Augusto continuava com seu Pena Branca, portanto, encontrava-se alheio a tudo. O toque que era para ser uma homenagem ao Orixá e iniciar a abertura do próximo trabalho, se tornou um verdadeiro show, e Zulmira foi a precursora do espetáculo. Com as mãos cerradas e levantadas para o alto, começou a girar intempestivamente, gritava sem parar, passou por todos os médiuns que começaram a fazer o mesmo, alguns choravam, outros berravam, e no final Zulmira se atirou no chão em prantos e soluços falando alto, e para todos:

— Ogunhê! Ogunhê meu pai Ogum! Sua energia é poderosa demais, não aguento! É muita luz! Muita luz!

Clemente e outros médiuns correram para socorrer e levantar Zulmira, a menina chorava sem parar, eles abanavam, davam água, batiam de leve no rosto da menina, mas parecia que ela ia desmaiar a qualquer instante.

Contida a situação, todos os médiuns se posicionaram, o Caboclo de Augusto foi embora, e o babalorixá pediu que tocassem para a linha das almas, os médiuns começaram a incorporar, e Norberto aguardava para ver a reação de Zulmira.

E não demorou, logo ela se encurvou, estremeceu, e acreditou ter recebido a vovó Conga, caminhando com dificuldade e quase se arrastando pelo congá, ela se apoiou em Elenice e foi até o banco onde sentou-se demonstrando um peso descomunal, tremia como se fosse uma idosa reumática.

Começaram o atendimento dos consulentes. Norberto percebeu alguns médiuns acomodados em seus bancos com seus Pretos Velhos sentados logo atrás, viu Pai Jacó ligado a Geraldo, a cena era emocionante.

Norberto sempre se encantava, era comovente observar os Pretos Velhos conectados em seus aparelhos, olhou com mais atenção para o médium Geraldo, viu que atrás dele estava Pai Jacó sentado em um banco branco, os chacras do Preto Velhos se ligavam aos chacras de Geraldo de olhos fechados, a cabeça apoiada na mão, em profunda concentração, a entidade transmitia para seu médium aquilo que queria falar para o consulente. Norberto olhou para outros três médiuns e viu o mesmo tipo de trabalho. Quando fixou o olhar em Zulmira não conseguiu ver nada além do corpo espiritual insuflado.

Norberto sentia-se curioso, nunca viu nada parecido com o caso de Zulmira, querendo entender um pouco mais, decidiu que passaria em consulta.

Percebendo que Clemente estava no congá, chamou o pai pequeno e pediu:

— Clemente, como vai!

— Norberto! Quanto tempo! Decidiu fazer uma visita?

Capítulo IV – O começo do fim

— Vim a pedido de Augusto. Meu irmão, preciso de um favor, quero conversar com aquela médium, você poderia conseguir me encaminhar?

— Quer falar com Zulmira?

— Sim, pode conseguiu?

— Aguarde um pouco que logo te chamo. Hoje o atendimento vai ser rápido, distribuímos poucas fichas, daqui a pouco vamos servir a feijoada para os Pretos Velhos.

Clemente entendeu que Norberto estava na casa por algum motivo, sabia da amizade entre ele e Augusto, se o homem pediu para falar com Zulmira, com certeza tinha um bom motivo.

Pouco tempo depois Norberto foi chamado, quando colocou o pé descalço no congá sentiu que a energia do lugar era boa, apesar de todas as confusões ainda conseguiam manter boas vibrações.

Norberto sentou-se diante de Zulmira e pediu:

— Sua benção vó!

— Jejuis Cristo nosso senhô te abençoe fio!

— Qual é o nome da senhora vovó?

— Pode me chama de Conga! Sou a vovó Conga do Congo! He, he, he!

— Vó, eu estou com muitos problemas, quero saber se pode me ajudar?

— O que é que acontece com o fio?

— Vovó, eu sou casado, tenho três filhos, um deles está preso, quero saber se ele vai sair da prisão. E desconfio que minha esposa está me traindo!

— Ô meu fio! Teu minino tem que cumprí as leis dos homí, ele vai ficá um tempo preso, mas vai saí e nunca mais vai robá!

— A senhora sabe de tudo mesmo! Nem falei que ele roubou!

— Nóis sabe de tudo né fio! Tamo aqui pra ajudá!

— Vovó, a senhora disse que é do Congo, onde foi que a senhora viveu como escrava?

— Ué, já te falei que era do Congo! Por isso meu nome é vovó conga! Fui escrava no Brasir né fio! Que pergunta boba!

— E minha mulher, ela está me traindo?

— Óia fio, as coisa vão melhorá!

— Mas ela me trai? Quero saber se estou sendo traído!

— Vão melhorá sim fio! Vão melhorá! Agora o fio tem outra pergunta?

— Não vovó, já entendi tudo! Agradeço muito a ajuda!

Norberto encerrou a conversa, a situação lhe causava um tipo de incômodo, ele sabia que a menina não tinha entidades e dava os mais variados conselhos para as pessoas, impossibilitado de agir naquele momento, ele voltou para consulência, sentado, olhava para Zulmira e refletia:

— Jesus Cristo! Que Oxalá tenha piedade dessa médium! Sei que o Senhor não há de punir essa criatura, pois cada um colhe somente aquilo que semeia, mas é impossível não lamentar diante dessas coisas!

Norberto, não era casado, nunca teve filhos, tudo que falou para Zulmira era mentira, queria testar para ver até onde o misticismo era grave, e o quanto ela poderia estar prejudicando os consulentes. Para ele a conclusão foi lamentável.

Encerrado o atendimento, todos os médiuns incorporados continuaram sentados em seus lugares. Augusto se colocou diante da consulência e avisou:

— Hoje faremos uma singela homenagem aos Pretos Velhos, é um dia especial em que agradecemos essas entidades tão queridas por todos. Como a casa passa por um momento de dificuldade, esse ano não conseguimos fazer a tradicional feijoada, mas todos vão receber um pedaço de bolo de fubá e um caldo de feijão preparado e abençoado com muito amor e carinho! Desejo que todos aproveitem!

Augusto, Clemente e mais alguns médiuns começaram a distribuição do alimento, os Pretos Velhos receberam um prato com caldo de feijão, um pedaço de carne seca, uma fatia de pão, bolo de fubá e um caneco de café preto.

Norberto discretamente mirou o olhar em Zulmira quando Elenice se aproximou com uma bandeja, beijou a mão da hipotética entidade e pediu a benção. Em seguida, ofereceu os alimentos, o caneco

de café, e por último entregou uma colher, foi nesse momento que Norberto teve a maior surpresa, Zulmira olhou para Elenice e falou:

— Minha fía, eu não quero colché não! Eu como de garfo e faca! Minha sinhá me ensinô!

Elenice correu para pegar os talheres e entregou para Preta Velha, Zulmira apoiou o prato no colo, colocou o pão no caldo e começou a cortar com garfo e faca, parecia uma Preta Velha educada na alta burguesia. Enquanto isso as outras entidades comiam com suas colheres, alguns com a mão, se deliciavam com o caldo sem se preocupar com etiqueta, a típica demonstração de humildade comum aos Pretos Velhos.

Norberto ao presenciar a cena não se conteve, se levantou e saiu às pressas, do lado de fora da terreira soltou uma gargalhada, a cena era triste, mas ao mesmo tempo hilária. Enquanto ria da situação, lembrou de Augusto, no mesmo momento o coração apertou, ele sabia que a situação era grave e que mais tarde precisaria alertar o amigo.

Norberto voltou para seu assento, e no final da festa estava quase certo de que entre os quinze médiuns, apenas três e Pai Augusto trabalhavam com guias.

Finalizados os trabalhos, o único que permanecia na assistência era Norberto, vendo que Augusto estava sozinho, se aproximou:

— Augusto, podemos conversar?

— Sim, vamos para casa, vou fazer um café para nós! E como foi a gira?

— Vamos para sua casa e conversar com calma.

Augusto se assustou com a fisionomia preocupada do amigo, apressou-se em atravessar o terreno que dava acesso a casa, entrou, preparou o café, serviu duas xícaras e perguntou para Norberto:

— O que você concluiu?

— Estive observando, e te digo que é grave! Muito grave! Mas não se perturbe, tudo pode se resolver! Augusto, você tem alguns médiuns que estão beirando à loucura! O que eu vi é assustador! Eu vi uma de suas médiuns atirando flechas para todos os lados, mas ela não

estava com um caboclo! Ela estava parcialmente desdobrada e acreditando estar incorporada, em volta uma aura escura, acinzentada!

— Quem é a moça que está insuflada? Meu Deus! Será que está com obsessão?

— Clemente me disse que se chama Zulmira, não vi obsessão, mas pedi para conversar com a Preta Velha dela. E meu amigo, você não vai acreditar! Ela disse que é uma Vovó Conga, inventei uma história sobre um filho que está preso, e ela me garantiu que ele vai ficar um tempo na prisão, depois vai sair e nunca mais roubar! Eu nem falei que estava preso por roubo! Augusto, só Deus sabe o que ela anda falando para os consulentes!

— Meu Amado Jesus! E você viu se tem mais médiuns fazendo isso?

— Tem mais alguns! Para ser sincero, o que posso confirmar são que apenas três dos seus médiuns trabalham incorporados.

— Três? Só três? Temos quinze médiuns na corrente, e os outros?

— Apenas três estavam incorporados, outros quatro estavam com os guias ao lado e ficaram cambonando, o restante estava mistificado, foram puxados por Zulmira. Augusto, essa menina precisa de ajuda, no toque de ogum ela ficou maluca, berrou, se jogou no chão, parecia que tinha tomado alguma droga! E os outros médiuns começaram a fazer o mesmo! E tem mais, ouvi uma das médiuns comentar: “Eita que Ogum baixou com cavalo e tudo”!

Augusto secou o suor que teimava em escorrer pela testa, sentiu um arrepio percorrer a coluna, as mãos tremiam e já não conseguiam segurar a xícara de café.

Norberto, percebendo que Augusto estava nervoso demais, segurou a mão do amigo e perguntou:

— Augusto, faz quanto tempo que essa menina está na corrente?

— Há quase três anos! Muitas vezes desconfiei, tentei falar com ela, mas nunca consegui ser enérgico o suficiente! Sempre tive muito medo de fazer acusações injustas contra essa menina! Olhe o que aconteceu agora!

— Esse medo de ser injusto é característico dos filhos de Xangô, e você sabe que precisa trabalhar esse receio! Augusto, como pode um médium receber Oxum no toque de Ogum? São vibrações completamente opostas! Enquanto Zulmira dava um espetáculo, outros médiuns recebiam a vibração de Oxum! Nunca vi isso em minha vida!

— Pois é Norberto, isso começou com Zulmira, é ela quem incorpora os sete Orixás, para ela não tem toque certo, e os outros começaram a fazer igual!

— Augusto, meu filho! Não existe isso! Nenhum médium recebe as sete vibrações! Você já estudou, sabe muito bem que existem os pais de cabeça da encarnação atual, e os pais ancestrais! Você precisa estudar tudo de novo!

— Meu Deus do céu! Acabou tudo! Minha terreira acabou!

— Calma, vou vir na próxima gira e vou te mostrar quais estão mistificados. Você vai ter que reunir todos e mandá-los de volta para o desenvolvimento! Gostaria de te ajudar, mas não tenho tempo, preciso trabalhar também.

— Tudo que construí com tanto amor está indo por água abaixo! E agora? Eu queria saber quem é que começou com isso!

— Como assim? Você ainda não percebeu quem começou com isso? É quase certo que começou com Zulmira! O que está acontecendo com você? Parece que não quer enxergar o que está na sua cara! Você sabe o que ela faz fora da terreira? Com o que trabalha?

— Não sei muita coisa, alguns médiuns me contaram que ela jogava cartas para algumas frequentadoras da terreira, quando pedi explicações ela disse que cobrava um valor simbólico para ajudar a comprar comida em casa, não vi mal nenhum nisso, então deixei o assunto de lado.

— Nunca tentou saber quanto ela cobrava?

— Não perguntei, acreditei no que ela me falou!

— É Augusto, é bem complicado! Essa menina te enganou mesmo! Agora vamos descansar que está tarde! Eu volto no próximo sábado.

Augusto acompanhou Norberto até o portão, quando abraçou o amigo não conseguiu conter o choro.

Norberto, como um pai, abraçou forte o amigo e pediu:

— Por favor, não chore, seja forte! Você pode vencer isso! E se algo de pior acontecer aqui, você será bem-vindo em minha terreira, sempre tem um lugar para bons médiuns!

Mais uma semana se passou e Augusto se deprimia cada dia mais. Começou a se entregar ao desânimo, cancelou os trabalhos que fazia nas terças e quartas. Não conseguia entrar na terreira e imaginar que poderia perder tudo, passava as noites acordado, não conseguia comer, mal conseguia fazer seu trabalho na loja de ferragens.

No sábado, gira de esquerda, Norberto estava sentado na assistência, quando viu Augusto entrar no congá, se assustou, o amigo parecia doente.

Ele assistiu os trabalhos, a mesma cena se repetiu, Augusto incorporava e os filhos davam um espetáculo.

Quando começaram os toques de esquerda, Norberto estremeceu, ele sentia medo só de imaginar o que Zulmira faria incorporada com Exu.

Olhou para Zulmira e percebeu que a menina começou a tremer e balançar de um lado para o outro, o rosto mostrava um semblante assustador, as mãos começaram a se fechar como garras. Assustado Norberto fez sinal para Augusto, e assim que o babalorixá se aproximou, ele pediu:

— Augusto, pelo amor de Deus, pegue essa menina e faça ela bater a cabeça no altar! Ela vai incorporar um Exú que não existe! Como pode você deixar que isso continue acontecendo? Ela até parece um bicho com garras! No início, alguns Exús se apresentam assim, mas isso até serem batizados e não depois de tanto tempo! Você não enxerga que tem coisa errada?

— É verdade, o Exú dela já não deveria mais se apresentar assim.

Capítulo IV – O começo do fim

— Você não a deixe atender mais ninguém! Tome juízo Augusto! Não sei o que está acontecendo com você! Parece que ficou cego!

Augusto seguiu a recomendação do amigo, discretamente levou Zulmira até o altar, e pediu:

— Zulmira, bata a cabeça!

— Não! Meu Marabô quer entrar!

— Ou você bate a cabeça agora ou vou te tirar do congá! Quero que volte para o seu canto e fique quieta, hoje não tem permissão para trabalhar!

— Mas o que fiz?

— Depois conversamos! Agora vá!

Zulmira voltou para sua posição e ficou atenta, quando Augusto incorporou seu Sete Encruzilhadas, a menina correu e se vestiu para trabalhar com a Bombo-Gira.

Quando voltou para o congá, Norberto mal conseguiu esconder o choque, de todas as extravagâncias da menina aquela foi a mais impactante.

Zulmira usava uma saia vermelha cheia de babados, um corpete apertadíssimo com decote exagerado que deixava metade dos seios expostos, a maquiagem era excessiva e vulgar, brincos enormes, nos braços incontáveis pulseiras, nos dedos anéis espalhafatosos, no pescoço vários colares, o conjunto formava uma composição bizarra e depreciativa.

Parada no canto ela olhou Augusto incorporado, deu um leve e malicioso sorriso e se contorceu, em seguida saiu girando, e como se não bastasse a produção desarmoniosa, ela levantou a saia exibindo as coxas grossas.

Norberto se contorcia no banco, olhava para Augusto, e não sabia o que fazer, a encenação começou a lhe causar revolta e mal-estar, naquele momento teve vontade de ir embora, mas em consideração ao amigo, continuou sentado.

Zulmira parou no meio do congá com ares de imponência e arrogância, chamou Elenice e ordenou:

— Traga meu cigarro e minha taça de champanhe! E não esqueça o morango!

Elenice parecia uma escrava, não atendia outras entidades, se tornou cambono exclusiva de Zulmira, raramente dava passagens para seus guias, passava as giras correndo de um lado para o outro atendendo os desmandos da amiga. Quando voltou com uma bandeja para servir Zulmira, a menina falou alto:

— Pare! Pare! Sua Navalha está do teu lado! Ela quer entrar em você!

Zulmira pegou o cigarro, deu algumas baforadas, jogou a fumaça no rosto de Elenice, colocou a mão na cabeça da menina e começou um ritual para ajudar na incorporação.

Elenice falou:

— Dona Padilha, não estou sentindo a presença dela!

— Se concentre menina! Entre Navalha, entre! Elenice, deixe ela entrar no teu corpo! Entre Navalha!

Sentindo-se pressionada e envolvida pela atmosfera ritualística de Zulmira, Elenice incorporou uma Bombo-Gira imaginária, sua guia chegou pouco tempo depois e não conseguiu acreditar quando viu sua pupila dançando pelo congá sozinha.

Norberto olhava, sentia-se desesperado e de mãos atadas, e o que ele mais temia aconteceu. Uma consulente foi enviada para Zulmira. Discretamente ele se levantou e parou em um canto onde conseguiria ouvir a conversa. A mulher se aproximou, cumprimentou, e começou a contar seus problemas, e a Maria Padilha não economizava palavras chulas, falava com grosseria, colocava as mãos na cintura e dava gargalhadas extravagantes, no meio da conversa, a consulente parecia frustrada, e fez uma pergunta que Norberto queria fazer:

— Dona Maria Padilha, é assim mesmo que vocês se vestem? Está quase aparecendo seu seio, isso é normal?

— Sabe por que me visto assim? É porque na outra vida eu era puta!

Norberto não conseguiu mais suportar a encenação, saiu da terreira e ficou o resto da noite do lado de fora, aquela resposta foi uma das mais infelizes que já tinha ouvido.

Encerrado os trabalhos, mais uma vez Norberto e Augusto se sentaram para tomar um café e conversar sobre a situação. Tentando esconder a tristeza, Norberto começou:

— Augusto, meu filho do céu! Hoje foi o pior dia! Quando você fez Zulmira bater a cabeça, não recomendou que ficasse quieta?

— Sim, pedi, mas o que foi que ela fez hoje?

— Assim que você incorporou o seu Exú, ela correu vestir a roupa para trabalhar com a Bombo-Gira, quando olhei mal consegui acreditar! Nunca vi uma médium vestida de maneira tão vulgar! E o pior de tudo foi ouvir ela falar para consulente que se vestia dessa maneira porque em outra vida foi prostituta! Augusto, isso é terrível! Essas entidades já sofrem discriminações demais! As pessoas falam que foram prostitutas e nem sabem o que elas realmente foram em sua última existência! Quando um médium ignorante fala um absurdo desses reforça ainda mais essas crenças estúpidas!

— Meu Deus! Não acredito! Não acredito! Dei várias aulas ensinando que Bombo-Gira não é prostituta! Falei centenas de vezes que se em outra existência uma dessas entidades foi mulher da vida, ela vai explicar com decência, saberá contar o que aconteceu, as lições que aprendeu e como se iluminou para hoje trabalhar como guia!

— Pois é Augusto, mas acho que Zulmira não aprendeu a lição, pois falou de forma escancarada! E vou te contar mais, vai doer, mas você precisa ouvir! Ela ainda chamou uma outra médium, fez a menina acreditar que estava com a Navalha do lado, e sabe o que aconteceu depois?

— Ai meu Deus Norberto! O que aconteceu?

— Ela começou a empurrar a cabeça da menina, e gritava para a Navalha entrar no corpo! Augusto do céu, veja se isso é coisa que se fale! Entrar no corpo?

— E os outros médiuns? Você viu? Eles estavam trabalhando com seus guias?

— Consegui ver o lado espiritual, alguns guias olhavam de longe, pareciam não entender o que estava acontecendo. Augusto, ainda tem Exus na sua casa, são poucos, mas ainda conseguem proteger o perímetro. E nem tudo está perdido, consegui ver uma cena belíssima! Uma das suas médiuns trabalhou com uma entidade que transmitia uma ternura sem igual! Olhando o trabalho comecei a refletir no quanto as pessoas se enganam quando o assunto são as Bombo-Giras, sempre imaginam mulheres sedutoras, com corpos esculturais. A entidade que eu vi era belíssima, mas não da maneira como as pessoas pensam, ela usava roupas azuis claras, rosto ainda jovem, cabelos curtos, estatura baixa e até um pouco gordinha, certamente optou por manter a aparência da última existência, olhos lindos e cheios de amor! Essa foi a cena mais terna que presenciei hoje!

— Norberto, não sei o que fazer! Nunca me deparei com uma situação dessas!

— Meu irmão, as coisas não podem continuar como estão! Você sabe que precisa da proteção dos Exus, e se essa desordem continuar eles vão se afastar! Sem a proteção deles a casa fica a mercê de obsessores que podem entrar na corrente e acabar com tudo! Se obsessores entrarem, vão fazer a cabeça de todos os médiuns, e do jeito que são desequilibrados, vão dar passagem pra quiumbas achando que são guias! Você precisa ter uma conversa séria com seus médiuns e reiniciar o desenvolvimento!

Augusto ouvia de cabeça baixa, os olhos vermelhos e lacrimejantes, o rosto mostrava sentimentos que Norberto não conseguia identificar. Notando que Augusto viajava em pensamentos, mais uma vez ele tentou consolar:

— Augusto, não se desespere, eu já lhe falei que nem tudo está perdido! Meu irmão, não entendo por que se entrega a tanto desânimo, isso acontece, mas pode ser resolvido! Chame seus médiuns para o desenvolvimento, se não aceitarem peça para que saiam da casa! Augusto, existe algo que você não quer me contar?

— Não tem nada para esconder, sou o responsável por tudo que está acontecendo! Fui cego e tolo!

— Augusto, tem uma coisa que não entendo! Como é que você não percebeu que essa Zulmira estava passando dos limites? Nunca estranhou os exageros? Ela é a médium que mais chama a atenção, os movimentos exagerados, o desequilíbrio visível, o pescoço com tantas guias que chega a andar arcada, a vulgaridade e grosseria nos trabalhos de esquerda, e ainda diz receber a vibração dos sete orixás! Isso tudo é extravagante demais! Como é que você nunca notou?

— Estava cego! Norberto, eu agradeço sua ajuda! Semana que vem vou começar o desenvolvimento, quem quiser continuar na casa terá que vir! Mas como vou falar que estão mistificados? Eles não vão aceitar!

— Augusto, geralmente os médiuns não aceitam! O orgulho, vaidade e arrogância falam mais alto, se ofendem, rebelam e negam! Quem for humilde e quiser fazer um bom trabalho vai entender e voltar para iniciação! E se não aceitarem deixe que vão embora! Seja firme, tenha força, e fé meu irmão! Agora me acompanhe até o portão, precisamos descansar!

Os amigos se despediram e Augusto tentou descansar, sabia que a próxima semana seria decisiva. Desanimado, entristecido e depressivo ele tentava encontrar forças para continuar, mas o arrependimento e a culpa tomavam conta do coração, pareciam uma nuvem densa que pesavam sobre sua consciência, ele se lembrava de Zulmira e desejava nunca ter recebido a menina em sua casa, mas agora era tarde, não podia voltar no tempo. Envolvido por pensamentos tortuosos, Augusto adormeceu, aquela foi mais uma noite de sono agitado.

No sábado seguinte Augusto abriu os trabalhos, naquela noite não deu passagem para seus guias, e proibiu que Zulmira e os outros médiuns mistificados trabalhassem. Distribuíram poucas fichas para a consulência e por volta das 22 horas os atendimentos se encerraram.

Quando os médiuns se preparavam para sair Augusto convocou uma rápida reunião, e sem perder tempo começou a falar:

— Faz algum tempo que algumas coisas estranhas estão acontecendo em nossa casa, para ter certeza de que não estava enganado chamei um amigo de muitos anos, um excelente médium e pai de santo,

ele tem clarividência e me ajudou a entender o que estamos enfrentando. Eu não tenho esse tipo de mediunidade, portanto, não posso enxergar quem está trabalhando com guia e quem está mistificado. Mas ele conseguiu ver!

O comentário de Augusto gerou burburinhos, os médiuns se agitaram. Geraldo olhou para os irmãos de corrente e pediu:

— Vamos ouvir o que Pai Augusto tem para falar!

— Obrigado Geraldo! Se me permitem vou continuar! Entre vocês, tem apenas três médiuns que estão trabalhando com seus guias, o resto acredita que está incorporando, mas não está! E agora para arrumar isso vamos ter que retomar a iniciação!

A afirmação de Augusto causou um impacto, alguns médiuns se ofenderam e Zulmira foi a primeira a reclamar:

— O senhor está duvidando de nós? Está dizendo que estamos mentindo?

— Não estou dizendo que estão mentindo, mas enganados! Estão trabalhando mistificados! Vou ter que dar aulas para vocês, e ajudá-los a desenvolver essa mediunidade que está desequilibrada!

— O quê? O senhor está dizendo que estamos trabalhando com quiumbas? Como se atreve!

— Meu Deus do céu, como é que vou explicar isso para vocês! Não estudam, cansei de pedir para que lessem, se instruissem, mas não me escutam! Não estou dizendo que estão trabalhando com quiumbas, mas que estão trabalhando sem seus guias, isso também é um tipo de mistificação!

Zulmira era a mais indignada, e continuou a retrucar:

— Eu sinto meus guias, e eles são de luz! Sinto quando entram em meu corpo

— Zulmira, faz anos que te corrijo, ensino e falo que guia não entra no corpo!

— É mesmo? E como o senhor pode afirmar isso? Por acaso sabe de tudo?

— Não sei de tudo, mas sou babalorixá, e para isso estudei muito! Dois espíritos não podem ocupar um mesmo corpo! Portanto,

não entram no corpo do médium, apenas se conectam por meio dos chacras. Vou tentar te explicar, eles se aproximam, ligam os chacras deles aos de vocês, atuam principalmente sobre o chacra laríngeo, frontal e coronário, alguns no chacra cardíaco, sobre os outros chacras a atuação é sutil, geralmente para promover uma espécie de desaceleração do sistema urinário, e digestivo. Existem médiuns que trabalham apenas por meio de telepatia? Sim, existem, mas assim mesmo o guia está ao lado transmitindo os pensamentos que passam pelo aparelho!

Zulmira com os braços cruzados começou a bocejar, parecia fazer de tudo para mostrar descaso. Olhando para Augusto com profundo desprezo, ela perguntou ironicamente:

— Mas eu sinto meus guias entrando em meu corpo! E como senhor explica isso? E como explica que quase quinze médiuns estejam errados?

— Zulmira, isso é da tua cabeça, você criou! E com seus irmãos aconteceu a mesma coisa! Todos vão ter que ter paciência, humildade, força de vontade e recomeçar! Estarei com vocês nessa jornada, não estarão sozinhos!

— Coisa da minha cabeça? E os conselhos maravilhosos que dou para as pessoas? Elas adoram!

— Pois então parabéns! Que bom que adoram, pois eles vêm de você! Mas tenha certeza de uma coisa, nós ainda estamos na condição de aprendizes, e não temos a mesma sabedoria, entendimento, conhecimento de uma entidade! Se dermos conselhos errados isso será responsabilidade nossa! E cedo ou tarde teremos que arcar com os prejuízos causados ao próximo! Apenas seu Geraldo, Érica e Valmir estão trabalhando com guias, vocês não precisam vir no desenvolvimento, o restante pode comparecer na quarta-feira, vamos retomar o desenvolvimento, e antes teremos aulas! Se não querem estudar em casa, então vamos estudar aqui!

Novamente se instalou um burburinho, Zulmira dava risadas debochadas, alguns médiuns falavam que não viriam mais, outros se acusavam, e formou-se uma discussão que ficava cada vez mais exaltada.

Augusto olhou para a confusão e sentiu vontade de abandonar tudo, cansado e no limite falou alto:

— Fiquem quietos! Exijo respeito!

Os médiuns se assustaram, nunca viram o babalorixá levantar a voz, Augusto sempre foi calmo, paciente e cordato, imediatamente se calaram e Augusto falou tudo que estava guardado:

— É por isso que quase todos os médiuns antigos foram embora! Não aguentaram ver esse teatro que vocês estão fazendo aqui! Isso aqui não é uma arena, não é lugar para se enfrentarem e lutar por razão! E você Zulmira, meu Deus do céu! Nunca vi tanto desequilíbrio! Como pode receber Oxum no toque de Ogum? Iansã no toque de Oxum? São vibrações completamente diferentes! Você é filha de Ogum e Iansã, lembra que vimos nos búzios?

— E qual é o problema de incorporar Oxum?

— Zulmira, você pode sentir a vibração de todos os orixás, mas não sair rodando como uma doida em todos os toques! Eu vi você receber Oxum no toque de Ogum e rodar esse congá aos prantos! Aquilo nem se parecia com um choro! Lembrava um urro de dor e tristeza! Por acaso o mundo estava acabando?

— Eu estava comovida!

— Exatamente! Estava comovida, mas não incorporada! O que queria é aparecer mais que seus irmãos de corrente! Uma vez eu vi você receber Xangô no toque de Oxum, e ainda batia no peito enquanto gritava hu-hu-hu! Da outra vez recebeu Ogum e saiu gritando: Ogunhê! Ogunhê meu pai! E eu ainda fiquei na dúvida! Como pude ser tão cego?

— E qual o problema de eu homenagear meus orixás?

— Ogum é uma vibração, ela não fala, não se comunica! Essa vibração perpassa o corpo de vocês e se espalha pelo ambiente! Você apenas sente!

— O senhor não sabe o que fala! Eu já soube de pessoas que fazem consultas com orixás!

— Não na Umbanda! Em nossa religião orixá se manifesta, não dá consulta, não fala! Nunca vi alguém na Umbanda receber Orixá e sair falando! Sinceramente? Eu preciso me rever como babalorixá, olhar para

dentro e enxergar o que estou fazendo de errado! Minha vontade é fechar essa casa e esquecer tudo, e vocês que se virem!

Os médiuns se alvoroçaram, novamente começaram a se acusar, insultar, acusavam-se sem olhar para si mesmos. Irritado, dessa vez Augusto deu um grito:

— Parem de brigar! Parem! Geraldo, Érica, Valmir, vocês não precisam vir na iniciação e podem ir embora, não precisam assistir essa cena triste! Obrigado meus filhos!

Os três deram um abraço em Augusto e saíram de cabeça baixa. Zulmira olhou com indiferença, e sem conter as palavras falou com ainda mais grosseria:

— Eu não vou fazer nada! Não vou começar do zero e nem raspar a cabeça!

— E quem disse que você vai ter que raspar a cabeça? Onde foi que você viu isso? Por acaso já te pedi para raspar a cabeça?

— Eu vi na televisão!

— Não sei o que você andou assistindo, mas em nossa religião não se raspa a cabeça! É por isso que sempre pedi que lessem os livros que recomendei, avisei que existem muitas informações erradas que só servem para confundir as mentes desavisadas!

— Está certo Pai Augusto, já que o senhor está dizendo que somos mentirosos, então vamos acatar suas ordens! Vou voltar para iniciação e provar que não estou mentindo, vou receber de novo os sete Orixás, vou incorporar minha vovó, meu Exú e todos os guias, o senhor vai ver! Vou provar que o senhor está enganado!

— Zulmira, por favor, estou te pedindo com amor! Coloque a mão em sua consciência, se não tiver um pouco mais de humildade não precisa voltar! Aqui não existe um encarnado melhor que o outro para sair recebendo todos os Orixás! Nunca vi isso na minha vida! Sempre tive medo de fazer julgamentos errados, fui complacente, e agora chegamos nesse ponto triste! E por hoje chega de discussão! O desenvolvimento vai acontecer na quarta, quem quiser continuar na casa que esteja aqui às dezoito horas em ponto!

Augusto pediu para Clemente fechar a casa e saiu sem olhar para trás. O pai pequeno que ouviu tudo calado, e não conseguia acreditar, dispensou os médiuns, fechou a terreira e foi embora. Enquanto isso o babalorixá deitava-se na cama e entregava-se ao choro e ressentimento.

Durante a semana Augusto lutou para enfrentar a situação, a vibração baixa o impedia de sentir a presença de seus guias que faziam o possível para ajudá-lo, e todos os dias ele se abatia mais e desejava fechar a terreira.

Na quarta-feira, às 17:30 Augusto abriu a terreira, sentou-se no chão do congá, olhou o humilde altar, se emocionou com as lembranças dos médiuns que deixaram a casa, lembrou-se dos anos de trabalho árduo para levantar as paredes da casa. Os olhos tristes, o rosto pálido e as mãos trêmulas mostravam o abatimento do pai de santo.

Mergulhados em lembranças, foi surpreendido quando dois médiuns entraram na terreira. Augusto olhou com carinho e contentamento, por um instante sentiu que poderia reverter a situação.

— Que horas são? E onde estão os outros?

— São 18 horas! Por enquanto não tem outros, só nós dois!

— Vamos esperar alguns minutos, podem estar atrasados!

Augusto e os dois médiuns aguardaram, os minutos pareciam não passar, e o babalorixá ficava cada vez mais ansioso, eram quase 18:30 e mais ninguém apareceu. Augusto não conseguia acreditar que dos quinze médiuns apenas dois mostraram interesse e disposição. Quando o relógio marcou 19 horas Augusto falou:

— Pois muito bem, podem pegar suas coisas e voltar para casa. Avisem seus irmãos de corrente que encerramos os trabalhos nessa casa. Quem quiser pode comparecer no trabalho de fechamento que farei no próximo sábado.

— Mas pai, nós...

— Assunto encerrado! Estou cansado demais para continuar vendo tanto descaso! Comparecer na iniciação ninguém quer, mas aposto que no sábado todos virão para girar no congá! Vão para casa, acabou! Não tenham medo, nem fiquem tristes, vocês tem seus guias, eles vão

ajudar, em breve encontrarão outra casa! Desculpem, eu não aguento mais! Não aguento mais!

Augusto saiu às pressas, os médiuns ficaram olhando o babalorixá deixar a casa em passos cambaleantes e secando as lágrimas que teimavam em cair. Os médiuns fecharam a casa, avisaram Clemente e alguns outros médiuns, e foram obrigados a aceitar a decisão de Augusto.

No sábado Clemente, Geraldo, Érica, Vilmar e mais alguns médiuns antigos compareceram na terreira, ainda tentaram convencer Augusto a manter a casa aberta, mas ele não mudou de ideia. Percebendo a fragilidade do babalorixá, os médiuns ajudaram no trabalho de encerramento, reuniram e embalaram todas as imagens, velas, quadros, e aparatos usados na casa, algumas imagens foram doadas para igrejas, outras Augusto separou para Norberto. No final do trabalho o altar, que antes era enfeitado por flores, sempre iluminado por velas coloridas e imagens de santos, orixás e entidades, agora mostrava-se vazio. Os bancos que tantas vezes sustentaram consulentes aflitos, foram empilhados em um canto, os pequenos assentos usados pelas entidades foram doados para outra terreira. No final da tarde, o espaço que antes acolhia centenas de pessoas, era apenas um galpão vazio, a única coisa que permaneceu foi a imagem de Oxalá que Augusto fez questão de manter no ponto mais alto da terreira.

No plano espiritual Exus trabalhavam na proteção do lugar, criaram um campo de contenção para impedir que espíritos inferiores tomassem conta e usassem os pontos energéticos que continuavam irradiando vibrações.

Pai Jacó, Pena Branca, Sete Encruzilhadas e vários outros guias estavam reunidos, lamentavam o fim dos trabalhos. Nenhum deles podia interferir nas escolhas de seus protegidos, a única coisa que podiam fazer era cercar seus médiuns com boas vibrações e tentar intuí-los para que encontrassem bons locais para trabalhar.

Aquele era o fim do Templo de Umbanda Pai Augusto de Oxóssi.

Nos meses seguintes Augusto enfrentou uma fase difícil, sentia-se perdido sem os trabalhos na terreira, alguns médiuns da corrente e consulentes tentaram persuadi-lo, mas foi em vão, ele parecia atormentado com os acontecimentos.

Por muito tempo ele foi obrigado a dar explicações para pessoas que todos os sábados chegavam à terreira querendo falar com os guias, muitos exigiam atendimento, não aceitavam a recusa, voltavam para casa indignados. E para piorar ainda mais a situação, espalhavam-se boatos sobre farsas na casa, as más línguas acusavam Augusto de negligência, coparticipação em fraude, cobranças indevidas que nunca aconteceram, e até acusações de abusos e assédio por parte dos médiuns. Em pouco tempo o nome da terreira foi completamente difamado.

Apegando-se aos falatórios e acusações infundadas, Augusto mergulhou em uma profunda crise de depressão, perdeu o emprego na loja de ferragens, começou a adoecer, não conseguia sentir a presença de seus guias, e perdia toda fé que sempre sustentou sua vida.

Augusto vivia a fase mais difícil de sua vida, a tranquilidade e a serenidade do babalorixá desapareceu no rosto magro com olhos tristes.

Não existia mais a terreira e nem o homem confiante e cheio de fé que todos admiravam.

## CAPÍTULO V

### Madame Zulmira

Enquanto isso Zulmira se preparava para dar o próximo passo em sua jornada, durante os anos que jogou cartas, conseguiu juntar uma razoável quantia, crente de que seus guias a ajudavam nos jogos de cartas, ela decidiu abrir seu próprio negócio.

Em poucas semanas abriu uma conta no banco, alugou uma pequena sala comercial no centro da cidade, providenciou uma linha telefônica e inaugurou o Espaço exotérico Madame Zulmira, onde fazia leituras de cartas, previsões e aconselhamentos.

Zulmira tinha tudo que precisava para prosperar, era disciplinada, esforçada, caprichosa e trabalhadora, infelizmente direcionava essas qualidades por maus caminhos, e a cada dia atraía mais espíritos desequilibrados para sua companhia.

Seis meses depois o pequeno negócio prosperava, Zulmira tinha a agenda lotada e não conseguia atender o telefone e jogar as cartas, foi então que decidiu contratar Elenice, que prontamente aceitou a proposta generosa da amiga, como recepcionista de Zulmira ela receberia o dobro do que ganhava como caixa de mercado.

Zulmira e Elenice trabalhavam de segunda a sábado das 8 horas da manhã até às 23 horas, o telefone não parava de tocar, a agenda estava sempre lotada, as pessoas entravam e saíam o tempo todo, e os lucros cresciam de maneira impressionante, parecia que todos na cidade estavam desesperados para saber o futuro.

Astuta e inteligente, Zulmira percebeu que poderia ganhar muito mais se montasse uma loja no mesmo lugar, e sem pensar duas vezes providenciou um empréstimo no banco, alugou a loja do lado e ampliou os negócios.

Dois meses depois a salinha humilde deu lugar a uma bela loja decorada com muito bom gosto, Zulmira oferecia tudo que seus clientes precisavam, aprendeu novas modalidades de jogos. No fundo do estabelecimento uma sala reservada para leituras de cartas, o ambiente

ornamentado com belos tapetes, quadros, imagens de arcanjos, santos, e até orixás, nos cantos incensos espalhavam um aroma agradável e embriagante. Zulmira muito bem maquiada, usava belos vestidos longos com estampas esotéricas, na cabeça um turbante sempre enfeitado com uma grande pedra colorida, pulseiras e anéis com símbolos de sol, estrelas, lua, aspirais, tudo extremamente simbólico para impressionar os clientes.

E como qualquer grande empreendedor, Zulmira sabia que precisava expandir seus negócios, queria refinar a clientela, assim poderia cobrar valores mais altos e ter contato com pessoas mais influentes que sempre faziam boas indicações.

E não demorou para que a ideia surgisse, um dia quando voltava do almoço, ela e Elenice foram abordadas por um garoto que pediu alguns trocados, Zulmira viu a oportunidade que precisava, olhando fixamente para o menino ela perguntou:

— Você quer ganhar o almoço e um bom dinheiro?

— Claro que quero tia! O que tenho que fazer?

— Hoje vou te pagar um lanche de graça! Mas quero te ver aqui amanhã ao meio dia, vou te dar um trabalho! Você vai espalhar alguns anúncios pela cidade! Mas veja bem menino! Vou mandar imprimir duas mil folhas, e se você jogar uma delas no lixo eu te pego! Está vendo aquela sala no fundo da loja? Lá dentro eu tenho uma bola de cristal onde vejo tudo que as pessoas fazem, se você aprontar eu vou ver! E sabe o que vai acontecer com você? Vou mandar o capeta que vive do meu lado te pegar!

— Não, não tia! Eu juro! Vou fazer tudo certinho!

— Acho bom! Vou te pagar muito bem! Mas quero um trabalho bem feito! Vou te passar a lista dos bairros que você vai trabalhar!

No dia seguinte Zulmira foi até uma pequena gráfica e pediu que imprimissem dois milheiros de cartazes com o número de telefone, sua foto e o seguinte anúncio: — Veja seu passado, presente e futuro — Trago seu amor em sete dias — Resolva sua vida financeira com Madame Zulmira.

A previsão feita pela Preta Velha de Zulmira se concretizava, em poucas semanas todos os postes dos bairros nobres mostravam o anúncio com a foto da menina.

Cinco anos mais tarde, Zulmira era uma mulher de trinta anos bem-sucedida, os negócios rendiam, ela conseguiu realizar o sonho de infância, comprou uma casa longe da favela, era uma residência simples, mas bem localizada e confortável, comprou um carro para trabalhar e vivia feliz, o maior problema era que Zulmira continuava com suas previsões que muitas vezes comprometiam a caminhada daqueles que procuravam seus trabalhos.

Alheia às Leis de causa e efeito ela continuava a se enganar, não conseguia ver maldade em suas atitudes, e acreditava cegamente que seus guias estavam ao seu lado e que ela ajudava as pessoas.

As irmãs haviam se casado, os irmãos ao chegar à adolescência abandonaram a igreja, se envolveram com as más companhias da favela e não davam notícias há alguns anos. Ela vivia com Vera e Juvenal, trabalhava quase sem descanso, ambicionava um carro melhor e uma casa só dela, essa era sua nova meta, organizada e centrada ela sempre conseguia poupar e juntar o que precisava em pouco tempo.

Vera nunca soube os verdadeiros motivos que levaram Augusto a fechar a terreira. Juvenal continuava em sua igreja, com ajuda financeira de Zulmira não precisava trabalhar tanto, viviam uma fase de tranquilidade que nunca tiveram.

Por volta das 21 horas de uma sexta-feira, Zulmira e Elenice se preparavam para fechar a porta quando um rapaz entrou às pressas. As duas mal conseguiram esconder o encanto, o homem com quase quarenta anos chamava a atenção, era alto e de corpo atlético, rosto quadrado, pele morena, cabelos pretos e lisos penteados para trás, olhos verdes e grandes. Mostrando-se abatido e ansioso ele perguntou:

— Será que ainda consigo marcar um horário?

Antes que Elenice respondesse, Zulmira se precipitou:

— Em que posso ajudar o senhor? Sou Madame Zulmira!

— Minha namorada! Não sei o que aconteceu, hoje ela simplesmente me abandonou! Quero saber se ela tem outro!

— Estávamos fechando a loja, mas venha comigo, não vou permitir que volte para casa aflito desse jeito! Vamos ver o que o futuro te reserva!

Zulmira levou o rapaz para sua sala reservada, pediu que se sentasse, pegou o baralho e começou a embaralhar as cartas.

Com os olhos fixos no homem ela mal conseguia esconder o interesse, com sorriso insinuante, perguntou:

— E como o senhor se chama?

— Carlos, mas a maioria me chama de Carlão.

— E faz o que dá vida senhor Carlos? Com essa voz deliciosa deve ser cantor!

— Sim, canto, mas não são músicas, são preços, eu trabalho em mercados, lojas, feiras divulgando ofertas. No momento estou o dia todo no mercado aqui do centro, aquele na avenida principal.

— Que interessante! Corte o baralho, por favor, vamos ver o que as cartas dizem, pode confiar, elas nunca mentem!

Carlos cortou o baralho, e Zulmira começou as previsões, primeiro falou sobre o passado do rapaz.

Com os anos de experiência Zulmira tornou-se perceptiva, em poucos minutos de conversa conseguia avaliar e deduzir exatamente o que as pessoas queriam e precisavam ouvir, inteligente e observadora acertava praticamente tudo, e muitas vezes era intuída pelos espíritos que acompanhavam seus clientes. Zulmira nunca desenvolveu sua mediunidade, no entanto, mantinha a sensibilidade e percepção, e muitas vezes captava aquilo que obsessores, espíritos zombeteiros e desequilibrados lhe intuía.

Depois de falar sobre o passado e o presente de Carlos, Zulmira sentiu um pressentimento estranho, tirou algumas cartas que não foram boas, tentando disfarçar o mal-estar, começou a falar:

— O senhor está vendo essa carta? Ela significa um novo amor, fala que seu relacionamento tinha que acabar, ela não é para você! Vejo outra mulher, essa sim te fará feliz!

— E essa carta que mostra um caixão? E essa outra com um sapo? Isso é bom?

— Esqueça isso, não é nada grave, não podemos revelar tudo! Está vendo essa carta aqui? Significa casamento, provavelmente essa mulher será o amor da sua vida e se casará com ela!

Zulmira continuou o jogo de cartas, depois de boas previsões para o futuro o rapaz parecia mais animado, levantando-se olhou para Zulmira e perguntou:

— Acho que preciso pagar a senhora, não é mesmo? É que saí de casa tão atordoado que esqueci a carteira.

— Não se preocupe! Essa primeira vez deixo como cortesia, amanhã preciso fazer compras e acho que vou dar uma passada no mercado que você trabalha, quem sabe possa me pagar um café?

Carlão sorriu maliciosamente, pegou a mão de Zulmira e deu um beijo, agradecendo a cortesia saiu, antes de fechar a porta fez questão de olhar para trás e dar uma piscadinha, o que fez Zulmira quase flutuar.

Zulmira não percebeu, mas seu mau pressentimento tinha um motivo, era o companheiro espiritual de Carlão tentando avisá-la que o rapaz não prestava.

No dia seguinte Zulmira foi até o mercado, almoçou com o rapaz, marcaram de se encontrar à noite, e assim iniciaram um romance.

Em pouco tempo Zulmira estava completamente apaixonada por Carlos, vivia a respirava para satisfazer os desejos do rapaz. Enquanto ela trabalhava sem descanso para melhorar de vida, o namorado continuava com sua vida de boêmio, quase todos os dias ficava até tarde nos bares da cidade, não podia ver uma mulher bonita que logo se atirava para cima, e não pensava em casamento.

Vendo Zulmira como uma mulher bem-sucedida, bonita, inteligente e que fazia todas suas vontades, não queria perder a oportunidade e deixou que o namoro prosseguisse. O que Carlos nunca imaginou é que Zulmira se tornaria o tipo de mulher obsessiva e ciumenta, em poucos meses ela começou a controlar todos os seus passos, fazia visitas constantes em seu trabalho, cheirava seu pescoço, gola da camisa para ver se sentia o perfume de outra mulher, e qualquer suspeita era motivo para dar um escândalo sem se importar com o público.

Muitas vezes ele tentou terminar o namoro, mas era praticamente impossível, Zulmira chorava, gritava, chantageava, e no final ele acabava cedendo, ela era uma mulher difícil, mas lhe tratava bem, era carinhosa e apaixonada, ajudava a pagar suas contas, sempre lhe dava bons presentes, e dessa maneira o tempo passava e Carlos se via cada vez mais enlaçado à Zulmira.

No final da década de noventa, fazia quase cinco anos que eles namoravam, apaixonada e cega Zulmira nunca desconfiou que, apesar do controle excessivo, Carlos sempre arrumava uma maneira de enganá-la.

Enquanto ela fazia horas extras para juntar o dinheiro que pagaria a futura casa do casal, ele saía do trabalho e seguia direto para o bar onde sempre arrumava uma companhia para à noite, e quando Zulmira falava em casamento, Carlos dava um jeito de se esquivar do assunto.

Certo dia, como de costume Zulmira foi até o mercado pegar Carlão, em seguida voltaram para loja, enquanto Zulmira aguardava o próximo cliente, aproveitou para fazer um agrado ao namorado:

— Carlão, olhe o que comprei para você!

— O que é isso?

— Abra, você vai gostar!

— Isso é um Pager?

— Sim! Sim! Todos estão usando isso agora, vai ficar mais fácil de saber como você está!

— Zulmira, não quero isso! Não posso ficar atendendo durante meu trabalho!

— Aceite! Prometo que vou mandar mensagem só para saber se você está bem!

Muito a contragosto Carlos aceitou o presente, percebendo Zulmira se apressou em mudar de assunto:

— Amanhã vou fechar a loja um pouco mais cedo e vou visitar minha irmã, Elenice vai comigo, quer ir junto?

— Sim, acompanho vocês, aconteceu alguma coisa com sua irmã?

— Não, apenas saudade, faz tempo que não nos vemos, depois que Zuleide casou fiz poucas visitas. Ela está trabalhando em uma terreira, quero conhecer o lugar.

— Uma terreira? Dessas que fazem macumba?

— Sim Carlão! Uma terreira! Mas isso não significa que façam coisas ruins! Já te contei que trabalhei em uma casa de Umbanda, e não gosto que falem mal da religião! Ainda quer ir?

— Te acompanho, mas não vou entrar nesse lugar!

— Está bem, fique no carro esperando, não vou demorar!

No dia seguinte, por volta das 18 horas Zulmira e Elenice fecharam a loja, e logo Carlos chegou para acompanhá-las até a terreira. Chegando ao lugar as duas desceram do carro, e ele continuou sentado e de braços cruzados, Zulmira olhou para o namorado e chamou:

— Deixe de ser criança! Venha!

— Não vou entrar aí nesse lugar de macumbeiro!

— Você tenha mais respeito! Eu sou filha de Iansã e Ogum! Fique sabendo que aqui é um lugar de caridade, se não quer entrar então fique!

Zulmira e Elenice entraram na casa, sentaram-se e aguardaram a Zuleide aparecer. O lugar mostrava uma organização exemplar, a assistência em completo silêncio, os médiuns sentados em meditação, ouvia-se apenas uma música suave de fundo. Logo Zulmira viu a irmã, fez sinal para que a encontrasse do lado de fora.

Alguns minutos depois as duas conversavam:

— Zuleide, que lugar bonito! Essa entrada cercada por estátuas de orixás é maravilhosa!

— É verdade mana, esse lugar parece um santuário!

— E como faz pra falar com as entidades? Tem que pegar ficha?

— Não temos fichas, é por ordem de chegada, as pessoas entram e se sentam nas cadeiras, começamos a chamar pela primeira fileira.

— Mas estou na última cadeira da última fileira! Que horas vou sair daqui? Tem mais de cem pessoas lá dentro! E como vou escolher com que guia vou falar?

— Calma! É rápido, espere que você vai ver! Aqui os consulentes não escolhem a entidade, são atendidos por quem está livre.

— E não tem como você dar um jeitinho de me passar na frente? Carlão está me esperando no carro!

— Sinto muito mana, não posso, são regras da casa! Cada pessoa na sua vez! Quem quer ser atendido antes chega mais cedo para sentar-se nas primeiras cadeiras!

— Tá bem, se é assim, então vou voltar e esperar!

Iniciados os trabalhos os primeiros a serem chamados foram os caboclos, quando todos os médiuns estavam incorporados se posicionaram em volta dos consulentes e formaram um círculo, juntos estenderam as mãos em direção as pessoas e aplicaram o passe coletivo.

Encerrado os passes os caboclos voltaram para o congá, alguns continuaram em suas posições para atender os consulentes, outros foram embora. A mãe de santo da casa pediu para que chamassem a linha de direita, e pouco tempo depois Pretos Velhos e Baianos atendiam a consulência. O atendimento era rápido, e aproximadamente duas horas depois quase todos os consulentes já tinham consultado, chegava a vez de Zulmira.

Zulmira se sentou na frente de um Preto Velho, e com o carinho costumeiro a entidade perguntou:

— O que a fía precisa?

— Vim receber uma benção, só isso vovozinho. O senhor sabe que já trabalhei em uma casa como essa? Faz muito tempo, mas guardo boas lembranças!

— Ié, eu sei fía! Já me falaram aqui! E pelo poco que contaram inté imagino o que andou acontecendo lá!

— É verdade, esqueci que vocês sabem de tudo! Nem te conto vovô, o pai de santo da casa falou que todo mundo estava fingindo, até fechou a casa, e eu que era uma das que mais atendia os consulentes tive que parar de trabalhar!

— Nóis não sabe de tudo não fía, eu sei por que seus guias tão aqui me falando! E me contaram umas coisa muito feia viu! Será que ocê

não tava enganada? Em argum momento parô pra se perguntá se tava mesmo com guia?

— Imagina! Nunca fiz nada de errado! Sempre trabalhei muito bem! Meus guias estavam sempre comigo!

— Então me diga fía, como é que ocê sentia teus guias?

— Quando eles entravam dentro de mim...

Antes que Zulmira continuasse o Preto Velho interrompeu:

— Espera aí fía, guia nenhum entra dentro do médium, ocê tá errada! Precisa estudar!

— Tá, tá, mas continuando, eu sentia de tudo, a energia deles, era a coisa mais bonita!

— Fía, vamô fazer o seguinte, vô te explicá umas coisa, mas não é ieu que tô falando, é o seu Exú que tá aqui do lado e me pediu pra transmití as palavra dele!

Zulmira arregalou os olhos, começou a suar frio, o Preto Velho deu uma risadinha, uma baforada em seu cachimbo e começou:

— Tão dizendo que ficaram muito tristes com a fía, pois a fía não conseguiu fazê um trabaio bem feito! Podia ter levado os trabaio a diante e feito bem melhor, mas não aceitô que tava errada. Ele tá dizendo aqui que mal se aproximavam e a fía já achava que tava incorporando!

— Mas eu sentia meus guias entrarem em meu corpo!

— A fía quer sabê de toda verdade? Se qué ieu conto! A fía vai é fica com muita raiva, e ieu só vô podê lamentá pela fía!

— Que verdade?

— Que a fía falava que tinha uma vovó Conga, mas na verdade sua Pretinha Vêia era uma vovó Catarina, a fía dizia que tinha um Marabô, mas na verdade seu Exú é um Capa Preta, a fía dizia pra todo mundo que tinha uma Maria Padilha, e na verdade era uma Mulambo, era tudo coisa da cabeça da fía! Ocê nunca teve incorporada, até atirava flecha achando que tava com Caboclo!

Zulmira, mostrando contrariedade respondeu:

— Pois acho que é esse médium do senhor que tá mentindo! Eu não estava enganando ninguém! Não posso acreditar nisso!

O Preto Velho, com toda paciência e jeitinho continuou:

— A fía não precisa ter raiva de ieu não! Não é eu que tô falando, é seu Capa preta aqui do lado. E tá dizendo que a fía nunca trabaiô com nenhum guia, nem caboclo, nem Zé Pilintra, nem Erê, sempre trabaiô foi é sozinha mesmo!

— Agora o senhor tá dizendo que nunca incorporei?

— Pelo que tão me falando aqui, a fía nunca incorporô, foi sempre só ocê mesmo! Mas se fía quisê pode vortá pros trabaio que teus guias vão tá junto, mas tem que começá desde o comecinho, a fía tem mediunidade, precisa trabaiá né fía!

Zulmira segurava o choro, não conseguia acreditar no que o Preto Velho falava, por alguns momentos lembrou-se de Augusto na última reunião. Tentou refletir, mas o orgulho aleijava sua compreensão. Se auto-enganando, mais uma vez argumentou:

— Mas eu recebia os Orixás! Sentia Iansã no meu corpo!

— Fía, ninguém recebe os sete Orixás! A fía criô uma atmosfera psíquica em torno de si e se enganou, não é motivo de vergonha, isso acontece, mas tem que admití, aceitá, e ter humildade pra recomeçá!

— Eu não acredito em nada do que o senhor está me falando! Isso não é verdade! Você não é um Preto Velho não!

— Acreditá ou não, é uma escolha da fía! Eu fico triste com a tristeza da fía, mas quando vortá pra minha Aruanda a tristeza fica aqui, pois nós não carrega tristeza no coração! A fía acredita mesmo que hoje trabaia com uma espiritualidade boa? Teu guardião tá me falando que prendeu três dos seus obsessores lá fora e tá pensando se vai levar embora ou deixá que voltem com ocê!

— Mas que absurdo! O senhor tá errado! Eu sempre trabalhei bem!

— Não fía, ocê nunca trabaiô com guia, era ocê que falava por eles! Ocê sempre se enfiou na frente deles!

— Mas eu sempre acreditei que estava incorporada!

— Fía, esse é o problema, ocê acredito que tava, mas não tava! O babalorixá da casa se decepcionou tanto que até fechô a casa! Quer um conselho? Faça uma visita pra ele, vai vê como ele tá, só não sei se

ele vai ficar feliz de vê a fía! Ele até abandonô a Umbanda e foi pra outra religião! Virou pastor!

— Pastor de igreja? Augusto é Pastor?

— Sim fía, e qual o problema? Ele elucida as pessoa, dá ótimos ensinamentos! Continua ajudando!

— E o senhor pode me dar o endereço da igreja dele?

O Preto Velho deu mais um sorriso, uma pitada no cachimbo:

— Minha fía, ninguém aqui vai te dá endereço, ieu sô um mensageiro e nada mais!

— Tá bem então vozinho, obrigada!

Quando Zulmira levantou-se para ir embora o Preto Velho falou:

— Não terminô ainda não! Sentá aí fía! É seu Capa Preta quem tá falando pra ocê espera que ele não acabô!

Zulmira sentou-se trêmula e ele continuou:

— Vou benzê ocê fía! Que pai Olorum te abençoe, e te ajude a amá teu próximo como ocê nunca amou em sua vida! Fía, aproveite essa sua vida, a hora de melhorá e agora, faça diferente! Fía, nós sabe que ocê tem um bom coração, todo dinheirinho que ganhô inté hoje usô pra ajuda teus pais e irmãos, nós sabe também que a fía acredita que tá ajudando as pessoa, que tem boa vontade e intenção de ajuda, o problema é que a fía faiz errado! Se a fía aceita que precisa corrigí os caminho vai podê trabaia com guias de luz e vai ajuda de verdade!

Ela ouviu os conselhos calada, assim que o Preto Velho terminou de falar ela se levantou e foi embora, saiu da terreira tão confusa e atordoada que nem se despediu de Zuleide. Deixou Elenice e Carlos no centro da cidade e depois foi para casa.

Zulmira ficou dias com as palavras do Preto Velho na cabeça, à noite perdia o sono pensando no rumo que deu para própria vida, pensou em retomar os trabalhos na Umbanda, mas estava tão envolvida com seus negócios e Carlão, que nada mais interessava. Amedrontada e arrependida arranjou inúmeras justificativas para as atitudes que tomou na terreira de Pai Augusto, e com o tempo se convenceu de que o Preto Velho se equivocou, ou o médium estava mistificado.

O pager dado a Carlos, como previsto se tornou mais um problema para o rapaz, Zulmira enviava mensagens a cada trinta minutos, e quando não recebia resposta enlouquecia, deixava a loja sob os cuidados de Elenice e corria para o mercado ver o que o namorado estava fazendo.

Alguns meses depois Zulmira chegou com um novo presente, prevendo a reação de Carlos, aguardou uma data especial, providenciou um jantar para os dois. Por volta das 21 horas ela fechou a loja, decorou uma mesa com velas, um bom vinho, música agradável e pouco tempo depois o namorado chegou, quando Carlos entrou e notou a arrumação, lembrou que naquele dia comemoravam cinco anos de namoro:

— Zulmira, não comprei nada para você!

— Não se preocupe meu amor! Venha, sente-se, vamos jantar! Comprei um presente para você!

— Fico envergonhado! Lembrei que hoje é nosso aniversário de namoro, mas é final do mês e estou sem dinheiro.

— Carlão, já falei para não se preocupar! Agora abra seu presente!

Carlos abriu a caixa e para sua surpresa, era um celular, segurando o aparelho na mão, ele não sabia o que fazer, se com o pager Zulmira não dava paz, com o celular seria muito pior. Ele pegou as mãos de Zulmira e falou:

— Meu amor, fico emocionado! Mas não posso aceitar! Me desculpe!

— Por que não pode aceitar? Comprei um para você e outro para mim! Agora poderemos falar a vontade!

— Zulmira, esses aparelhos são muito caros! Não comprei nada para você, não posso aceitar!

— Quero que aceite!

— Não!

— Sim! Você vai aceitar!

— Zulmira! Não quero!

Um empurrava a caixa para o outro, Carlão nem queria olhar para o celular, e Zulmira nem cogitava a hipótese de recusa. Depois de

muita discussão ela começou a chorar, Carlos sempre se comovia com as lágrimas da namorada, não era loucamente apaixonado, mas gostava de Zulmira, sentia carinho, apreciava sua companhia. E no final da noite ele voltou para casa com o celular.

Depois do presente a vida de Carlos mudou completamente, Zulmira ligava várias vezes ao dia e à noite, quando ele não atendia o resultado era uma briga interminável onde Zulmira sempre chorava, se fazia de vítima e ele se sentia culpado. Com o tempo ele abandonou a vida de boêmio, as perseguições, discussões, choros e escândalos constantes eram um preço alto demais, sendo assim preferiu viver para o trabalho e nada mais.

No ano de 2002 o casal completaria o sétimo ano de namoro, Zulmira não aguentava mais as desculpas de Carlos, queria casar e ter sua própria casa, estava decidida a colocar um ponto final nas escusas de Carlos.

Terminado o expediente, Zulmira dispensou Elenice, fechou as portas e ligou para o namorado exigindo que fosse até a loja para tratarem de um assunto urgente. Em poucos minutos o rapaz chegou, entrou às pressas, crente de algo grave havia acontecido:

— O que aconteceu Zulmira? Por que tanta pressa? Está tudo bem?

E Zulmira, sem rodeios respondeu:

— Carlos, estou vendo uma casa para nós!

Ele respirou fundo, se sentou em um sofá, passou a mão na testa e explicou:

— Zulmira, já falamos sobre isso várias e várias vezes! Não posso me casar! Mal consigo sobreviver com meu salário! Como vou te dar uma vida digna? Você sabe que ganho uma miséria, estou até pensando em retomar os estudos para ver se consigo um emprego melhor.

— Voltar a estudar? Mas agora? Com mais de quarenta anos? Não me venha com essa desculpa! Quando começamos a namorar te ofereci ajuda para pagar os estudos, você não quis! Resolveu mudar de ideia agora? Muito conveniente!

— Quero fazer faculdade de direito, só assim conseguirei te dar uma boa vida!

— Se quer voltar a estudar te apoio e até ajudo a pagar, mas vamos ter que casar!

— Zulmira, não posso aceitar isso! É vergonhoso para um homem ser sustentado pela mulher!

— Você pode estudar, se formar e com o tempo terá condição de me ajudar! Enquanto isso eu pago nossas contas!

— E como é que você vai pagar o aluguel e todas as outras contas? Com o dinheiro dessa loja? Até onde sei isso aqui não rende tanto assim!

— Pois é o que você pensa! Não vou alugar uma casa, vou comprar! Está na hora de você saber o quanto ganho com meu trabalho, nunca contei nada por que não achei necessário, mas se vamos nos casar você precisa saber.

Zulmira pegou um caderno de anotações e mostrou os lucros do último mês. Quando Carlos olhou o rendimento mensal se espantou:

— Tudo isso? É mais do que ganho em um ano de trabalho!

— Como você pode ver, eu tenho condição de pagar nossas despesas, e tem mais uma coisa que você não sabe, eu consegui juntar dinheiro para comprarmos nossa casa!

— Zulmira, é sério? Você tem tudo isso guardado?

— Sim! E tenho mais uma surpresa! Hoje passei em uma corretora de imóveis e peguei as chaves de uma casa que está à venda, é um loteamento novo com casas recém-construídas, são simples, mas o bairro é muito bom e a área vai valorizar rápido. Amanhã vou visitar o imóvel e quero que vá comigo!

— Não sei Zulmira, isso tudo é complicado!

— Complicado? Complicado é você passar sete anos me enrolando! Agora chega!

— Está bem, você me pega às oito horas e vamos ver essa casa!

Zulmira mal conseguiu conter a alegria, agarrou o pescoço do namorado e beijou com paixão. No dia seguinte, por volta das 08:30 os dois pararam em frente a uma casa azul e branca.

O casal entrou no imóvel, Zulmira mostrava empolgação, enquanto Carlão não esboçava o mínimo de ânimo. Olharam todos os cômodos, ela fazia planos para mobília, decoração e Carlos apenas concordava.

Depois de alguns minutos os dois fecharam a casa e voltaram para o carro, quando Zulmira se preparava para dar a partida, Carlos falou:

— É uma casa muito bonita, mas fica longe do meu trabalho, terei que pegar vários ônibus! Sinto muito, mas não tem como Zulmira! Não dá!

Zulmira soltou a direção do carro, os olhos se encheram de lágrimas, olhando para o namorado falou com todo amor:

— E se eu te der um carro? Posso comprar um igual ao meu, sei que é um carro popular, mas nunca me deixou na mão, assim poderá ir e voltar sem problemas!

— Zulmira, não posso! Pense na minha situação, sendo sustentado por você! Não consigo fazer isso meu amor, me desculpe!

Zulmira encostou a cabeça no volante começou a chorar, Carlão notou que lágrimas gotejavam, tentou fingir que não via, mas sentiu o coração apertar. Ele acariciou os cabelos de Zulmira, e quando ela olhou para ele com um sorriso terno, os olhos cheios de lágrimas, ele não suportou, suspirou fundo e concluiu:

— Está bem Zulmira, está bem! Vamos comprar a casa e se casar!

Zulmira deu um grito de alegria, abraçou o namorado enquanto sorria e chorava de emoção, Carlos retribuiu o carinho, tinha esperança de construir uma vida feliz ao lado da namorada, apesar de todos os problemas ele desejava o melhor para os dois.

Zulmira não perdeu tempo, no mesmo dia fechou o negócio e comprou a casa, e nas semanas seguintes providenciou todos os preparativos para o casamento, comprou os móveis, imprimiu os convites. Sabendo que os pais de Carlos moravam em uma cidade no interior do nordeste, fez questão de comprar as passagens, custear

hospedagem e em menos de seis meses Zulmira e Carlos estavam casados.

Zulmira sempre foi muito inteligente para administrar seu dinheiro, conseguia manter a loja e a casa, ela pagava as contas e conseguia juntar um pouco de dinheiro, sua próxima meta era comprar uma casa melhor e para alcançar seu objetivo trabalhava sem desânimo, para evitar taxas de bancos e impostos, optava por guardar parte do dinheiro em casa, e assim em pouco tempo juntava uma boa quantia. Carlos continuava com seus trabalhos e o salário baixo, percebendo que a esposa conseguia manter os gastos, se acomodou, não falava em estudar ou procurar outro emprego.

Com o tempo Zulmira se tornou ainda mais controladora, vendo-se como provedora da casa sentia-se no direito de vigiar todos os passos do marido, e Carlos se submetia sem reclamar, pois sempre que retrucava, Zulmira dava um escândalo, passava dias brigando e implicando com tudo.

No dia em que completaram um ano de casamento, aconteceu a discussão mais marcante entre o casal. Zulmira fechou a loja mais cedo, foi para casa, preparou um jantar, enfeitou a mesa e se arrumou impecavelmente. Quando o marido chegou do trabalho, viu a mesa arrumada e Zulmira toda produzida, inocentemente perguntou:

— Vamos receber visitas?

— Carlos! É nosso aniversário de casamento! Não me diga que esqueceu!

Carlos deu um sorriso envergonhado, e tentou disfarçar o completo esquecimento:

— Estou brincando! É claro que não esqueci!

— Se não esqueceu, então onde está meu presente?

— Meu amor, me desculpe, você sabe que não me sobra nada, não consegui comprar um presente, mas...

— Mas, mas, é sempre, mas! É lógico que você nunca vai conseguir comprar um presente! Seu salário mal cobre os gastos com o combustível! Está há anos falando que quer mudar de vida, mas não se mexe!

— Zulmira, as coisas não são bem assim, eu procurei outro emprego, mas a vida não está fácil!

— É claro que não está fácil! Ainda mais para vagabundos que gostam de viver às custas de uma mulher!

— Não admito que fale assim comigo! Eu te avisei que não tinha condições de te sustentar! E quer saber mais? Me arrependo muito de ter aceitado sua oferta! Depois que casamos você virou minha proprietária, tenho que dar satisfação de tudo a todo momento!

— Mas é lógico! Sou eu quem paga suas contas! É o mínimo que deve fazer!

— Zulmira, eu nunca te pedi nada!

— Não pediu e não sabe dar valor! O que você tinha antes de mim? Nada! Hoje você te uma casa no seu nome, um carro e uma vida boa! E não é capaz de se coçar para melhorar!

— Nunca pedi para você colocar a casa e o carro no meu nome! Isso foi ideia sua! Quem queria fugir dos impostos era você!

— Sim, alguém aqui precisa ser inteligente! Todo dinheiro que ganhamos vêm da loja! Se eu colocar tudo no meu nome vamos pagar uma fortuna em impostos! Você deveria ser grato!

— Grato por seu o seu laranja? Depois que casamos eu não faço outra coisa além de trabalhar e voltar para casa e te contar o que fiz desde o primeiro até o último minuto do dia! Nem amigos tenho mais, não posso sair para jogar bola, tomar uma cerveja, não posso nada!

— Nunca te proibi de sair!

— Nunca proibiu, mas tenho que sair e voltar no horário que você determina, e se atrasar um minuto você vai atrás e dá um escândalo! Não aguento mais isso! Você não é minha dona!

Zulmira estava furiosa, não conseguia controlar as palavras e gestos, completamente dominada pela ira fez questão de atingir o marido com toda força, aos gritos continuou com as cobranças e insultos:

— Não sou sua dona! Mas você precisa de mim para comer, se vestir, e andar de carro, se não fosse pelo meu trabalho e dinheiro você estaria até hoje naquele apartamento minúsculo, cheio de baratas e andando de ônibus! Admita Carlão, você é um zero à esquerda! E te digo

mais! Em pouco tempo você completa cinquenta anos, estará velho, a beleza vai acabar e você vai continuar nessa sua vida miserável! Você não tem capacidade para nada! É um inútil!

Zulmira falou com tanta energia e raiva que as palavras duras pareciam atravessar Carlos como uma espada, chocado com as declarações, sentindo-se humilhado e diminuído ele não conseguiu responder, deu as costas para Zulmira e foi para o quarto, mas ela não se deu por satisfeita, foi atrás e continuou:

— Vai fugir? Não terminei ainda!

— Meu Deus do céu Zulmira! Pare de ser chata! O que mais você quer de mim?

— Quero e exijo que seja menos porco! Essa casa vive desarrumada e suja! Você deixa tudo espalhado! Eu arrumo e limpo e quando vejo está tudo revirado de novo! Será que nem para ter um pouco de organização você serve?

— Está bem, mas agora me deixe em paz! Vou tomar um banho e me deitar, não aguento mais discussões!

Naquela noite Carlos dormiu no sofá, as palavras de Zulmira não lhe saíam da cabeça, ele nunca havia se sentido tão desprezado e humilhado.

No quarto, Zulmira se arrependia, quando se acalmou percebeu que passou dos limites, pensava em ir até a sala e pedir desculpas, mas o orgulho era mais forte, tentando escapar da própria consciência arrumou várias justificativas que apoiassem sua atitude, e no final se convenceu de que o culpado era Carlos. No dia seguinte ela se levantou e foi trabalhar como se nada tivesse acontecido.

Depois daquela discussão o casamento seguiu por caminhos ainda mais obscuros, Zulmira implicava com tudo que o marido fazia, e ele sempre se calava para evitar ainda mais palavras degradantes. Ela não perdia a oportunidade de desprezá-lo e ele continuava acomodado no mesmo emprego, não cooperava com a organização da casa, não se preocupava em melhorar de vida, era o oposto da esposa, enquanto Zulmira ambicionava uma vida cada vez mais próspera, Carlos se esquivava de todo e qualquer esforço.

Cinco anos mais tarde, a paixão do início dava lugar a uma rançosa relação, os dois quase não se falavam, Zulmira passava cada vez mais tempo na loja ou na casa dos pais. As diferenças se tornaram insuportáveis.

Zulmira quase não suportava olhar para Carlão, mas algo dentro dela mantinha a obsessão do início e ela insistia em continuar com o casamento. Percebendo que a convivência estava cada vez mais difícil, ela decidiu fazer uma viagem, dar um tempo, acreditava que uma separação temporária poderia ajudar no relacionamento.

Tendo em Elenice uma boa companheira, decidiu comprar passagens, reservar hotéis e fazer uma viagem com a amiga, quando estava com tudo pronto chamou o marido para uma conversa:

— Carlão, faz anos que trabalho quase sem folga, você pega férias em dezembro, e esse é o mês que mais tenho clientes, todos querem saber a previsão para o próximo ano! Estou cansada, preciso de férias, convidei Elenice e vamos passar dois meses fora...

— Desejo uma boa viagem! Vão quando?

— Pretendo ir já na próxima semana. Você não quer nem saber para onde vamos?

— Para onde vão?

— Vamos para as praias do Nordeste! Quem sabe você sinta minha falta e de um pouco mais de valor para as coisas que faço! Faz meses que você nem me procura mais!

— É Zulmira, para ser mais exato! Faz quatro meses que nem toco em você, e se quer saber a verdade, não tenho a menor vontade!

— Meu Deus! O que aconteceu com você? Está doente? Não me ama mais?

— Não tenho mais desejo! Ando desanimado, você não passa um dia sem me jogar na cara o dinheiro que gasta para me sustentar, não para de me ligar no trabalho, me persegue! Minha vontade é dormir no sofá! Só não faço isso para evitar brigas!

— Você deveria olhar para as coisas que você faz! Essa casa está sempre suja, suas coisas espalhadas por tudo, quantas vezes te incentivei para voltar a estudar, fazer um curso que pudesse ganhar mais, mas você

nunca quis, o pouco que ganha nessas lojas e mercados desaparecem, acho que deve gastar em cachaça com seus amigos!

— Que amigos? Nem amigos tenho mais! Você esqueceu quantas vezes foi até meu trabalho para me cheirar e saber se andei bebendo? Esqueceu os escândalos?

— Olha Carlos, se fiz isso é porque você é um homem bonito e me preocupo para saber se está bem, deveria se sentir honrado! E não adianta ficarmos com essas discussões! Enquanto eu estiver fora, a loja vai ficar fechada, você pode pagar o aluguel, por favor? Tentei pagar adiantado, mas não encontrei o proprietário.

— Sim, pode deixar que cuidarei de tudo por aqui! Viaje em paz e pense sobre tudo que falamos!

— Você também precisa pensar! Quando nos casamos, nosso trato era que você voltaria a estudar, arrumaria um emprego que pagasse mais, juntos compraríamos uma casa melhor, mas até hoje tudo que faço é pagar nossas contas e te sustentar!

Naquela noite Zulmira e Carlos não se falaram mais, o silêncio reinava no ambiente.

Dois dias depois Zulmira e Elenice viajaram, o roteiro passava por praias, bons hotéis, vários pontos turísticos, as duas aproveitaram ao máximo, foram semanas de muitas compras, boas bebidas, vários passeios, tiveram o descanso merecido depois de anos de trabalho árduo.

Nos primeiros dias Zulmira cuidava do celular, tinha a esperança de receber uma ligação do marido falando que estava com saudades e arrependido, mas a ligação nunca aconteceu. Algumas vezes Elenice sugeriu que ela ligasse, mas o orgulho e a vaidade eram maiores que o amor que ainda existia.

Durante as semanas longe do marido, Zulmira percebeu que ainda o amava muito e queria lutar para que superassem a fase difícil.

Os sessenta dias de férias passaram rápido, e logo as duas desembarcavam no aeroporto da cidade, estavam novamente em casa.

Zulmira acompanhou Elenice até o taxi, abraçou a amiga e agradeceu:

— Elenice, obrigada pela companhia, a viagem foi muito boa! Pena que o dinheiro acabou, ou teria prolongado um pouco mais! Mas aproveitamos muito!

— É verdade, aproveitamos mesmo! Agradeço por ter me convidado e pagado tudo para mim! Se não fosse assim nunca conseguiria fazer uma viagem dessas!

— Ano que vem a gente volta! Agora vou te dar o dinheiro do táxi!

— Mas e você? São seus últimos trocados!

— Não se preocupe, tenho mais em casa! Chegando lá eu pago o motorista!

No dia seguinte Zulmira e Elenice desembarcavam no aeroporto, seguiram para o ponto de táxi, abraçaram-se e antes de deixar Elenice partir, Zulmira lembrou:

As amigas se despediram, Zulmira pegou um táxi e foi para casa, estava ansiosa para rever o marido, tinha esperanças de que a situação mudasse e finalmente fossem felizes.

Pouco tempo depois o motorista parou o carro:

— Prontinho moça! Chegamos!

— O senhor pode me fazer o favor de tirar as malas do carro e colocar na garagem? Vou até meu quarto pegar o dinheiro da corrida e já volto!

Zulmira abriu o cadeado do portão, notou que a calçada estava suja e cheia de folhas, logo concluiu que o marido continuava o mesmo desleixado.

Quando colocou a chave na porta da casa percebeu que não conseguia abrir a fechadura, Zulmira forçou, tentou, mas estava travado, foi até a porta dos fundos e tentou entrar, mas aconteceu o mesmo, as portas não abriam.

Sem entender o que estava acontecendo, ela foi até o taxista e pediu:

— Moço, não consigo abrir a porta, será que pode me ajudar?

— Sim, eu te ajudo!

Os dois tentaram e nenhuma das portas se abria, intrigado o motorista pegou as chaves e comparou com a fechadura, nisso notou que eram de marcas diferentes:

— Moça, será que sua casa foi assaltada e seu marido mudou a fechadura? Olhe aqui, está vendo? A fechadura é nova, foi trocada recentemente e é de outra marca!

— Não sei moço! Cheguei de viagem agora, faz quase dois meses que estou fora! O senhor pode me levar até o mercado em que meu marido trabalha? Fica no centro.

— Moça, eu até levo, mas a corrida vai ficar cara, do aeroporto até aqui já deu um valor alto, e daqui até o centro vai duplicar!

— Não tem problema, prometo que chegando lá eu pago tudo para o senhor!

— Então vamos!

Zulmira entrou no táxi, o coração acelerado, um mau pressentimento, os pensamentos confusos tentavam encontrar explicações. Depois de quase trinta minutos chegaram ao mercado, ela pediu que o motorista aguardasse e foi atrás de Carlos.

Assim que entrou no mercado ouviu que a voz do locutor era diferente, não era Carlos, ela correu até a sala onde o rapaz trabalhava, entrou abruptamente e perguntou:

— Onde está o Carlos?

— Que Carlos? Não sei quem é Carlos!

— O rapaz que falava as ofertas! Onde ele está?

— Ah sim, ele me treinou no primeiro dia, não sei onde ele está! É melhor a senhora perguntar para o gerente.

Zulmira já estava sem ar e com as pernas tremendo. Foi até a gerência, entrou na sala sem bater, e mostrando desespero perguntou para o gerente:

— Senhor Ronaldo, onde está meu marido?

— Zulmira! Boa tarde! Como você está?

— Cadê o Carlão?

— Carlão? Ele pediu demissão mês passado! Não sei onde ele está!

Quando Ronaldo terminou de falar Zulmira cambaleou, percebendo que ela ia desmaiar, Ronaldo a segurou e colocou em uma cadeira.

— Meu Deus do céu! O que aconteceu? Mas o que foi que Carlão aprontou?

— Eu não posso acreditar! Eu mato aquele desgraçado! Eu saí de viagem faz quase dois meses, cheguei a pouco, fui para casa e as fechaduras estavam trocadas! O motorista do táxi está lá fora me esperando para receber!

— Calma filha, calma, tome um copo de água! Vou pagar o taxista e volto logo! Fique aqui, tenha calma!

Ronaldo foi até o estacionamento, encontrou o taxista, tirou as malas de Zulmira do carro e pagou a corrida.

Quando retornou para o escritório achou que Zulmira teria um infarto, a mulher estava pálida, suando gelado, as mãos e pernas tremiam. Em prantos ela olhou para o gerente e suplicou:

— Por favor, me ajude! O que aquele desgraçado falou?

— Minha filha, posso te contar o pouco que sei! Ele me disse que recebeu uma proposta de emprego em outra cidade e que ia se mudar! Até perguntei se havia feito algo que ele não gostou, mas ele disse que precisava ir embora o mais rápido possível para não perder uma boa oportunidade. Filha, quem sabe ele conseguiu um emprego melhor e volte para te pegar?

— E a casa? Por que mudou as fechaduras? Estou com medo! Muito medo! Todas minhas economias estavam guardadas em casa! E se ele vendeu nossa casa? Se ele fez isso eu vou até o inferno e mato aquele maldito!

— E o carro não está na garagem?

— Não tem mais nada! Nem meu carro, nem o dele!

— Meu Deus do céu! O que foi que esse rapaz aprontou! Filha tome mais um pouco de água!

— Não quero mais água! Preciso achar um lugar para dormir essa noite, todo meu dinheiro estava guardado em casa, não tenho nada na carteira!

— Fique calma, vou te ajudar! Você tem algum parente onde possa ficar? Eu te levo!

— Sim, tenho meus pais! Mas antes preciso ir até minha loja!

— Filha, já são quase vinte horas, você acabou de chegar de viagem, levou um susto muito grande, é melhor que descanse! Amanhã você vai até sua loja!

— O senhor tem razão, fico muito agradecida! Pode me levar, por favor?

Chegando à casa dos pais, Zulmira caiu em desespero, mal conseguia falar o que estava acontecendo, Juvenal abraçou a filha e Vera correu para arrumar o antigo quarto de Zulmira.

Os pais se desdobravam em conselhos, cuidadosos, já não sabiam mais o que fazer para acalmar a filha. Por volta das 22 horas o telefone tocou, Juvenal atendeu e chamou Zulmira:

— Zulmira, é Elenice, venha atender sua amiga.

Zulmira correu para o telefone, talvez a amiga tivesse alguma informação:

— Alô, Elenice?

— Zulmira, amiga, o que aconteceu com a loja? Passei lá para ver se te encontrava, mas quando entrei estava tudo vazio!

— Vazio? Como vazio?

— Vazio, Zulmira, vazio! Não tem mais nada lá dentro!

— Meu Deus do céu Elenice, é uma tragédia! Você não vai acreditar! Acho que Carlão vendeu tudo que comprei, pegou todo o dinheiro que eu guardava em casa e sumiu!

— Zulmira, tenha calma, deve ter uma explicação! Ele não faria isso com você!

— Não sei amiga, antes de viajar tivemos uma discussão, talvez ele tenha ficado com raiva! Aquele desgraçado me roubou tudo!

Zulmira caiu sentada no chão, em prantos batia com as mãos no chão e gritava. Vera correu para ajudá-la. Juvenal se despediu de Elenice e desligou o telefone, em seguida ajudou Vera a conter Zulmira que gritava desesperadamente.

Zulmira estava transtornada, não parava de xingar Carlos, falava todos os palavrões possíveis, Vera correu até a cozinha e pegou um calmante que tomava em algumas ocasiões, deu uma dose dupla para a filha, e com muita dificuldade conseguiu convencer Zulmira a se deitar.

Depois de muito desespero ela adormeceu, no dia seguinte, assim que amanheceu o dia Zulmira estava em pé, olhos inchados e profundos, rosto abatido, a voz rouca de tanto gritar, Vera tentou convencer a filha a chamar a polícia, mas Zulmira insistia em ir até a loja.

Pouco tempo depois ela entrava no estabelecimento e confirmava com seus próprios olhos o que Elenice havia falado, o lugar estava completamente vazio. Ela foi à padaria ao lado onde todos a conheciam, explicou a situação para a gerente e essa contou que Carlão vendeu todas as coisas da loja e se despediu dizendo que estava indo embora da cidade.

Em seguida Zulmira foi até a casa onde moravam, conversou com os novos moradores, e a história foi a mesma, Carlos falou para todos que estava indo embora da cidade às pressas. Zulmira passou o restante do dia indo em todos os lugares que o marido frequentava, ela não desistia, queria encontrar alguma pista. No final da tarde Zulmira passou na última loja onde poderia ter informações, um colega de Carlão ouviu ela contar a história para o gerente, comovido com a situação foi até Zulmira:

— Moça, eu não sei onde ele está, mas acho que posso te contar o que ele fez! Um dia Carlão apareceu no bar e falou que ia embora. Depois de beber um pouco a mais ele disse que estava cansado do casamento, que não aguentava mais a esposa, e que ia vender tudo e sumir do mapa!

— Mas para onde ele foi?

— Não sei! Ele não quis dizer! Para ser sincero, achei que era bobagem, nunca imaginei que estivesse falando sério!

— Ele disse se voltaria para casa dos pais?

— Não disse para onde ia! Mas contou que vendeu os carros para um desmanche, e que a casa estava quase vendida, ele fez um preço muito abaixo do valor para poder vender rápido!

— Eu não posso acreditar! E a loja? O que ele disse da loja?

— Disse que venderia todas as quinilhariarias da loja para juntar todo dinheiro que pudesse antes de ir embora! Dona, eu juro que não acredite! Achei que era coisa do momento, ele havia tomado um pouco a mais. Sinto muito, mas acho que a senhora não tem mais o que fazer! Ele deve estar longe!

— Agradeço a ajuda e me desculpe o incômodo.

Zulmira voltou para casa dos pais, no dia seguinte prestou queixa na delegacia, mas o delegado foi claro em dizer que não poderiam fazer muito, pois legalmente Carlos não havia roubado nada, tudo que vendeu estava no nome dele.

Zulmira passou dias na internet pesquisando passagens aéreas, ligações telefônicas, tentou encontrar os pais de Carlos, mas não conseguiu nada.

Os meses se passavam e Zulmira nunca conseguiu encontrar um único vestígio de Carlão, tudo que ela tinha estava no nome do marido, as economias estavam guardadas na casa, os carros e produtos da loja foram vendidos, Zulmira não tinha mais um centavo.

Elenice e Vera tentavam incentivar Zulmira a retomar o atendimento em domicílio, Juvenal sugeriu que ela procurasse os clientes, pois muitos eram advogados, juizes, médicos, pessoas influentes que poderiam ajudá-la, mas nada motivava Zulmira, ela não conseguia pensar ou falar em outra coisa além de Carlos, a raiva e rancor envolviam todos seus pensamentos, a obsessiva paixão deu lugar a uma busca neurótica por qualquer pista.

Sem dinheiro, trabalho e ocupação, Zulmira mergulhava na mais profunda depressão, passava os dias deitada no quarto escuro, não tomava banho, não se alimentava, os longos cabelos pretos em pouco tempo mostravam mechas brancas, o rosto empalidecido com olheiras profundas, aos poucos o corpo definhava.

Vera tentou de todas as maneiras convencer a filha a procurar ajuda médica e psicológica, mas Zulmira parecia absorta em seus próprios pensamentos, mal respondia às perguntas da mãe.

Percebendo que a filha se consumia na própria tristeza, certa noite Juvenal foi até o quarto da filha, sentou-se na beirada da cama, acariciou os cabelos embaraçados, e carinhosamente pediu:

— Filha, me dói no coração ver você assim! Daqui a pouco vou no culto, venha comigo, ficarei feliz com sua companhia! O pastor fala coisas tão bonitas! Abra seu coração para Jesus!

— Não pai, não quero, agradeço sua intenção!

— Filha, é hora de mudar de vida, eu te falei que mexer com macumba dava nisso, mas você não quis me ouvir! Pode começar uma vida nova com Cristo! Vamos minha filha, você vai se sentir melhor! Se não gostar eu prometo que não insisto outra vez! Vamos?

Notando o esforço e carinho de Juvenal, Zulmira cedeu aos apelos do pai. Com muito esforço se levantou, tomou um banho e se arrumou.

Um pouco antes das 20 horas ela e Juvenal estavam sentados no pequeno templo e aguardavam o início do culto. Zulmira olhou ao redor e lembrou que antigamente o pai frequentava outro lugar, curiosa sobre a mudança ela perguntou:

— Pai, antigamente o senhor frequentava outro templo, por que mudou para esse?

— Me contaram que um novo pastor começou a fazer a pregação e que seus ensinamentos eram surpreendentes, fiquei interessado e vim uma vez, me emocionei com seus ensinamentos e continuei vindo. Você precisa ver minha filha, ele fala coisas tão bonitas que tocam lá no fundo do coração! E olha, você não precisa ter vergonha de contar que ia na macumba, o pastor ensina que não devemos ter preconceito com nossos irmãos! Fala que todos são filhos de Deus e não existe religião melhor que a outra!

— Ele fala isso?

— Sim, e fala muito mais, nem sempre o que ele fala tá na bíblia, mas são coisas muito bonitas! Um dia desses ele falou sobre humildade, e te digo minha filha, foi uma das lições mais bonitas que já ouvi!

Zulmira e Juvenal se aquietaram, e ficaram assistindo dois jovens que tocavam violão e cantavam glórias a Cristo. Enquanto aguardavam a

pregação, Zulmira ouvia a conversa entre os irmãos, todos admiravam a postura e ensinamentos do pastor, e quanto mais ela ouvia os comentários, mais semelhança encontrava com os ensinamentos que ouvia dos Pretos Velhos.

Pouco tempo depois um homem bem-apanhado entrou no pequeno palco, terno impecável, barba bem-feita, cabelos alinhados, acomodou a bíblia em cima do púlpito, olhou para a pequena plateia e agradeceu a presença de todos.

Quando Zulmira olhou para o pastor mal conseguiu acreditar, encolheu-se na cadeira e quase nem respirava, o homem que todos admiravam era Augusto, o antigo babalorixá havia se tornado pastor. Admirada ela olhou para Juvenal e perguntou:

— Pai, esse daí é o teu pastor?

— Sim, pastor Augusto!

— Esse é o Pai Augusto! O senhor sabe que ele era da terreira?

— Sêrio filha? Ele era da mesma terreira que você frequentava?

— Sim senhor! Ele é da macumba também!

— Glória a Deus! É Jesus operando em nossas vidas!

— Como assim pai? Estou te dizendo que ele era macumbeiro!

— É a obra do senhor que reuniu todos nós aqui minha filha!

Pastor Augusto contou que já foi da Umbanda, mas que hoje entregou sua vida a Cristo Nosso Senhor!

— É? Ele contou que era pai de santo?

— Contou sim filha, ele deu seu testemunho e ensinou que não devemos jogar a primeira pedra, pois todos somos pecadores! Agora escute, ele vai começar a pregação.

Zulmira encolheu-se um pouco mais, não queria ser vista por Augusto. Entre um ensinamento e outro, Zulmira logo percebeu que as palavras que encantavam a todos, eram os as mesmas faladas pelos Pretos Velhos da terreira. O que Augusto fazia era unir os ensinamentos da bíblia as palavras das entidades da Umbanda.

De uma maneira muito sábia e sutil Augusto mesclava as passagens bíblicas com outras doutrinas. E os irmãos da casa se encantavam com a maneira inovadora de ensinar.

Augusto fez uma pregação fervorosa, em alguns momentos até Zulmira se emocionou, antes de finalizar o culto o pastor perguntou se alguém gostaria de dar o seu testemunho, e Juvenal viu a oportunidade que precisava para envolver a filha em um novo caminho de fé:

— É você filha!

— Eu? O que tem eu?

— Dê seu testemunho! Conte a todos sobre sua vida e como chegou até aqui!

— Dar testemunho? Nem morta!

— Filha, levante a mão! Liberte-se e entregue-se a Jesus!

— Não pai! Não vou dar testemunho nenhum! O senhor me chamou para vir e eu aceitei, mas não vou passar disso!

— Filha, aceite Jesus em seu coração!

Envolvido por uma fé fervorosa, Juvenal segurou a mão da filha, levantou o braço e gritou:

— Aqui pastor! Aqui! Minha filha!

Augusto desceu do tablado e foi até o senhor que havia levantado o braço, quando se aproximou foi surpreendido por Zulmira encolhida na cadeira. O pastor mal conseguiu conter a surpresa, olhou para o alto com os olhos marejados, deu um sorriso e levantou as mãos em louvor a Deus, com a voz embargada falou:

— Glória a Deus! Glória! É Deus operando em nossas vidas! Zulmira, é você! Essa é uma prova dos milagres do senhor! Aleluia irmãos!

Zulmira se levantou, olhou no fundo dos olhos de Augusto e falou em alto e bom som:

— Seu safado! Canalha! Agora quer dar um de homem santo? Por acaso seus fiéis sabem que você foi macumbeiro e pai de santo?

— Sim Zulmira, dei meu testemunho, eles sabem que muitas vezes tomamos caminhos errados, mas o arrependimento nos liberta! Sim, fui pai de santo, mas na minha casa nunca praticamos o mal, sempre pregávamos a caridade, o amor ao próximo, e se hoje nos reencontramos aqui é porque Deus tem um propósito maior para nossas

vidas! Glória! Venha Zulmira, de seu testemunho e conte como chegou até aqui!

— Dar meu testemunho? Nem morta! Eu só vim porque meu pai insistiu, e se quer saber, estou arrependida, nunca pensei ver essa palhaçada!

— Minha irmã, isso que fazemos aqui é um trabalho sério, tão digno e merecedor de respeito quanto aquele que fazíamos na Umbanda! Zulmira, não existe religião ruim, o que existe são as fraquezas que levam os homens aos pecados!

— Eu sei suas fraquezas! E por acaso seus fiéis sabem que suas pregações não passam de palavras faladas por Preto Velhos, Caboclos e até Exu?

— Os ensinamentos são de Cristo, quem falou apenas transmitiu aquilo que o Cordeiro ensinou! É isso que Deus espera de seus filhos! Que eles espalhem seu amor!

— Sai da minha frente! Eu vou é embora!

Os fiéis se entreolhavam, não compreendiam tamanha revolta, e Zulmira saiu sem olhar para trás. Augusto voltou a sua pregação, o rosto mostrava serenidade e um sorriso de alegria que contagiava a todos. Rever Zulmira acendeu uma esperança em seu coração, acreditava que a moça poderia trilhar um novo caminho.

Zulmira entrou no carro e logo Juvenal chegou, assustado com a atitude da filha, ele perguntou:

— Minha filha, o que foi aquilo? Por que sente tanta raiva do pastor?

— Que pastor? Que pastor? Ele é um safado que não conseguiu manter uma terreira e agora quer dar um de pastor! Quero ir embora!

Chegando em casa Zulmira foi direto para o quarto. Vera notou que a filha voltou ainda mais nervosa, pegou uma xícara de chá e levou para Zulmira, entre um carinho e outro, ela perguntou:

— Filha, o que aconteceu? Por que voltou tão nervosa?

— Mamãe, você sabia que o pastor Augusto é o mesmo Pai Augusto?

— Não tinha certeza, mas suspeitava, isso é bom né filha! Soube que ele passou meses desempregado e muito deprimido, fico feliz que ele tenha encontrado um novo caminho!

— Até a senhora? Como pode confiar naquele safado?

— Filha, não entendo por que sente tanta raiva de Augusto, ele sempre foi tão bom para você, fazia todas suas vontades, era cuidadoso e atencioso. Zulmira, aconteceu alguma coisa que você não me contou? Alguma vez Pai Augusto te maltratou?

— Não! Isso não! Ele nunca me maltratou!

— Então qual é o motivo de tanta raiva?

Zulmira abaixou a cabeça pensativa, mostrando cansaço se deitou na cama e respondeu:

— Deixe isso pra lá, estou cansada e quero dormir!

Vera cobriu a filha e saiu do quarto, o estado emocional de Zulmira a preocupava, ela estava cada vez mais magra e parecia perturbada.

Na semana seguinte o estado de Zulmira piorou, parecia completamente alucinada, andava pela casa proferindo palavras contra Carlos e Augusto, era como se desejasse matá-los. Vera e Juvenal já pensavam em internar a filha, pois o estado de Zulmira ficava cada vez mais crítico.

No domingo os pais se levantaram cedo. Vera preparou o café, foi até o quarto de Zulmira e convidou:

— Filha, eu e seu pai vamos visitar sua irmã, não quer vir junto?

— Não mamãe, quero ficar sozinha!

— Filha! Você precisa se esforçar um pouco mais! Vai ficar doente! Faz dias que não come, não toma banho, se recusa a sair desse quarto e quando sai anda pela casa feito louca falando palavras! Fiz café, está tudo na mesa! Promete que vai se alimentar?

— Prometo que depois como alguma coisa, podem ir!

Assim que Vera e Juvenal saíram, Zulmira se levantou, foi até a cozinha e esforçou-se para tomar o café. Ela olhou ao redor e tudo parecia sem sentido, lembrou da sua casa, da loja, por mais que tentasse a comida não descia, ela começou a chorar desesperadamente.

A lembrança do momento que chegou de viagem não lhe saíam da cabeça, toda vez que ela se lembrava da porta com a fechadura trocada, o coração acelerava, sentia um desejo incontrolável de matar o marido. Zulmira atirou a xícara de café contra a parede e começou a gritar, era bramido de dor e desespero.

Entre gritos e soluços ela olhou para o armário da cozinha e viu a caixa de medicamentos, intuída por obsessores que a acompanhavam há anos ela teve a ideia de acabar com tudo.

Sem pensar duas vezes ela preparou um coquetel com todos os comprimidos que encontrou, e engoliu um após o outro e foi para cama.

Pouco tempo depois foi tomada por dores lancinantes no estômago e enjoos insuportáveis, sem conseguir se conter correu até o banheiro e vomitou, com isso o organismo expeliu praticamente todos os medicamentos. Inconformada com a tentativa frustrada, e ainda mais revoltada ela gritou:

— Inferno! Inferno! Não aguento mais isso! Nem morrer eu consigo!

Desnorteada com o efeito dos medicamentos ela mal conseguia caminhar, mas a ideia do suicídio continuava latente em sua mente, os companheiros trevosos estavam ouriçados e davam todo o apoio que ela necessitava para encontrar coragem.

Zulmira lembrou que no quarto de costura de Vera tinha uma viga exposta, foi até a lavanderia, pegou uma corda e preparou uma forca, completamente zozna ela mal conseguiu subir na cadeira, e colocar a corda em volta do pescoço, entre prantos começou a balançar as pernas tentando derrubar a cadeira, quando finalmente conseguiu a viga não suportou o peso e se quebrou trazendo abaixo várias telhas e pedaços de madeira.

Zulmira caiu no chão onde permaneceu por um longo tempo chorando e amaldiçoando a própria vida, a sua volta vários espíritos desequilibrados faziam uma grande algazarra, alguns se atiravam no chão entre gargalhadas, outros comentavam sobre a cena patética, alguns planejavam o que fazer com Zulmira. Enquanto isso ela continuava seu lamento:

— Eu quero morrer! Me deixem morrer! Não aguento mais essa vida!

Zulmira acreditava que seus guias estavam impedindo seu suicídio, nem passava por sua cabeça que estava cercada por baderneiros e espíritos tão desequilibrados quanto ela. Entre chacotas, risos e gargalhadas um dos espíritos perturbados falou:

— Nem pra se matar você serve sua burra!

Uma mulher que há muito tempo acompanhava Zulmira falou em seu ouvido:

— Quer morrer? Tem um jeitinho que não falha! Mas pra isso tem que ter mais coragem! Vá até a cozinha e pegue uma faca bem afiada e corte os pulsos!

Zulmira, ainda deitada no chão, captou a insinuação da mulher, levantou-se com dificuldade e foi para cozinha, abriu as gavetas e procurou a faca mais afiada.

Olhou para um punhal e falou:

— É esse mesmo! Agora eu consigo! Mas vou fazer isso no banheiro, não quero deixar bagunça para minha mãe limpar, ela não merece!

Zulmira foi até o banheiro, e assistida por vários obsessores sentou-se diante do vaso sanitário, apoiou as mãos na louça e fez o primeiro corte no punho esquerdo, sentindo que o sangue escoava rapidamente passou a faca afiada no outro pulso, e começou a abrir e fechar as mãos com força e rapidez para aumentar o fluxo do sangramento.

Pouco tempo depois o corpo rendeu-se a hipovolemia e Zulmira caiu no chão gelado, semi consciente e com os pensamentos perturbados, lembrava das lições que ouviu na Umbanda, ela sabia que existia um umbral para os suicidas, mas até no momento da morte conseguiu se enganar e falou para si mesma que seus guias estavam ao seu lado e certamente a levariam para um lugar de paz.

Quando Zulmira sentiu o coração acelerar e os pulmões se esforçando para puxar o ar, ela arrependeu-se, tomada pelo pavor tentou se movimentar, queria gritar por socorro, mas o corpo não respondia, ela

não conseguia enxergar mais nada, sentia o suor gelado ensopar suas roupas, o corpo instintivamente lutava para se manter vivo, um medo terrível tomou conta de sua alma, entre pensamentos perturbados e confusos ela repetia mentalmente:

— Eu sei que estão comigo! Eu sei que vão me recolher!

Naquele momento o casal de guardiões que lhe acompanhavam se aproximaram, Capa Preta espantou o bando de obsessores que saíram correndo para todos os lados, enquanto isso sua guardiã aplicava passes para atenuar a agonia de Zulmira. Capa Preta retornou para junto da companheira e olhou com tristeza para o corpo físico que sucumbia, ele acariciou os cabelos de Zulmira e falou carinhosamente:

— Minha filha, estamos aqui com você! Por que fez isso? Tantas vezes tentamos te intuir, aconselhar, mas você não ouvia, sempre preferiu ouvir esse bando de obsessores!

A guardiã de Zulmira olhou para o marido e comentou:

— Ela não consegue sentir nossa presença, as vibrações estão baixas demais! O corpo físico não suporta mais, ela vai desencarnar!

— Sim, e nós não poderemos fazer nada! Você já sabe para onde ela vai!

— Eu sei, eu sei meu marido! Quando ela for puxada vamos atrás dela!

Quando terminou de falar notaram que uma espécie de vórtice se abriu e instantaneamente trouxe o corpo espiritual de Zulmira. Estava acabado, o corpo físico havia sucumbido.

No ano de 2007, aos quarenta e dois anos Zulmira deixava o plano físico, acabava-se a oportunidade de deixar uma pegada de luz na terra, que certamente iluminaria o caminho de muitas pessoas.

## CAPÍTULO VI

### A hora da verdade

No banheiro da casa restava apenas o corpo físico de Zulmira. O corpo espiritual imediatamente foi transportado para a faixa umbralina onde se localiza o vale dos suicidas.

O casal desapareceu do banheiro para reaparecer onde estava o corpo espiritual de Zulmira, olhavam para a cena deplorável e lamentaram. Zulmira estava inconsciente e atirada em uma poça de lama.

O guardião se aproximou, pegou Zulmira pelos braços e removeu o corpo da poça de lama, deu as mãos para a esposa e unidos aplicaram passes para tentar acordá-la, mas Zulmira continuou imóvel, ele olhou para a companheira e falou:

— Você sabe que não poderemos tirá-la daqui! Enquanto ela não acordar e perceber o erro que cometeu, e se arrepender, não poderemos fazer nada! Se ela não elevar as vibrações continuará nesse vale imundo!

— Eu sei, eu sei, mas conheço nossa filha! Ela vai conseguir, ela é forte! Vamos ficar por perto até ela acordar!

— Não podemos ficar aqui! Precisamos ir embora, temos nosso trabalho! Mulher, olhe para mim, não podemos fazer nada agora, foi uma escolha dela! Quando ela acordar voltaremos para ajudar, mas por enquanto não temos mais o que fazer aqui!

A guardiã olhou para Zulmira, entristecida deu a mão para o marido e sumiram do vale.

Passado algum tempo Zulmira abriu os olhos e se viu cercada pela completa escuridão, sentou-se assustada e começou a apalpar ao redor, sentiu que algo viscoso lhe cobria todo o corpo, novamente apalpou procurando a cama, e percebeu que não estava em seu quarto, tomada por um pavor assombroso ela começou a gritar:

— Que lugar é esse! Onde estou? Socorro! Mãe, pai!

Ao seu redor gargalhadas, gemidos e lamentos ecoavam de todos os lados, o ar gelado e pesado impedia a respiração, a energia densa parecia esmagar o corpo espiritual de Zulmira.

Esforçando-se conseguiu ficar em pé, deu alguns passos e logo caiu em uma poça profunda de lama, debatendo-se na escuridão, em completo desespero ela sentia novamente o pavor da morte. Logo seus guardiões apareceram, aproximaram-se e aplicaram passes tentando acalmá-la, o casal baixou as vibrações na esperança de serem vistos por Zulmira, mas foi em vão, por mais que se esforçassem não conseguiam se igualar a baixas vibrações de Zulmira.

Entre choro e gritos Zulmira se debatia na lama, de modo repentino ela parou, fixou o olhar na escuridão e lembrou-se de Carlos, tomada pelo ódio, começou nova gritaria:

— Maldito, maldito! É sua culpa! Estou nesse inferno por sua culpa! Maldito!

O casal de guardiões visualizou as imagens que Zulmira criava e seus pensamentos, eram as lembranças da casa fechada, da loja vazia, do dinheiro perdido.

Capa Preta estendeu as mãos sobre Zulmira e lhe transmitiu pensamentos felizes sobre Vera, Juvenal, Elenice e pessoas que Zulmira gostava, aos poucos ela se acalmou e começou a viver mentalmente as lembranças de infância. Sentada na lama Zulmira mostrava-se completamente perturbada, sorria e chorava presa aos acontecimentos do passado.

Mais uma vez os guardiões foram obrigados a deixar Zulmira, não podiam fazer nada além de aplicar passes e aguardar que ela se conscientizasse dos atos praticados durante a vida de encarnada.

Zulmira alternava entre momentos de completa inércia e tormentos. Quando acordava e saía de seus transe, olhava em volta, começava a gritar e correr sem rumo, até que cansava, caía na lama e se entregava às lembranças do passado entrando novamente em estado de transe.

No momento do desencarne, os últimos pensamentos de Zulmira foram lembranças dos trabalhos na terreira, as imagens se

condensaram em sua mente e ela vagava pelo vale vestida com as roupas brancas de umbandista, o pescoço cheio de guias, e o pano branco na cabeça. E dessa maneira, Zulmira chamava a atenção de vários espíritos revoltados da região, muitos se divertiam com a cena, a cercavam e derrubavam na lama, entre chutes, socos, insultos e palavrões tornavam o tormento ainda mais insuportável, e Zulmira implorava:

— Parem! Parem! Nunca fiz nada para vocês!

— Macumbeira! Suicida! Covarde! Por que não tenta se matar agora? Queremos ver se consegue morrer aqui!

E quanto mais ela implorava, maior era o prazer dos agressores, pareciam entrar em estado de êxtase, quando ela se calava e caía em estado de inconsciência o grupo se afastava entre gargalhadas e mais insultos.

Sem forças para andar, Zulmira rastejava pela lama, completamente apavorada e temendo novas investidas dos agressores, ela encontrou um pequeno espaço entre algumas pedras onde conseguiu se acomodar e esconder.

Encolhida entre as pedras Zulmira chorava, tremia de pavor, sentia fome, sede, frio e muita dor no corte dos pulsos, que não paravam de sangrar, quando fechava os olhos tentava se concentrar ou descansar, algum espírito gritava ou gemia, era impossível encontrar um segundo de paz naquele lugar.

Zulmira perdeu a noção do tempo, não sabia que estava há mais de um ano naquele vale, completamente entregue aos devaneios e lembranças tortuosas, ela despertou com a chegada de uma caravana que recolhia alguns dos sofredores. Um dos trabalhadores se aproximou de Zulmira, estendeu a mão e disse:

— Venha minha irmã, posso te levar embora se quiser, mas antes precisa me dizer por que está aqui, você sabe por que está nesse vale?

Entre lágrimas, com o corpo coberto de lama Zulmira esforçou-se para responder:

— Não sei por que vim parar aqui! Sempre fui uma boa pessoa!

— Então procure em seu coração, quando entender por que está aqui, é só pensar em mim que voltarei no mesmo momento!

O homem retornou para junto da caravana e pouco tempo depois o grupo desapareceu no meio da névoa densa do vale.

Zulmira chorava e sentia a mais profunda solidão, lembrou-se da família, de Jesus, e dos ensinamentos que recebeu na terreira, o arrependimento começou a tomar conta dos pensamentos, desejava voltar atrás, sem ter como mudar o passado ela fechou os olhos e começou a implorar por perdão, suplicava por uma nova chance e pela piedade de Cristo. Envolvida pelo arrependimento e consciência do ato impensado, ela começou a dissipar uma tênue luz, e isso foi o suficiente para que seu guardião chegasse.

Capa Preta sentou-se ao lado de Zulmira e perguntou:

— Agora entendeu por que está aqui?

Zulmira abriu os olhos assustada e perguntou:

— Quem é você?

— Sou seu amigo! Agora é importante que me diga se entendeu por que está aqui?

Antes que ela respondesse, notou que o trabalhador da caravana se aproximava, ele olhou com carinho para Zulmira falou:

— Eu te disse voltaria quando compreendesse por que está aqui, e pelo que vejo já está muito bem acompanhada! Como vai Antero? Vejo que chegou mais rápido que eu!

— Como vai Aurélio? É bom revê-lo meu amigo! Acredito que finalmente poderemos tirar nossa menina desse lugar!

Aurélio, mentor de Zulmira, novamente perguntou:

— Filha, você já entendeu por que está aqui? Sabe o que lhe falta?

— Sim, eu entendo! Tirei minha própria vida! Me falta amor no coração!

Naquele momento Antero estendeu a mão para sua filha tirando ela do lamaçal, com alegria os dois envolveram Zulmira em suas vibrações e desapareceram do vale escuro deixando apenas um pequeno rastro de luz.

Acolhida em um posto de recuperação, Zulmira foi conduzida para as câmaras de tratamento onde permaneceu um longo tempo em estado de sono profundo, aos poucos o corpo espiritual se restabeleceu e chegava o momento de avançar mais um passo em direção a conscientização do espírito.

Um dos trabalhadores foi até Zulmira e informou:

— Zulmira, você está pronta para partir!

— Partir? Para onde? Vou ter que voltar para aquele lugar?

— Não, fique tranquila, te trouxe algumas roupas, espero que goste, pode se vestir e aguardar no jardim da casa, em breve virão te pegar.

— Quem vai me pegar? Para onde vão me levar?

— Calma! Confie em mim! Você ficará bem! Agora se prepare, vista-se e alegre-se, uma nova jornada se inicia!

Zulmira, vestiu a roupa e foi para o jardim, a vista transmitia calma e tranquilidade, envolvida pela paz do lugar, Zulmira foi surpreendida por Antero:

— Está pronta Zulmira? Lembra de mim?

— Sim, lembro, é um dos homens que me tirou daquele lugar, sou muito grata!

— Sabe quem é essa mulher que me acompanha?

— Não sei.

— Eu sou Antero, o seu guardião, e essa é Lucia, sua guardiã, te acompanhamos desde o primeiro até o último dia na terra! Temos ligações de outra vida!

— Então vocês são meus guardiões?

— Sim, fomos os seus guardiões, mas antes éramos seus pais!

— Meus pais? Mas meus pais estão encarnados!

Lucia abraçou Zulmira, mal conseguia conter a emoção de ter a filha nos braços, percebendo que ela ainda estava confusa, acariciou o rosto de Zulmira e falou:

— Sim, somos seus pais! Você está segura, no momento certo lembrará e entenderá tudo, mas agora precisamos ir, tem um transporte

nos aguardando do lado de fora da colônia, sabemos que tem muitas perguntas, na hora certa terá suas respostas.

Lucia olhou sorridente para Zulmira, estendeu a mão e falou:

— Venha minha filha, vamos!

Pouco tempo depois os três chegavam a uma colônia situada em um dos anéis superiores, ao descer do transporte Zulmira parou e olhou encantada, não conseguiu esconder a surpresa. A sua frente uma grande edificação que lembrava antigas construções gregas, por todos os lados via-se belos jardins, árvores e pássaros. Várias pessoas vestidas com túnicas branquíssimas e reluzentes andavam de um lado para o outro, pareciam ocupadas com os seus afazeres, envolvida pela admiração, sentiu quando Lucia tocou em seu braço e convidou:

— Vamos entrar filha, estão nos aguardando!

— Quem está aguardando? E que lugar é esse?

— Logo você saberá?

Zulmira e o casal entraram e se dirigiram para uma pequena sala onde Aurélio os aguardava. Antero dirigiu-se até o homem deu-lhe um abraço e falou:

— Finalmente está tudo bem! Zulmira está aqui!

— Sim meu amigo! Sentem-se! Agradeço aos dois por terem trazido nossa Zulmira. Ela já sabe que vocês foram os pais dela em outra existência?

— Achamos melhor falar quando chegássemos aqui!

— Pois bem, então vamos ajudar Zulmira a lembrar de vocês, ela precisará se sentir amparada por pessoas que ame.

Aurélio olhou para Zulmira e falou:

— Zulmira, eu me chamo Aurélio, com o tempo lembrará de mim, sou o seu mentor. Lucia e Antero foram seus pais em outra encarnação, assumiram o compromisso de te guiar durante sua última experiência no corpo material. Olhe para essa tela, vou te mostrar algumas imagens que te ajudarão a lembrar.

Zulmira olhou para uma tela que se acendeu sobre a mesa, viu um casal com roupas do século XVIII, eles andavam de mãos dadas por um jardim, um pouco a frente uma menina de aproximadamente seis

anos corria e brincava. Lucia e Antero estenderam as mãos sobre a cabeça de Zulmira e no mesmo momento ela se emocionou, eles transmitiam as lembranças que ela assistia na tela. As cenas se passavam aceleradamente, e Zulmira viu a pequena menina se tornar uma adolescente, mais tarde uma mulher e os pais sempre ao seu lado.

A tela se apagou, Zulmira não conseguiu conter a emoção, com extremo carinho abraçou Lucia e Antero e falou:

— Mamãe, papai! Agora eu lembro! Quanta falta eu senti de vocês! Quanta saudade!

Os três se abraçavam com emoção e carinho, Antero beijava a cabeça de Zulmira, Lucia acariciava o rosto da filha, novamente os corações saudosos se reaproximavam.

Aurélio assistia com grande felicidade, o rosto cheio de satisfação e gratidão, olhando para Lucia perguntou:

— Está feliz com o retorno de sua filha?

— Sim, muito feliz! A alegria é inexplicável! Mas ainda acredito que ela poderia ter aproveitado melhor a oportunidade que teve!

Zulmira olhou contrariada, até aquele momento ainda não havia compreendido os equívocos cometidos durante a vida na terra.

Aurélio olhou para Zulmira e explicou:

— Todos que retornam para o plano espiritual têm a oportunidade de rever seus erros e acertos durante vida no plano físico. Está vendo esse dispositivo?

Aurélio abriu a mão e Zulmira viu um pequeno cristal translúcido, sem entender o que era perguntou:

— O que é isso?

— Imagine que isso é como um pequeno banco de memórias, ele contém toda trajetória da sua última existência, quando eu colocar esse dispositivo nesse aparelho, poderemos assistir cada momento que você passou na terra. Entendeu?

— Sim, entendi, mas para que vamos ver o que fiz ou deixei de fazer? Já estou morta mesmo!

Antero respondeu:

— Zulmira, você se conscientizou do erro que cometeu ao tirar a própria vida, mas existem muitos fatos que você precisa reavaliar, quando assistir sua trajetória alcançará consciência de muitos dos seus atos.

— Está bem, então vamos ver esse filme sobre minha vida!

Lucia e Antero sentaram-se ao lado de Zulmira e seguraram a mão da filha. Aurélio introduziu o pequeno cristal em um aparelho e um holográfico se estendeu no meio da sala. Com um tipo de controle Aurélio pausava ou acelerava as imagens.

Os primeiros acontecimentos mostrados foram sobre a infância pobre de Zulmira, ela assistia e relembrava emocionada das brincadeiras com os irmãos, os anos de escola, as amigas do bairro, seguiram-se as imagens e logo chegavam as cenas da adolescência. Nesse momento Aurélio pausou a transmissão:

— Zulmira, aqui você está com quinze anos, até então tudo está certo, você tinha mania de mentir para seus colegas de escola, desprezava a vida humilde, mas nada que possa ser considerado grave, podemos dizer que isso é resultado da falta de consciência. Vamos continuar.

Assistiram a adolescente se transformar em uma jovem mulher de vinte anos, as cenas prosseguiram até chegar o momento em que Zulmira fazia a primeira visita a terreira de Pai Augusto. Nesse momento Aurélio parou:

— Zulmira é nesse ponto em que sua trajetória começa a desviar por caminhos obscuros. Sua visita a essa casa foi a primeira oportunidade que teve para se vincular a missão que escolheu antes de reencarnar.

— Que missão?

— Ajudar a espiritualidade a amparar os necessitados, transmitir os ensinamentos do Cristo, contribuir na evolução dos encarnados, trabalhar com a mediunidade que lhe foi oferecida como oportunidade de evolução e aprimoramento moral. Agora vamos assistir como foi seu desempenho!

Zulmira começou a perceber o quanto seria penoso assistir os próximos anos de sua vida, ao seu lado Lucia a olhava com carinho,

Antero mantinha o semblante sério e preocupado. E as imagens continuaram.

Assistiram Zulmira consultar com Pai Jacó, com o Caboclo, falar com Pai Augusto e finalmente iniciar o primeiro dia de desenvolvimento, e novamente Aurélio pausou a transmissão:

— Agora vamos ver como foi o seu primeiro dia de desenvolvimento. Zulmira, está vendo que ao seu lado tem um caboclo? Esse é um dos seus guias, um irmão devotado que esperou muito tempo para trabalhar com você. Consegue ver o que ele está fazendo?

— Sim, está passando as mãos em minhas costas, deve estar se preparando para entrar no meu corpo!

— Não! Definitivamente não! Zulmira, quantas vezes Pai Augusto, Pai Jacó, e vários outros guias te ensinaram que espírito não entra no corpo? Perceba que em volta de você existe uma névoa acinzentada, seu caboclo estava limpando seus corpos, alinhando seus chacras para dissipar essa energia pesada! Agora preste atenção, veja que interessante!

Zulmira olhou com atenção e viu o momento em que ela incorporou seu caboclo pela primeira vez, enquanto ela andava pelo congá o caboclo estava parado olhando incredulamente para as próprias mãos. Aurélio novamente explicou:

— Percebeu? Você não estava incorporada com seu caboclo! Ele está parado e espantado com sua atitude, enquanto você desfila de um lado para o outro!

— Mas eu o sentia entrar em meu corpo!

— Não! Não Zulmira! O que você sentiu foi a energia dissipada pelo seu caboclo durante a limpeza dos seus corpos! Você se enganou! Agora vamos ver sua Preta Velha?

Zulmira olhou para o holográfico e viu uma senhora magra, baixa, cabelos brancos e presos em um coque, a vovozinha se aproximou e acariciou suas costas e no mesmo momento ela se curvou até encostar as mãos no chão.

Dessa vez foi Lucia quem falou:

— Aurélio, pause, por favor! Zulmira, minha filha do céu! De onde foi que você tirou a ideia de que sua Preta Velha era uma Vovó Conga?

Zulmira olhou surpresa e perguntou:

— E não era uma Vovó Conga?

— Não! Sua preta Velha é uma trabalhadora da falange das Vovós Catarina! Minha filha, em nome de Jesus Cristo, até agora não entendo o que deu em sua cabeça! Continue Aurélio.

As cenas seguiam e Zulmira se encolhia na cadeira, Antero balançava a cabeça e um lado para o outro, respirava fundo, batia os dedos na mesa. Lucia tapava os olhos, colocava a mão na boca para esconder o espanto, e Aurélio abaixava a cabeça com profundo pesar. Juntos assistiram Zulmira incorporar caboclo, boiadeiro, baiana, preta velha, e todos os Orixás. Quando o período do desenvolvimento chegou ao final, Aurélio pausou:

— Zulmira, como vimos até agora, você nunca incorporou nenhum guia! Concorda?

— Não entendo! Eu sentia eles!

— Filha, entenda de uma vez por todas! Você nunca incorporou! A atmosfera de uma terreira é permeada por várias energias, juntas se tornam quase palpáveis! São os toques dos atabaques que emitem vibrações específicas para induzi-los a um transe mediúnico, o magnetismo dos irmãos espirituais que interagem com os corpos de vocês, são os fluidos exalados pelas bebidas oferecidas as entidades, a fumaça dos charutos, palheiros e cachimbos que atuam em seus corpos espirituais, as imagens, o congá e tudo em uma terreira é envolvido por campos de energia que vibram e se espalham para todos os lados! Tudo é preparado para facilitar o transe mediúnico e a incorporação! No seu caso, essas energias te levavam ao transe mediúnico e sua mente criava a imagem de um guia entrando em seu corpo, e você acreditava que estava incorporada!

— Mas como é que eu ia saber que estava acontecendo isso comigo?

— Com estudo, disciplina, humildade para ouvir os ensinamentos e conselhos do pai de santo, interesse e desejo de aprender! E quantas vezes o Pai Augusto e os guias tentaram te alertar? Você se recusava a ouvir, brigava era arrogante!

— Eu não fiz por querer! Não tinha a intenção de prejudicar ou mentir!

— Nós sabemos! Você se entregou ao desequilíbrio psíquico! Era inconsciente do que fazia, no entanto, com estudo e compreensão teria aprendido a diferença, se tivesse aceitado os conselhos, teria refinado sua percepção e corrigido esse desequilíbrio! Isso é comum em médiuns iniciantes, mas quando são aplicados, e tem humildade para ouvir, em pouco tempo se alinham e aprendem a diferença entre a sensação de um guia que se aproxima e uma incorporação!

— Entendi tudo, agora posso ir embora?

Zulmira arredou a cadeira e antes que levantasse Antero falou com seriedade:

— Sente-se Zulmira! Não acabamos!

Ela olhou assustada, no mesmo momento fechou o cenho e voltou para cadeira. Sem conseguir disfarçar a irritação reclamou:

— O que mais querem me mostrar? Já não basta? Entendi que nunca incorporei!

Aurélio liberou as imagens e o filme de Zulmira continuou. Ele olhou com tristeza e comentou:

— Zulmira, isso foi apenas o começo! Ainda temos muito para ver, avaliar e conversar. Veja com seus próprios olhos!

Novamente apareceu a terreira, era uma gira de esquerda, naquele momento Lucia se remexeu na cadeira, Antero outra vez balançou a cabeça negativamente e seguiram-se as imagens de Zulmira incorporando pela primeira vez o Exú Marabô.

Zulmira mal conseguia se olhar nas imagens, viu que entre tremeliques, contorcidas, e encenações, Antero estava no congá e, parado do seu lado, surpreendida apontou para a cena e falou:

— Papai! Você estava lá? Era você o meu Exú? O meu Marabô?

— Meu Nosso Senhor Jesus Cristo! Sim e não! Eu era seu Exú, mas nunca fui um Marabô, sou da falange dos Capa Preta! Pelo amor de Deus Zulmira, só agora você entendeu que eu era seu Exú? E antes que pergunte, Lucia era sua Bombo-Gira e não era uma Padilha! Ela trabalha com as Mulambo!

Zulmira sentiu-se envergonhada, Antero respirava fundo, parecia cansado e entristecido com as cenas que não paravam de mostrar equívocos e mais equívocos.

Aurélio pausou acena, deu uma risada discreta e falou:

— Zulmira, a próxima cena é muito interessante! Olhe bem, preste atenção, se não fosse lamentável eu até diria que é engraçado!

Zulmira olhou para a cena e viu Capa Preta parado em um canto do congá tapando os olhos para não ver a vergonha da filha. Vovó Catarina ao lado dando apoio ao homem, e pouco tempo depois viu que Lucia chegava à terreira e olhava assustada para Zulmira com as mãos parecendo garras, um sorriso assombroso, andando de um lado para o outro com uma cara assustadora e crente de que estava incorporada com Marabô.

Passaram-se mais algumas cenas e Aurélio falou:

— É agora! Essa é minha cena preferida! Veja que coisa mais impressionante! É incrível como a mente de vocês é poderosa e tem criatividade! É lamentável que na maioria das vezes criem apenas coisas desprezíveis! Olhe, olhe, veja! Você estava tão bonitinha, parecia um pão vermelho e preto girando por todos os lados!

Zulmira se irritou com o comentário, olhou para Aurélio com raiva, e sentindo que Lucia a cutucava voltou a olhar para tela. Foi então que ela viu o momento em que girava e gargalhava com um copo de champanhe na mão. No canto do congá Antero abraçava Lucia que parecia inconformada.

Lucia pediu para que Aurélio pausasse. A mulher virou-se para Zulmira, segurou as mãos da filha e explicou:

— Minha filha, quanta tristeza eu senti nesse dia! Cheguei na terreira esperançosa de que eu e Antero conseguiríamos trabalhar com você, e bastou que eu me aproximasse para te dar um carinho para você

sair rodando como um pião! O pior foi ouvir você falar para todos que sua protetora era Maria Padilha, nem isso eu consegui te intuir!

Lucia mal terminou de falar e Antero continuou:

— Quantas vezes eu e sua mãe tentamos te intuir, pedimos para os guias da casa conversarem com você, tentamos durante seu sono, mas sua mente estava repleta de ideias infames! Não tinha espaço para nossos apelos! Para mim o mais triste foi ver você vestida como uma mulher da vida e falando para todos que Bombo-Gira são espíritos de prostitutas!

Lucia acrescentou:

— É verdade, isso me deu vontade de chorar! Somos mulheres que na última existência tiveram uma vida como tantas vivem hoje! Éramos donas de casa, mãe, esposas! Aquelas que se perderam nos caminhos da vida pagaram por suas más escolhas e hoje estão redimidas e são trabalhadoras devotas de Maria de Nazaré e Jesus Cristo! Descemos nas terreiras com o coração cheio de amor e corriqueiramente ouvimos pessoas falando que somos espíritos de prostitutas! Ouvir isso sair da sua boca foi ainda mais doloroso! Filha, por que não buscou conhecimento antes de falar bobagens?

— Me desculpem! Por favor me desculpem! Estou muito envergonhada! Me perdoem!

Lucia abraçou Zulmira e falou:

— Filha, não precisa pedir perdão para nós, o que queremos é entender e te ajudar a ver o que fez! Não chore, e não se desespere, tenha força e se controle, mantenha os pensamentos em Cristo, pois ainda veremos muitas coisas tristes! Continue Aurélio.

— Zulmira, vou aproximar a imagem e conseguiremos ver o que você pensava durante os trabalhos, repare bem e vai entender como aconteceu toda essa mistificação.

Aurélio aproximou a imagem e Zulmira notou que sobre sua cabeça se formavam um aglomerado de imagens, enquanto ela estremecia no congá seus pensamentos criavam a imagem de um homem forte, alto, negro e vestido com peles de animais. Aurélio explicou:

— Esse é o seu Exú Marabô, é uma imagem que você viu na televisão quando era criança, você associou essa imagem aos comentários

de seus irmãos de corrente e sempre que se iniciavam os toques para Marabô você fixava a mente nessa imagem, se envolvia nas vibrações que circundavam o ambiente e acreditava que estava incorporada. Agora vamos dar uma olhada na incorporação com sua Maria Padilha imaginária! Veja, não é interessante? Como pode! Que coisa incrível! Você criou uma imagem de gesso! Conseguia incorporar mentalizando uma imagem de gesso que viu em uma loja! É realmente fantástico! Ou devo dizer lastimável?

Zulmira assistiu incontáveis cenas de incorporações que nunca aconteceram, a cada nova cena ela tinha vontade de sair correndo, o arrependimento e vergonha se tornavam insuportáveis. Ela notou que com o passar dos anos seus guias não apareciam mais na terreira, em torno do seu corpo uma nuvem densa e escura se tornava cada vez mais evidente. Aurélio aproximava as cenas, pausava e eles podiam ver todos os pensamentos e criações mentais que Zulmira projetava em seu campo mental que parecia cristalizado em torno de sua mente.

Aurélio deu nova pausa e falou:

— Zulmira, vou te mostrar como acontece uma incorporação verdadeira, você quer ver? É muito bonito!

— Sim, quero ver! Estou cansada de ver tanta coisa triste!

— Então veja e aprenda!

Zulmira olhou para as imagens e viu Geraldo sentado em seu banco, o homem estava envolvido por uma luz brilhante que propagava cores suaves e coloridas, atrás do médium estava Pai Jacó, um homem negro, muito alto e forte, cabelos brancos, olhos grandes e penetrantes que refletiam profunda serenidade e doçura. Do corpo de Geraldo os chacras se projetavam para fora em movimentos circulares e harmônicos, pareciam-se com cones coloridos que se conectavam aos chacras do Preto Velho. A entidade se concentrava e transmitia para o médium aquilo que queria falar para o consulente, ao lado do corpo físico de Geraldo o corpo espiritual parecia inflado e em estado de dormência, continuava ligado ao corpo físico por um cordão prateado e brilhante, mas quem comandava o corpo material era a entidade. Zulmira entendeu que durante a incorporação o corpo do médium era como um aparelho

de transmissão. Era completamente diferente do que ela viu em suas cenas de incorporação. O trabalho entre o médium e a entidade era harmonioso e encantador. Emocionada ela olhou para Aurélio e concluiu:

— É lindo! Nunca pensei que fosse assim! É a coisa mais maravilhosa que já vi!

— É lindo mesmo! É uma conexão espiritual onde o médium ganha muito conhecimento, sabedoria, evolução e luz, por meio da caridade e amor ao próximo médium e guia evoluem!

— E onde está Geraldo? Ele virou pastor também?

— Geraldo já desencarnou, e hoje está em um dos anéis superiores trabalhando com Pai Jacó.

Aurélio desligou o aparelho e Zulmira respirou aliviada. O mentor olhou fixamente para ela e perguntou:

— Agora você entende como acontece o trabalho?

— Sim, entendi! É muito triste perceber que nunca tive essa experiência!

— Zulmira, o que mais você concluiu até agora?

— Que nunca incorporei!

— Só isso?

— E o que mais tem para entender? Não sei o que você quer de mim! Já me mostrou incontáveis cenas apontando meus erros, fez os mais diversos comentários! Já entendi tudo! Posso ir embora?

— Infelizmente não! Pode continuar sentada!

— Sou obrigada a assistir isso?

— Não! Aqui ninguém é obrigado a nada! Você tem seu livre arbítrio e pode escolher se quer adquirir consciência assistindo seus erros em nossa companhia e contar com nosso amparo, ou se prefere voltar para uma zona densa e sozinha encontrar seus erros!

Zulmira entendeu que o assunto era muito mais sério do que ela pensava, diante das opções preferiu assistir em silêncio.

Aurélio ligou novamente o aparelho e falou:

— Até agora o que assistimos foram belas encenações dignas de um oscar! O que avaliaremos de agora em diante é como essa

mistificação influenciou a terreira e a vida dos consulentes. Mas antes vamos dar uma olhada no que Zulmira comprava nessa loja!

Ele liberou a imagem e apareceu Zulmira em uma loja de artigos religiosos. Aurélio olhou para Zulmira e perguntou:

— Minha filha, o que você comprou nessa loja?

— Um baralho!

— Um baralho? Que interessante! Seria magnífico se usado com sabedoria! Você sabia que em todos os jogos existe um espírito que embaralha e joga as cartas?

— Não, não sabia!

— Vocês são os médiuns, transmissores de nossas mensagens! É a espiritualidade que determina as cartas que serão expostas! Se o médium trabalha com espíritos da luz, certamente saberá conduzir o consultante por bons caminhos. Infelizmente não era esse o seu caso, suas companhias na maioria das vezes eram espíritos baderneiros, desequilibrados e muitos buscavam vingança contra as pessoas que você atendia! Sabe Zulmira, muitas vezes esses espíritos ficaram felizes e satisfeitos com suas declarações, se divertiam ao ver os seus clientes serem enganados e iludidos! Me diga uma coisa, esse baralho, por acaso é o mesmo que você usou para ver o futuro dessa mulher?

Zulmira olhou para tela e viu Eleonora, não conseguiu esconder o espanto, segurou forte na mão de Lucia e perguntou:

— O que aconteceu com ela? Parece doente! Era minha melhor cliente!

Lucia explicou:

— Filha, essa mulher era viúva, perdeu o marido muito jovem, passou a vida esperando que alguém suprisse a falta do esposo. Quando ela te procurava se enchia de esperanças de encontrar um novo amor, suas previsões deixaram Eleonora completamente imersa em ideias de um homem perfeito, e todos os candidatos que apareciam não eram como aquele que você descrevia. Aos poucos ela perdeu o interesse pelo trabalho, ficava cada vez mais ansiosa e carente, esperava e procurava seu “príncipe encantado”, frustrada e desiludida começou a beber e tomar

medicamentos. E hoje está nesse estado, se continuar assim vai desencarnar em breve!

— Meu Deus do céu! O que foi que eu fiz! Tem como concertar isso?

— Você vai ter a oportunidade de ajudar, é um dever! Agora olhe para a tela, reconhece esse homem?

— Não! Esse eu nunca atendi!

Dessa vez foi Antero quem explicou:

— É verdade, você nunca o conheceu! Mas a esposa dele consultou com o seu Marabô! Deus do céu, acho que nunca vou me conformar com isso! Você falou para a mulher que o marido tinha uma amante! Agora dê uma olhada no que aconteceu na casa desse casal.

Aurélio rapidamente mudou o pequeno dispositivo e o holograma mostrou a casa do casal, os dois se agrediam com palavras pesadas, a esposa inconformada batia no marido. A cena mudou e Zulmira viu o homem colocando várias malas e caixas no carro, a próxima cena mostrava a mulher chorando na cama e o homem em um apartamento bagunçado bebendo uma cerveja enquanto olhava a foto da esposa. Aurélio interrompeu a transmissão e concluiu:

— O casamento acabou por causa de uma previsão sua! A mulher está bem, para uma coisa seus conselhos serviram, ela começou a se valorizar, mas o marido entrou em completa revolta, atualmente vive para o trabalho e para combater a Umbanda, e tudo que ela fala tem sentido, espalha para todos que seu casamento acabou porque a esposa foi enganada por uma entidade que nem existe! Você tem algo a dizer?

— Não, nem sei o que falar!

— Então vamos voltar aos acontecimentos da terceira.

Novamente Aurélio trocou o dispositivo e Zulmira se viu incorporada com a Preta Velha imaginária, na sua frente um senhor idoso, abatido e enfraquecido, ele segurava a mão de Zulmira com os olhos cheios de esperança. Aurélio chamou a atenção:

— Zulmira, ouça a conversa, veja o que acontece agora.

A voz fraca e rouca do homem ecoou pela sala:

— Vózinha, depois que a senhora me benzeu eu voltei pra casa bem melhor, fiz os chás e banhos e as dores melhoraram bastante, mas ainda me sinto mal, tenho incômodo aqui na barriga!

— Fio, ocê vai fica curado fio! Essa doença mardita vai embora! Tenha fé em nosso senhor jejuis cristo!

— Eu tenho muita fé, só queria que essa dor acabasse de uma vez por todas!

— A dor vai passa fio, mas precisa ter calma! Esperá a hora de Olorum! Continue com os chá e banho que te falei!

Aurélio parou a imagem e explicou:

— Esse senhor tem câncer, e não vai ficar curado, essa é uma prova que ele aceitou vivenciar nessa existência! A fé desse homem é tão grande que melhorou seu estado de saúde. O problema é que muitas vezes ele deixou de ir ao médico porque acreditou que suas rezas eram mais eficazes. Os trabalhadores da casa se acercaram e o intuíram, e como ele estava muito atrelado à crença de um milagre, suas vibrações estavam altas, dessa maneira recebeu as intuições e seguiu nossos conselhos.

— O que vou fazer para reparar tudo que fiz para esses consulentes? Não sei nem por onde começar!

Aurélio olhou entristecido, respirou fundo e falou:

— Zulmira, os consulentes foram amparados pelos trabalhadores da casa, alguns passaram dificuldades, mas não podemos esquecer que fizeram suas escolhas. Esses são apenas alguns exemplos, existem vários outros problemas que aconteceram durante os anos que você ficou na terreira. O maior problema está no que vamos ver agora.

Zulmira sentiu o coração disparar, ela não conseguia imaginar o que poderia ser mais grave, olhou para as cenas e começou a ver seus irmãos de corrente em concentração, Augusto dava início aos trabalhos e logo incorporava seu Pena Branca. Enquanto isso ela se acercava dos médiuns iniciantes e fazia vários rituais e rezas para ajudá-los na incorporação. Zulmira quase não conseguiu olhar quando percebeu que seus irmãos de corrente, induzidos por sua influência começavam a incorporar sem a participação dos guias. Enquanto os médiuns

mistificados andavam pelo congá, seus guias ficavam parados sem saber o que fazer.

Em seguida Aurélio mostrou a última gira que Zulmira participou, olhando para ela apontou os vários médiuns mistificados, entre eles apenas três estavam com seus guias.

Zulmira abaixou a cabeça e Antero iniciou nova explanação:

— Filha, muitos médiuns da casa se perderam porque seguiram seus passos. Depois que a casa fechou alguns dos seus irmãos de corrente se desiludiram tanto que perderam a fé e nunca mais retomaram os trabalhos, outros, desesperados e perdidos acabaram se engajando em casas que trabalham com seres das trevas. Alguns conseguiram vencer a dificuldade seguiram a sugestão de seus guias e encontrar bons lugares onde retomaram o trabalho. Vários consulentes que frequentavam a casa começaram a difamar a Umbanda, Pai Augusto e até os bons médiuns da corrente! Filha, tudo isso são contas que precisará acertar em sua próxima reencarnação!

— Próxima reencarnação? Como assim?

— Filha, você nasceu em condições favoráveis para sua evolução, a pobreza, as dificuldades financeiras serviam para te guiar pelos caminhos da humildade! Na existência anterior você foi uma escravocrata, mulher arrogante, impiedosa que sentia prazer em humilhar o próximo! Muitas vezes comentei com Vovó Catarina e com Lucia que era melhor que você nem tivesse pisado naquela terreira, pois assim não contrairia mais dívidas! Além de recusar as condições que permitiriam sua evolução você agravou ainda mais sua situação! Todas essas pessoas que se desviaram do caminho, que foram prejudicadas com suas previsões e conselhos, você é responsável também!

— Mas eu só queria ter uma vida sem fome! Isso não é pecado!

— Não é pecado, e não tem nada de errado, o problema foi a maneira como decidiu vencer na vida! Você poderia ter melhorado de condição sem vender sua mediunidade! Se priorizasse a caridade teria nosso amparo, te ajudaríamos a ter uma vida melhor, você sairia da miséria dando passos na luz!

— Eu sinto muito, como queria fazer diferente!

— É por isso que terá uma nova reencarnação, no momento certo terá permissão! As condições que envolverão sua próxima experiência estarão atreladas a esses acontecimentos, e somente a espiritualidade superior poderá decidir quando e como acontecerá! Por enquanto se concentre no que pode fazer agora!

Antero deu uma pausa, acariciou os cabelos de Zulmira, e carinhosamente perguntou:

— Filha, tem algo que queira nos falar?

Aurélio, Antero e Lucia olharam fixamente para Zulmira, o silêncio tomou conta da sala, Zulmira pensou por alguns instantes, abaixou a cabeça, respirou fundo e falou:

— Só quero pedir desculpas!

Antero balançou a cabeça negativamente e falou:

— Aurélio, pode continuar! Ela não vai falar! Vamos ser obrigados a assistir isso!

Zulmira arregalou os olhos, se remexeu na cadeira, sentiu as pernas estremeçerem.

Aurélio olhou com piedade e concluiu:

— Minha filha, é lamentável que até agora você ainda não tenha compreendido que nada fica oculto aos olhos de Deus! Eu sou Deus, Antero, Lucia, você e tudo nesse universo infinito é Deus! Na Terra vocês conseguem manter segredos e ocultar muitas coisas, mas sempre chegará o momento em que a verdade será exposta! E esse é momento da verdade!

Ele reativou o holograma e Zulmira viu Pai Augusto, o coração disparou, a cena mostrava a terreira no final de uma noite de trabalho, a casa estava vazia, via-se apenas ela e Augusto sentados em um canto da consulência. Ela envolvia o pai de santo em carícias maliciosas, e ele olhava para ela com os olhos apaixonados.

Aurélio parou a imagem e perguntou:

— Precisamos mostrar mais? Espero que não, pois isso é deplorável!

— Não! Não precisa mostrar mais nada! Isso é um absu...

— Absurdo é você seduzir seu pai de santo! Por que fez isso?

Lucia olhou para Zulmira e completou:

— Filha do céu! Explique por que fez isso?

— Eu queria que Augusto começasse a cobrar pelos atendimentos! Achava um absurdo ele atender um monte de pessoas sem cobrar um centavo! Os médiuns contribuíaam todos os meses e ele não aceitava mudar o funcionamento da casa!

Aurélio argumentou:

— Acho que preciso rever meus conceitos, eu sempre pensei que uma casa de caridade não cobra pelos trabalhos!

— Eu sei! Eu sei! Mas eu achava injusto os médiuns trabalharem todos os sábados, até tarde da noite sem ganhar uma contribuição por isso!

Lucia olhou para Zulmira e com profundo pesar falou:

— Esse homem te amou de verdade! Augusto sempre foi um médium exemplar, mas perdeu a cabeça quando você começou com suas insinuações, ele acreditou que você estava apaixonada. Depois do envolvimento ele se arrependeu, começou a se culpar, se cobrar, perdeu completamente a noção e discernimento, ficou cego para suas exibições e no final foi abandonado! Zulmira! Você simplesmente desapareceu da terra e nunca mais procurou o homem!

Aurélio continuou:

— Senti muita compaixão por esse homem! Ele tinha bons planos, no começo pensava em assumir o relacionamento, trabalhar ao seu lado, ampliar a pequena terra e ajudar mais pessoas, quando notou que suas ideias eram outras, tentou se afastar, mas era tarde, já estava apaixonado! Esse homem sofreu muito, passou por um período de profunda depressão, seus guias tentaram de todas as maneiras ajudá-lo a superar a desilusão, mas ele se entregou completamente! Augusto atraiu para perto de si incontáveis espíritos inferiores que há muito tempo desejavam sua derrocada.

— Mas agora ele é pastor! Está bem e feliz!

— Sim, ele conseguiu vencer a depressão e seus guias conseguiram ajudá-lo! Agora ele faz um trabalho belíssimo como pastor, é um inovador! Suas pregações encantam a todos porque ele fala com o

coração cheio de amor! Zulmira, como pode ver suas escolhas te levaram por caminhos errados, e infelizmente tudo isso tem uma consequência, para cada plantio existe uma colheita e o seu momento de colher chegará! Terá muito trabalho para ajudar algumas das pessoas que prejudicou, então estude e se prepare!

Zulmira não conseguia conter as lágrimas, sentia um profundo arrependimento, nunca levou a sério o caso com o pai de santo, para ela era um jogo inocente, jamais imaginou que Augusto tivesse a amado de verdade. Ela refletia e lembrava dos irmãos de corrente, dos consulentes, dos clientes, e do babalorixá com profundo pesar, queria voltar atrás e mudar tudo, fazer diferente e melhor.

Os pais e o mentor consolavam Zulmira, depois de muitas palavras de apoio, Aurélio novamente se colocou diante do aparelho.

Zulmira olhou assustada, entre lágrimas e soluços pediu:

— Por favor, Aurélio, não aguento ver mais nada!

— Zulmira, tenha calma, eleve seus pensamentos, estamos quase acabando! Filha é importante que avalie tudo! É para seu bem e conscientização!

— Está bem! Se tenho que ver tudo, então vou ver!

Aurélio deu um sorriso amável e continuou:

— Em todos os anos que jogou cartas para seus clientes, nunca pensou em jogar cartas para ver o seu futuro? Poderia ter visto o que te aguardava na união com Carlos!

Quando Aurélio pronunciou o nome de Carlos, Zulmira se levantou em um salto, com exacerbada irritação falou alto:

— Aquele maldito! Desgraça...

Antero puxou o braço de Zulmira e falou com severidade:

— Aqui não! Aqui não usamos esse tipo de palavras! Se contenha, se continuar com essa vibração será tragada para as zonas inferiores e nós não poderemos fazer nada! Se acalme!

Zulmira se sentou e Aurélio reiniciou a sessão. Ela viu o dia em que conheceu Carlos, também avistou vários obsessores ao redor do rapaz e outros que viviam em sua pequena sala de atendimento.

Várias cenas dos anos de namoro, e finalmente o casamento, nesse momento pararam as imagens e Antero começou a falar:

— Eu não sei como esse homem te aguentava! Você era muito chata! Insuportável!

Zulmira olhou para Antero com os olhos estalados, por um instante acreditou que o pai estivesse brincando, e ele continuou:

— Aurélio mostre as cenas dela cheirando a camisa dele! E depois siga para aquela ocasião onde ela fez um escândalo porque o miserável sujou a casa com barro!

Aurélio pausou e ampliou a imagem em que Zulmira cheirava o colarinho de Carlos. Lucia colocou a mão no rosto, parecia sentir vergonha pela filha. E Antero, que mal conseguia esconder a indignação disparou:

— Que é isso Zulmira? O que é isso! Tenha a santa paciência! Não tem um pingão de amor próprio? Agora olhe para a próxima cena! Aurélio coloque o áudio, queremos ouvir todas as belas palavras de nossa amada filha!

Aurélio aumentou o volume e Zulmira assistia a discussão entre ela e Carlos, ela se lembrava daquele dia, foi um domingo à tarde, poucas semanas depois do casamento, Carlão saiu para jogar futebol e ela não gostou, quando o marido retornou ela estava irritada e logo começou a falar:

— Carlão! Por favor! Olhe para essas marcas de barro pela casa! Passei o dia limpando para você chegar sujando tudo! Você é um porcalhão!

— Zulmira, desculpe, eu já limpo!

— Deixe que eu limpo! Você não tem o menor cuidado, não sabe dar valor as coisas que faço! É provável que deixe ainda mais sujo!

Antero levantou a mão e Aurélio pausou, o guardião olhou para Zulmira com um semblante irritado e perguntou:

— Ele encheu a casa de barro? Porcalhão? Mas que apelido bonitinho! O amor é uma coisa tão linda!

— Sim! O senhor não viu? Ele sujou tudo!

Tragédia na terceira, por Lilian Campos

— Aurélio, volte as cenas, acho que Zulmira não viu direito!  
Vamos ver onde está o barro!

Zulmira se apressou em responder:

— Não precisa! Eu admito que foi exagero meu! Eu estava irritada!

— Zulmira, o que eu vi foram algumas pegadas empoeiradas e não um monte de barro! Minha filha do céu, você reclamava, brigava, humilhava o homem! Concordo que ele era um preguiçoso, mas você sabia que ele era assim e quis se casar assim mesmo!

— Pois é, mas ele nunca me falou que eu era chata!

— O quê? Ele nunca reclamou? Aurélio! Coloque aquela cena em que o homem implora para ela ser menos chata! Nossa filha precisa refrescar a memória!

— Agora mesmo meu amigo! Pronto, está aí! Pode olhar Zulmira!

Zulmira respirou fundo e olhou, viu que ela reclamava e brigava com Carlos, em um momento o marido olhou para ela e quase suplicou que ela parasse de reclamar, fosse menos chata e implicante.

Lucia coçava a cabeça e olhava com solidariedade, enquanto isso Antero continuava:

— Quantas vezes você falou para ele que quem pagava as contas era você?

— E não era verdade?

— E não foi você quem fez essa proposta?

— Mas era para ser apenas no começo!

— E por acaso você não sabia que ele era acomodado?  
Namorou sete anos e nunca concluiu que ele continuaria igual?

Lucia não aguentou e intercedeu:

— Filha, nós sabemos que nada justifica o que ele fez com você, foi muito errado, o que Antero quer que você perceba, é que também contribuiu para o fim desastroso dessa união. Carlos se cansou dos seus desmandos, das suas cobranças e você era muito ciumenta!

Antero novamente tomou a palavra:

— Ciumenta? Ciumenta é pouco! Era doente! Zulmira, ninguém aguenta tanta perseguição e controle, acho que ele aguentou tempo demais!

Zulmira ainda tentou se defender:

— Ele era desorganizado, bagunceiro e eu fazia tudo por nosso casamento! Era compreensiva demais!

— Mas parece que você não quer entender mesmo! Deixe-me te mostrar mais um pouco dos seus escândalos! Acho que vou escolher aquele dia que ele esqueceu o aniversário de casamento, vamos ver as belas e compreensivas palavras que você falou para seu marido! Aurélio, separe a cena que ela chama o homem de inútil e zero à esquerda!

— Não precisa! Eu lembro muito bem daquele dia! Chega! Já entendi! Admito que cometi muitos erros, poderia ser mais paciente! Mas ele não precisava fazer o que fez!

— Filha, se você estivesse em um bom caminho, teria percebido os alertas para ficar longe desse homem! Você lembra do pressentimento que teve no dia que o conheceu? Era um companheiro espiritual dele tentando te alertar para ficar longe! Mas você deu atenção? Não! Não deu!

— Posso saber onde ele está? Tentei procurar, mas nunca encontrei!

— Pode sim, vamos ver onde e como está o seu marido!

Aurélio, mais uma vez mudou o dispositivo, e em seguida Zulmira viu Carlão. Ela olhou para Lucia e perguntou:

— Mamãe, esse homem é ele?

— Sim, é ele!

— Mas o que aconteceu? Ele não parece o mesmo! Está envelhecido, parece inchado!

E antes que Lucia respondesse, Antero tomou a vez:

— É o que sempre falo! Homens de pouca fé! Se não tivesse se atirado ao suicídio estaria com ele e esse miserável provavelmente não estaria nesse estado! Era só esperar mais um pouco que tudo ia se resolver!

— Como assim? Me explique!

— Filha, minha filha! Depois que Carlos te roubou e foi embora, se escondeu em um canto no interior do Piauí, comprou uma pequena propriedade rural e tentou tocar a vida, mas nada lhe dava alegria, ele perdeu a paz, pouco tempo depois foi tomado pelo arrependimento, sentia sua falta, tentou se envolver com outras mulheres, mas não conseguia te esquecer. Quando completou cinco meses longe de você ele não aguentou, decidiu te procurar e pedir perdão.

— Ele foi atrás de mim?

— Sim Zulmira, ele foi atrás de você! Mas você já estava morta! Quando ele chegou na casa dos seus pais e ficou sabendo do seu suicídio ele quase enlouqueceu! Voltou para o Piauí e se entregou a bebida, em pouco tempo gastou todo o seu dinheiro com prostitutas e contraiu uma doença.

— Prostitutas! Ele gastou todo meu dinheiro com mulheres e bebida?

— Sim, sim! O infeliz desgraçou a própria vida! Está assim há anos!

— Posso fazer uma pergunta? Há quantos anos estou morta?

— Há quase oito anos! Filha, o tempo aqui é muito diferente daquilo que vocês conhecem na terra, para que você possa ter uma noção, desde o momento que entramos nessa sala até agora, na Terra já se passaram quase seis meses! Você passou um longo período nas câmaras de recuperação e mais de dois anos no vale dos suicidas.

Lucia segurou a mão de Zulmira e explicou:

— Filha, esse homem está muito doente, provavelmente vai desencarnar em breve, e você é a única que poderá ajudá-lo!

— Eu? Mas de jeito nenhum! Não tem outra pessoa?

— Não Zulmira! Não tem! Quando ele desencarnar vai direto para o mesmo lugar que você foi, e sabe-se lá quanto tempo ele vai ficar naquele vale até se perdoar! Se encarnado ele está nesse estado, imagine depois que desencarnar? Ele te ama, e você pode ajudá-lo a se elevar para ser resgatado!

— Mamãe, eu não sei fazer resgates! Eu não quero ver Carlão! Eu fiquei mais de dois anos naquele vale escuro! E ele vai ser resgatado em seguida? Por quê?

— Filha, esse homem já se arrependeu, foi atrás de você para pedir perdão, carrega uma culpa terrível! Você ficou naquele vale o tempo que precisou para criar consciência e se arrepender do suicídio! Você tem certeza que quer ver Carlos naquele vale imundo onde você ficou?

Zulmira pensou por alguns instantes, lembrou-se dos momentos felizes ao lado do marido e falou:

— A senhora está certa, aquele lugar é um inferno, não desejo isso nem para meu pior inimigo! Mas como vou resgatar ele? Não entendo nada desse lugar!

— Acreditamos que Carlos ainda aguente dois ou três anos, durante esse tempo você vai se preparar, vou te levar para uma colônia onde tem uma escola, você vai ter que estudar e se empenhar muito! O tempo é curto, mas é possível!

Antero olhou para Zulmira e comentou:

— Agora você vai ter que estudar! Não quis fazer isso na crosta, pois terá que fazer agora!

— Está bem! Mas antes de ir eu queria saber como estão meus pais e meus irmãos.

Aurélio respondeu às perguntas de Zulmira:

— Filha, seu pais estão bem, Augusto tem ajudado muito e eles se agarraram a fé. Seus irmãos, como você já suspeitava quando estava encarnada, se envolveram com os traficantes da favela, foram presos e desencarnaram na prisão, atualmente os dois estão em uma zona umbralina, não há nada que você possa fazer agora, eles precisam expurgar e adquirir consciência dos crimes que cometeram.

— E minhas irmãs?

— Você vai ficar feliz com essa notícia, Zuleide se mostrou uma ótima médium, trabalha com devoção e amor, hoje ela tem sua própria terreira e faz um trabalho magnífico.

— Zuleide é mãe de santo?

— Sim, ela é mãe de santo, estudou, desenvolveu a mediunidade e hoje ajuda vários médiuns a seguir por um bom caminho! Zuleica está bem, não segue nenhuma religião, mas é boa mulher, trabalhadora e honesta! Filha, sua vida agora é outra, esqueça as coisas da Terra e se dedique a nova jornada!

— Fico feliz por Zuleide, pelo menos ela conseguiu fazer o que eu não fiz!

— Não se lamente, olhe para frente, aproveite as oportunidades que terá de agora em diante! Agora me dê um abraço! Filha, sabemos que em muitos momentos fomos severos, mas foi necessário para que você enxergasse os erros que cometeu! No vale dos suicidas você se arrependeu por tirar a própria vida, se recuperou e continuou inconsciente da trajetória equivocada que teve na terra! Precisava adquirir consciência!

— Agora eu entendo, admito que uma parte minha estava consciente dos erros, mas outra não queria admitir. Quero começar uma nova vida, ajudar quem eu puder, e reparar os erros cometidos! O que mais me entristece é saber que perdi a oportunidade de fazer um lindo trabalho com meus pais e tantos outros amigos! Fico me perguntando como teria sido a minha vida se tivesse levado a sério o trabalho com a espiritualidade, se tivesse estudado e ouvido com humildade!

— Com certeza teria uma vida humilde, mas em paz! E quando voltasse para nossos braços não teria essas perguntas e arrependimento que tem em seu coração! Mas a bondade divina é infinita, sempre existem novas chances e novos recomeços!

— Obrigada Aurélio!

Zulmira se despediu de Aurélio de Antero e seguiu com Lucia para uma colônia de moças.

Ao chegar no lugar, Zulmira se sentou feliz, a colônia era bonita, destacava-se uma grande edificação que parecia uma universidade. Logo que entrara no prédio foram recebidas por Selma, a mulher sorridente e simpática abraçou Lucia com carinho e perguntou:

— Então essa é Zulmira?

## Capítulo VI – A hora da verdade

— Sim, é minha menina, quero saber se ela pode iniciar os estudos, em breve terá uma missão!

— Sim Lucia, já estamos sabendo de tudo! Zulmira, aqui você terá todo o ensino e preparação para trabalhar com as equipes de resgate, você não é obrigada a ficar, se não gostar pode ir embora. Temos alojamentos onde as moças vivem, a escola onde receberá instruções, áreas de lazer, e sempre faremos o possível para que se sinta feliz!

— Obrigada, tenho certeza que serei muito feliz aqui!

Lucia se despediu da filha e Zulmira iniciou os estudos, em pouco tempo fez amizade com outras estudantes, aprendeu como aconteciam os resgates, o que era necessário para recolher os sofredores, como aplicar os passes salutares que os ajudariam a sair dos transe, e como abordá-los em meios a escuridão e tormento.

Algum tempo se passou e um dia Zulmira recebeu a visita de Lucia, a mulher abraçou Zulmira, segurou os braços da filha e falou com alegria:

— Zulmira, minha menina, chegou a hora! Carlos desencarnou e está no vale dos suicidas

— Como ele desencarnou?

— Foi triste filha, ele desencarnou na virada do ano, bebeu tanto que caiu inconsciente em um beco imundo próximo ao bar.

— Ele desencarnou na virada do ano? Qual ano?

— Na terra é o ano de 2018, faz algumas semanas que ele está no vale, mas para ele parece anos!

— E por que não me chamaram antes?

— Porque ele tinha algumas coisas para expurgar, e não esqueça que o tempo para ele é diferente do nosso! O estado mental perturbado faz com que o tempo se prolongue. Agora vá, se prepare, tem uma caravana que está indo para aquela região, vamos acompanhá-los.

Zulmira se preparou com uma roupa específica para descer nas zonas densas, e junto com um grupo de samaritanas seguiu em direção ao vale.

Quando chegou ao lugar Lucia mostrou onde Carlos estava, Zulmira seguiu na direção indicada e pouco tempo depois viu o homem

desacordado embaixo de uma árvore escura e retorcida, o corpo imóvel mergulhado na lama e cabeça apoiada sobre pedras viscosas.

Ela se agachou ao lado do corpo, acariciou os cabelos de Carlos e falou:

— Carlos, Carlos, acorde, abra os olhos! Sou eu, a Zulmira!

— Zul... Zulmira, é você? Não pode ser, você se matou! Está morta!

— Sim, eu cometi um erro, mas Deus é bom e permitiu que me tirassem desse inferno, agora vim buscar você!

Carlos deu um salto e sentou-se, olhou para Zulmira com os olhos arregalados e falou:

— Eu fui muito mal! Agora você é um anjo e estou no inferno!

— É verdade! Você foi um safado mesmo! Mas isso não importa mais! Quer ir embora comigo?

Zulmira estendeu a mão para Carlos e o homem se atirou de joelhos e agarrou suas pernas em súplicas:

— Zulmira, eu te amo! Eu te amo muito! Me arrependo tanto, sinto sua falta, não consigo viver com essa culpa!

— Você me ama mesmo?

— Sim, amo muito! Me perdoe!

— Se me ama de verdade então quero que faça uma coisa!

— Faça o que você quiser! Pode pedir!

— Você lembra como se reza o Pai Nosso?

— Não, não consigo lembrar, minha cabeça dói muito!

— Então vou rezar e você repete!

— Sim, sim, eu rezo com você!

Zulmira olhou para Carlos, o coração se compadeceu, o rosto magro, os cabelos enlameados, as mãos imundas, ela notou que na região do estômago e fígado formava-se uma massa viscosa e preta.

Ajoelhando-se de frente para o marido, ela segurou firme nas mãos do homem, deu um sorriso e iniciou a oração.

Carlos olhava para a mulher que amava, nunca tinha visto Zulmira tão bonita, quando ela sorria seu coração se iluminava, encantado com a visão ele repetia a oração.

Zulmira rezou uma, duas, três, vezes, mas Carlos não conseguia aumentar suas vibrações.

Ela olhou com ternura e falou:

— Carlos, você se lembra de Jesus? Como eram lindos os olhos dele? Vamos rezar de novo, mas agora quero que feche os olhos, se concentre e lembre de Jesus!

Zulmira reiniciou a oração e olhou para Carlos, o homem fechou os olhos e se esforçava, ela carinhosamente acariciou o rosto do marido, e com extremo carinho deu-lhe um suave beijo nos lábios e continuou a oração.

Carlos abriu os olhos lacrimejantes, olhou para Zulmira e deu um grande sorriso, naquele momento suas vibrações se elevaram e uma leve luz começou a irradiar do coração para todo o corpo.

Zulmira se levantou e o ajudou a ficar em pé, quando olhou para o lado, Lucia e outras companheiras chegavam com uma maca, as mulheres cercaram Carlos e aplicaram passes, ele se acalmou e entrou em estado de entorpecimento.

Segurando a mão de Zulmira ele implorou:

— Por favor, não me deixe! Nunca mais vou te abandonar! Eu juro!

— Carlos, agora você vai receber tratamento, seu tempo nesse inferno acabou, não tenha medo, logo irei te visitar!

Carlos foi levado para as câmaras de recuperação e Zulmira retornou para sua colônia. O coração leve e em paz, sabia que havia feito algo bom.

Ela continuou com seus estudos e trabalho com as samaritanas, fazia visitas a Carlos, mas ele continuava em sono profundo.

Passado algum tempo Lucia, novamente foi até a colônia, tinha um convite para Zulmira:

— Filha, quero te fazer um convite, não é obrigada a aceitar, mas acredito que aprenderá muito e poderá reparar um pouco dos equívocos cometidos na casa de Pai Augusto. Você quer trabalhar em uma terra?

— Como? Que trabalho?

— Você vai ajudar os médiuns a entrar em concentração, é simples, basta aplicar passes, transmitir bons pensamentos, envolvê-los em boas energias, limpar os corpos. O que me diz? Quer tentar?

— Sim! Sim! Quero muito! Sinto saudades da terreira! Essa é uma oportunidade de fazer um bom trabalho! É na terreira de Zuleide?

— Não filha, não é na terreira de Zuleide, não teremos uma terreira fixa, vamos onde precisarem de auxílio!

E assim Zulmira iniciou mais um trabalho, atualmente ela auxilia os médiuns de terreira durante o transe mediúnico, continua com as samaritanas, e se dedica aos estudos.

O caso de Zulmira tornou-se muito conhecido no plano espiritual. E com seu consentimento e permissão da espiritualidade maior, hoje sua história é compartilhada com os encarnados.

Mantemos no coração a esperança sincera de que o caso de Zulmira sirva de exemplo para todos que trabalham com sua mediunidade e aceitaram a missão de ajudar na evolução da humanidade.

---

## **SOBRE O LIVRO**

Formato: 14 x 21 cm

Tipologia: Garamond/Constantia 10/11/14/16/26

1ª edição: 2019

---